

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 3 DE MARÇO DE 1974 N.º 018386 ANO 53.º PREÇO 2\$50



A ETIÓPIA EM FOCO

Revolta e fome no país do Rei dos Reis

REPORTAGEM DE JEAN CLAUDE GUILLEBAUD
EXCLUSIVO «LE MONDE»-«DIÁRIO DE LISBOA»



MAKALLÉ (Província do Tigré) — Quatro dias de estradas difíceis para atravessar as duas províncias! Quatro tiradas carregadas de surpresas e de indignações «ocidentais». De raiva, às vezes... Esta tarde, por um fugaz instante, Makallé parecia-nos asseada e «próspera» ao olhar as aldeias miseráveis perdidas nas montanhas de Ala-Mata, de onde acabamos de chegar. Este grande charco de casas brancas, dispersas num deserto de pedra, este planalto ventoso onde brotam já alguns imóveis de andares, onde a pedra substitui a madeira, contrasta com tantas misérias acoradas lá em cima... e, no entanto...

Estamos no dia do Natal etíope.

Nas casas particulares lançou-se feno pelo chão, como manda a tradição. No mercado, acabou-se de degolar os últimos cabritos para a consoada. Três mesas «europeias» e uma árvore de Natal são erguidas na sala de jantar do Hotel Abraha. São estas as primeiras doçuras da viagem — não serão saboreadas sem uma secreta culpabilidade. Este pequeno «palace» local pertence à mulher do governador, um homem avisado que, por sorte, gere tão expeditamente a sua província como os seus próprios negócios. Uns e outros, essa é que é a verdade, confundem-se às vezes. Não importa! Segundo a própria confissão dos sal-

(Continua na pág. VIII)



A Imprensa à frente da rádio e da televisão

Segundo um inquérito efectuado em Lisboa

A importância da palavra impressa, da rádio, da televisão — dos meios de comunicação em geral — foi crescendo à medida que o Mundo se foi tornando mais pequeno, e a demarcação das fronteiras menos nítida. Ou seja: na medida em que a notícia de um acontecimento registado, por exemplo, num território de África, foi tendo repercussões cada vez mais imediatas a muitos milhares de quilómetros de distância; na medida em que um golpe de Estado, um desafio de futebol ou uma crise económica foram interessando progressivamente os quatro cantos do Mundo.

A informação é um poder: mas se o é, quem beneficiará verdadeiramente da sua força de canalizar paixões, modelar mentalidades, alinear decisões de grandes grupos humanos? E se uma questão básica é a de saber a percentagem dos nove milhões de portugueses que têm acesso à leitura e à informação, no seio dos que lêem e se informam, quais as posições face à Imprensa

que consultam, à rádio que sintonizam, à televisão que vêem? Como se informam os portugueses, seria a proposta genérica a lançar, proposta que não cabe no âmbito deste reduzido inquérito a que várias pessoas, abordadas pelo «Diário de Lisboa», responderam. As nossas perguntas foram as seguintes: — Através de que meios de informação



(rádio, televisão e Imprensa), toma conhecimento quotidiano do que se passa no Mundo?

Qual é o espaço diário de tempo que dedica à leitura ou à audição dos órgãos da Informação?

Qual a sua opinião sobre a Imprensa, a rádio e a televisão portuguesas?

Afirmou-nos um arquiteto, de 40 anos:

— Informo-me pela Imprensa, normalmente. Às vezes pela rádio, raramente pela televisão, a não ser como forma ilustrativa de alguma coisa que já sei anteriormente.

A grande vantagem da Imprensa é que pode haver uma possibilidade de escolha de entre os jornais existentes, do tipo de aproximação do Mundo exterior que mais nos interessa. Embora, claro, a diversidade seja pautada pela diversidade

de que aqui é possível. E continuou:

— Ainda que ouça rádio quase todo o dia, sou perfeitamente alheio aos noticiários. A televisão não me interessa muito.

O tempo que dedico à leitura varia muito. Há dias em que uma simples passagem em diagonal é mais que suficiente, outros em que guardo o jornal para o ler mais calmamente no fim-de-semana.

Dos jornais portugueses que leio (e que são três), quase sempre vejo primeiro o noticiário internacional e a seguir uma ou outra crónica que me é familiar e que acompanho com regularidade.

Não tenho uma opinião formada, mas como análise de tendências, parece-me há relativamente pouco tempo ter havido na Imprensa, uma evolução num sentido sensacionalista em extremo desagradável e inútil.

Como disse, parece-me que a grande vantagem, apesar de tudo, que a Imprensa tem, é poderem surgir várias atitudes e várias formações, para vários públicos também.

Um empregado de escritório, 22 anos, declarou-nos:

— Não tenho televisão, nunca tive. Leio um jornal diário, aquele que me dá mais garantias sob o ponto de vista da honestidade do noticiário. Rádio, só ouço de vez em quando um programa da tarde, no qual se passa música muito interessante.

Costumo ler o jornal à noite, quando regresso a casa, de metro ou de autocarro.

Acho que temos uma grande falta de informação. Mas penso que ler os jornais é melhor do que ouvir rádio ou ver a televisão.

Um comerciante, 37 anos, disse-nos:

— Vejo muita televisão, principalmente à hora dos telejornais. Tem sempre interesse a gente conhecer uma face das coisas que se passam. Mas também leio jornais, compro até alguns semanários para os meus filhos lerem.

Embora tenha sempre muito pouco tempo para me informar, aproveito geralmente a hora do almoço para dar uma vista de olhos pelo jornal.

Acho que todos são incompletos, desde os jornais até à televisão.

Um caixeiro-viajante, de 28 anos, afirmou-nos:

A informação portuguesa não me seduz muito. Leio porém alguns jornais diários, e ouço rádio. A televisão é-me completamente estranha, embora não possa ignorar o peso dela na formação da população portuguesa. Sempre que posso, adquiro uma ou duas publicações francesas, que me vão pondo a par do que se passa no Mundo.

Não tenho horários fixos para isso mas reservo normalmente a noite para fazer as minhas leituras, quando não vou ao cinema ou não dedico o meu tempo a outras actividades.

A minha opinião sobre a informação portuguesa é que ela cumpre excelentemente o papel que lhe cabe.

Uma escritora, de 46 anos, declarou-nos:

Leio quase todos os jornais portugueses e alguns franceses. Ouço também rádio. Televisão, também vejo, embora proíba os meus filhos de a verem, pois penso que a sua influência é muito deseducadora.

Leio muito, dedico geralmente duas ou três horas por dia à leitura e à consulta da Imprensa. Normalmente à noite. A minha opinião sobre a Imprensa portuguesa é que a existência de jornais com orientações divergentes, proporciona opções que a rádio e a televisão não proporcionam. A rádio, embora com estações que se diferenciam, não me atrai muito. Tenho sempre o aparelho ligado na estação que não tem publicidade, mas muitas vezes mudo para a música clássica. Quanto à televisão, não gosto e salvo alguns programas infantis, acho que é muito prejudicial.

Um advogado, 30 anos, disse-nos:

Qualquer que seja o meio de informação — Imprensa, rádio, televisão — os acontecimentos que merecem honras de notícia, não deixam sempre de ser parciais. E no entanto a Imprensa — mais pelo número de jornais do que pela diversidade de orientação — o meio de informação que poderá, dentro das limitações conhecidas, oferecer visão mais aproximada daquilo que se passa pelo Mundo.

E prosseguiu:

Não subestimo porém, o valor documental de que a imagem televisiva é portadora. O que se passa, quotidianamente pelo mundo, poderá ser do nosso conhecimento. E neste aspecto, é indiferente o meio informativo a utilizar.

Para o português médio (que lê pouco) o tempo dedicado por mim à leitura poderá ser um desperdício... Acontece porém, que as necessidades profissionais me obrigam a tal.

O nosso entrevistado ainda afirmou:

— Ler um jornal português é difícil. Primeiro, porque, salvo raras excepções, não existe uma qualidade intrínseca que o justifique. Depois, há repetição (em especial de noticiário político) em todos eles. Não existe crítica, não existe tratamento.

A última questão levantada daria para um livro... Dar uma opinião, assim em três linhas, sobre a Imprensa em Portugal, é assim difícil. No entanto, acrescentando aquilo que já foi dito anteriormente, direi que, no nosso País, a Imprensa é um reflexo da vida social.

Um motorista, 46 anos, afirmou-nos:

Não tenho tempo para ler. De vez em quando é que compro um jornal, mas é-me indiferente, acho que trazem todos as mesmas coisas. A minha vida é de trabalho, não dá muito para ver televisão. Para já não a tenho e, depois, não posso ir para cafés.

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CAMPO GRANDE, 6 — LISBOA - 5

AVISO

REDISTRIBUIÇÃO DE FOGOS DO BAIRRO DE CASAS DE RENDA ECONÓMICA DE ÉVORA

1. Torna-se público que está aberto concurso pelo prazo de quinze dias, a partir de 4/3/74, para redistribuição de 4 fogos vagos que constituem o bairro de casas de renda económica de Évora (1.ª, 2.ª e 3.ª fases) e dos que vaguem durante o período de validade do mesmo.

2. As rendas a considerar são as seguintes:

1.ª FASE	
TIPO II	500\$00 a)
TIPO III	600\$00 a)
TIPO IV	700\$00 a)
TIPO IV - a	850\$00 a)
TIPO V - a (c/ marq. esc/ serviço)	950\$00 a)
2.ª FASE	
TIPO II	300\$00 b)
TIPO III	400\$00 b)
TIPO IV	500\$00 b)
3.ª FASE	
TIPO II	400\$00 b)
TIPO III	500\$00 b)
TIPO IV	600\$00 b)

Relativamente aos candidatos que não sejam beneficiários de Instituição de Previdência, as rendas indicadas com as alíneas a) e b) sofrerão um acréscimo, respectivamente, de 100\$00 e 50\$00.

3. A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com o «Regulamento da Distribuição das Casas de Renda Económica» em vigor.

Dá-se preferência na classificação, aos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiárias) de Caixas de Previdência, e trabalhem, há mais de dois anos, nas freguesias que constituem o concelho de Évora.

4. Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte dos beneficiários da Previdência devem ser entregues, até ao dia 18 do corrente nas respectivas Instituições de Previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser remetidos dentro do mesmo prazo para esta Instituição.

5. Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência ou solicitadas a esta Caixa.

Lisboa, 3 de Março de 1974

A DIRECÇÃO

EMISSORA NACIONAL

Pagamento de taxas AVISO

Devem ser pagas durante o mês de Março, as taxas das licenças de rádio e de televisão que têm indicado este mês na capa do livrete e que correspondem às licenças anuais com números terminados em 1 (um) e semestrais em 2 (dois) ou 3 (três).

O pagamento pode ser efectuado em qualquer estação dos correios do Continente ou Ilhas Adjacentes, na Tesouraria da Emissora Nacional, Rua Castilho, 30-A, em Lisboa e nos Emissores Regionais, às horas normais de expediente.

Também até final deste mês, ainda podem ser pagas na Emissora Nacional as taxas das licenças que deviam ser satisfeitas no mês de Fevereiro acrescidas de 25%. Decorrido este prazo, segue-se a cobrança através dos juízos fiscais.

Os vales de correio devem mencionar o número da licença, sem o que não poderão ser recebidos.

Carnaval agrilhoado

Há neste momento no Rio de Janeiro meio milhão de turistas. Muitos deles vêm dos estados em que o país se divide. Gente do Norte, do Nordeste, de Minas Gerais, de São Paulo, de Goiás, de Brasília, e do Sul. Mas turistas mesmo (o chamado «gringo») vem da Europa, dos Estados Unidos, do Canadá, a que se juntam outros, menos prósperos, oriundos das agitadas repúblicas da América do Sul.

Estamos, pois, com meio milhão de turistas, atraídos pelo decantado carnaval carioca.

Mas, cadê Carnaval?

Carnaval - 1

Porque, de facto, já houve carnaval neste Rio de Janeiro, quando cada um cuidava de si próprio e, vestindo as mais extravagantes fantasias, só voltava para casa na Quarta-Feira de Cinzas.

Sim, isso já existiu. E era assim, nos primeiros carnavais de que fiz parte, quando cheguei ao Rio de Janeiro.

Parece que na América Central e no Caribe, especialmente, ainda existe algo de semelhante. Mas eu não vi. Nem mesmo fui a Cuba desprezando um convite que me fizeram em 1943. Não. Para mim, carnaval era o carioca. O da batucada, dos blocos, dos cordões, dos ranchos que se formavam e nasciam conforme a tradição de ruas e bairros, porque na verdade, nesse tempo, ruas e bairros tinham seu jeito próprio de viver. Uns mais fechados, outros entregando-se com mais facilidade às tentações de Momo.

Para que o leitor me entenda é indispensável dizer que o carnaval de então era o mesmo para ricos e pobres. Dias de brincar à solta, de pular à solta. De vestir por aí com um pandeiro na mão, e o samba na ponta do pé.

Carnaval - 2

Carnaval era: participar. Carnaval era ir na onda: — «O abre alas/ que eu quero passar / Eu sou da lira, / Não posso negar!».

Arranco de uma descrição do escritor José de Alencar este trecho de uma crônica escrita em 1855, isto em pleno século XIX: — «... no teatro de São Pedro, por volta da meia-noite saltavam, pulavam, gritavam milhares de pessoas. Era um pandemônio, uma coisa sobrenatural, uma alucinação fantástica».

Carnaval - 3

Mas voltando a 1949. Eu, pessoalmente, fiz parte de muitos cordões...

— O quê? O que é um cordão?

«O cordão, como disse outro escritor, Paulo Barreto, é a vida delirante, o último elo das religiões pagãs.»

Portanto, entrar no cordão era cair em transe na batida dos atabaques, com perda total dos sentidos...

— A loucura, então?

Certo. Mas o que é ser louco? Já outro escritor, esse bem actual, o argentino Julio Cortázar afirmou num livro recente: — «Não é qualquer um que fica louco. A loucura é preciso merecê-la».

E eu mereci, confesso, a loucura do carnaval na década de quarenta.

Carnaval - 4

Mas nos anos cinquenta o carnaval esmoreceu. A Imprensa gritava: — «O carnaval acabou!» E já as ruas não ficavam coalhadas com as centenas de cordões que tinham sido a alegria do Rio de Janeiro.

Que se passara? Apenas isto: a cidade modificara-se. Durante, e após a Segunda Grande Guerra, milhares de europeus foragidos de Hitler tinham vindo parar aqui. E logo se ins-

talaram. Criaram negócios. Traziam sua religião, seus usos, seus ritos, seus preconceitos, incompatíveis, diziam, com a selvejaria demoníaca do carnaval: — «Isso é coisa de negros!», gritavam.

Então os brasileiros de boa estirpe começaram a ter vergonha de sair à rua nos cordões.

O carnaval morreu!

E preciso porém dizer que os filhos, e hoje os netos, desses refugiados de então se integram em completa sintonia com o espírito carnavalesco da juventude carioca, a dos bailes nos clubes, onde os trajes, às três da manhã, se resumem àquele delgado sendal de que falou Luís Vaz de Camões, na ilha dos Amores. Já não se cobre nada. Ou pouco. E em parte.

Carnaval - 5

Passou então a ser moda passar o carnaval em Petrópolis, e outras cidadezinhas bem comportadas.

O carnaval morreu!

Mentira. Passou a ser só do povo. Dos bairros humildes. Dos morros. E foi dos morros que começou descendo, no Carnaval, a «marcha-rancho». Um adeus melancólico e triste do Carnaval, assim evocado pela poetisa Stela Leonardo: «Vai, marcha-rancho, voz do passado, Banzo, voz do rei Banguê. Quando passa por Gamboa vai chorando: e, é, é, é!»

Mas a marcha-rancho era indiscutivelmente triste. E, como escreveu Lúcio Rangel, era preciso fornecer ao povo algo mais buliçoso, mais alegre, com mais ironia e malícia, música, enfim, que fosse um retrato do povo carioca.

E surgiu o primeiro samba. Isto foi em 1917. Um rastro de pólvora a que chegaram um fósforo aceso. Os morros, o po-

vo, os bairros humildes, encontraram o seu canto. E dentro de dois anos já existiam as escolas de samba. Uma delas, a que deram o nome de Deixa-Falar, lembrou-a assim, mais tarde, o compositor Ismael Silva: — «A primeira escola de samba / Nasceu no Estácio de Sá, / Eu digo isto e afirmo / — E posso jurar!» (desculpem, mas leiam mesmo jurá).

Ninguém sabia então o que ia acontecer de bom e de mau. Ambas as coisas, no entanto. Mas foi nos morros, sim, nos morros, entre negros, crioulos, mulatas, passistas, atabaques, bateria, que foi renascendo sozinho, ano a ano, o carnaval carioca. Multiplicavam-se as escolas. E todos se esforçavam por recriar, intacta, a lembrança, de um ritmo que lhes vinha do passado. Que lhes estava na alma. No molojo quente do corpo. Bataques de África. Porões de navios. Tempos da escravidão. O serviço duro das senzalas. O contraste com o luxo dos palácios onde carregavam, de librê, bandejas com vinhos e doces, vendo perpassar, diáfanos, rainhas e princesas. Tudo isto, através da memória, renascida nos ensaios do samba. Em dança. Em alegria, em carnaval. E assim vinham por fim, desfilar pelas ruas da cidade, para viver como num sonho...

Carnaval 6

E aqui que interrompo a conversa. Sim, o carnaval morrerá. Isto é, julgavam-no morto. Foi quando o Governo descobriu que se tinha perdido por completo a melhor tradição da cidade: a do carnaval. Que desde os séculos XVIII e XIX tinha trazido ao Rio gente sábia e curiosa de usos e costumes populares. E enquanto na Imprensa se continuava afirmando: «O



... Carnaval é o carioca. O da batucada, dos blocos, dos cordões, dos ranchos...

carnaval morreu» — surgiram categorizados estrangeiros, afirmando: «Mas é um espectáculo surpreendente esse desfile das escolas de samba».

De facto, era. As escolas enchiam as ruas com o seu entusiasmo espontâneo e puro, dançando e cantando. E, ao passarem, levavam atrás multidões que se incorporavam na batida do samba. Era a apoteose da negritude.

Carnaval 7

Então, uma noite, Getúlio Vargas, informado do que se passava, ordenou:

O quê? Se é assim, a partir do próximo ano vamos oficializar esse desfile. Se isso é turismo, vamos fazer turismo.

Se isso é um valor, vamos aproveitá-lo.

E desde o ano seguinte, até hoje, as escolas de samba têm sido vítimas, mas, ingenuamente, perdidamente, do interesse e da vaidade oficial.

Delas passou a exigir-se tudo. Luxo. Riqueza. Harmonia. Disciplina. Enredos de exaltação patriótica. Pontualidade. O que era espontâneo, passou a ter uma face suspeita: a profissionalização. E agora as escolas, para sobreviverem, têm de aceitar acordos comerciais, compromissos de viagem, e até a colaboração de brancos, avidos de publicidade, especialmente estrangeiras bonitas, desejosas de se verem nas telas, e nas delegações de todo o mundo. E, como se isto não bastasse, os desfiles, que eram apenas alegria, transformaram-se numa espécie de campeonato, como os de futebol, em que a classificação é disputada em lutas de vida ou de morte.

Carnaval - 8

Mas não é tudo, não. Nos últimos anos resolveram erguer altas arquibancadas de ambos os lados da larga avenida que surgiu no lugar onde os desfiles tinham começado. Criaram-se em volta verdadeiras muralhas. Inexpugnáveis. De fora, ninguém via. E lá dentro só cabiam trinta e cinco mil pessoas. Pagando caro. Com os ingressos vendidos quase exclusivamente às agências de turismo. Numa cidade de três milhões de habitantes, as escolas deixaram de desfilar para o povo.

Este ano, numa outra avenida, a que foi necessário podar e arrancar velhas e frondosas árvores (adeus verde!) a lotação subiu para cinquenta mil assistentes. E este, que é o único espectáculo verdadeiramente carioca do Carnaval, fechado entre as duas muralhas, só serve para dez por cento dos turistas que vieram para assistir ao afamado desfile. Quer dizer, o carnaval não serve para os que vieram de fora, nem para a cidade. Nem para o turismo. Nem para o samba. E muito menos para o povo.

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28-apartamento 908 Copacabana-G. B. Brasil



... no molojo quente do corpo... bataques de África trazidos há séculos em navios...

O Estado da Califórnia exige imunidade contra a rubéola

Na Califórnia as mulheres que pretendem casar precisam agora de estar vacinadas contra a rubéola. Entrou em vigor uma nova lei, que exige a vacinação das mulheres com menos de 50 anos. Exceptuam-se as que demonstrarem já possuir imunidade e as que são estéreis. O Departamento Sanitário justificou esta Lei, como uma maneira de evitar as malformações congénitas das crianças nascidas de mães que contraíram a rubéola, durante a gravidez. A Califórnia é o único Estado com esta condição necessária, para obter licença de matrimónio. O Illinois promulgara uma lei análoga, em 1972, mas esta foi vetada por um dos órgãos governamentais, dado o risco de vacinação de mulheres já grávidas ou que viriam a ficar grávidas num período de 3 meses.

Novas descobertas sobre a Gonorreia

Um grupo de médicos da Universidade de Washington, descobriu, através de um estudo executado em civis e militares, que muitos mais homens do que se supunha são portadores não detectados de gonorreia. Num artigo publicado numa das últimas tiragens de Janeiro de «The New England Journal of Medicine», médicos de Seattle afirmam que um importante factor de manutenção da pandemia de gonorreia é a importância dos indivíduos para detectar e tratar os homens assintomáticos, mas portadores da bactéria que causa a gonorreia. O exame bacteriológico usado para diagnóstico desta enfermidade não faz parte da observação de rotina. Os achados e conclusões destes estudos levaram os epidemiologistas a estabelecer o conceito de que os homens e mulheres assintomáticos mas infectados são tão importantes como as pessoas com sintomas, no que toca à contaminação dos indivíduos com quem têm relações sexuais. Igualmente, nestes, podem desenvolver-se, ou não, os sintomas. Em consequência, os Serviços de Saúde Pública dos Estados Unidos recomendam já que os médicos procurem sempre tratar as pessoas que tiveram contactos sexuais com os doentes com gonorreia. Estas novas descobertas levantaram também, entre os médicos de Saúde Pública, de em que medida exames em massa dos indivíduos do sexo masculino, visando a detecção de portadores da gonorreia, resultariam em benefício, reduzindo o número de casos da doença.

Nos Estados Unidos também há falta de médicos

Em contraste com as recentes afirmações do dr. Charles C. Edwards, Secretário Associado do Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar, estudos federais ainda não publicados, indicam que os Estados Unidos da América têm carência de 30 000 médicos. O relatório, elaborado pelo Instituto Nacional de Saúde e referido pelo «New York Times» de 13 de Janeiro do ano corrente, indicam que, mesmo que o número de licenciaturas aumentasse muito, seriam necessários doze anos para o estabelecimento de um equilíbrio entre a disponibilidade de médicos e as necessidades nacionais. O dr. Edwards afirmou: «Penso que a falta de médicos tem sido objecto de exagero. Mais significativa parece a possibilidade de excesso». Ora, os estudos mencionados pelo «Times», calculam, pela margem baixa, que o país carece de mais 27 000 médicos de família distribuídos pela Clínica Geral e pelas especialidades de Medicina Interna, Pediatria, Obstetria e Psiquiatria. Levantando este problema, aquela investigação prospectiva prevê também que, dentro dos próximos anos estará instituída uma forma de seguro sanitário à escala nacional e que, então, as necessidades de médicos aumentarão ainda mais. O estudo foi feito com base na relação de 100 médicos de família para cada centena de milhar de americanos.

Uma lente observa o sangue

Um dos riscos da grande cirurgia é o de uma baixa crítica do nível de oxigenação do sangue, que pode levar o operado ao «Shock». Para prevenir este perigo, é usual colher e analisar várias amostras de sangue, durante as intervenções demoradas. Este processo é moroso e pouco prático. Médicos e Engenheiros da Universidade da Califórnia acabam de criar um processo simples, rápido e económico de vigiar a oxigenação sanguínea, no decurso das operações. Usam uma das primeiras lentes de contacto, já fora de moda, do tamanho de uma moeda de dez centavos, que é colocada na esclerótica (branco do olho) do doente, a seguir à indução da anestesia. A superfície da lente estão colocados microrreceptores sensíveis às variações das concentrações do oxigénio circulante nos vasos da conjuntiva, que contactam com a lente, quando se mantêm os olhos fechados. Fios delgadíssimos ligam os receptores a um aparelho de leitura directa, possibilitando assim a verificação constante do nível de oxigénio no sangue.

(Colaboração dos Serviços Profissionais de Merck Sharp e Dohme).

Tratamento intensivo de coronários

Sempre duvidei, e continuo a duvidar, das vantagens da pormenorizada divulgação ao grande público de toda a sorte de temas médicos. Com excepção de medidas gerais ou específicas de saúde pública e de profilaxia, quer de rotina, quer de emergência, as exposições, debates ou notícias sobre temas médicos apresentam graves inconvenientes que há que pôr em confronto com as vantagens que deles possam advir.

Em primeiro lugar, a Medicina não é uma Ciência exacta. Muito menos é um corpo de doutrinas definitivas. Os progressos são vertiginosos e as remodelações de conceitos e as consequências dúvidas e aparentes contradições são impressionantes. Em cada assunto e em cada momento existem correntes de pensamento por vezes antagónicas e cada expositor tende a tomar a sua posição pessoal, por vezes sectária. Da acumulação de afirmações dogmáticas tanta vez contraditórias resulta em geral confusão mental, angustiada quase sempre, pois que o leitor se coloca ele próprio como candidato à doença em causa. A insistência, apoiada em números e estatísticas, na importância e frequência de certas patologias como causas de morte e invalidez mais exagera um fenómeno que por vezes toca as

Pelo
Prof. Arsénio Cordeiro

raias de neurose colectiva.

Porém, como se tal não bastasse, o monstro da publicidade encarrega-se de pior missão, através de notícias mal traduzidas, da divulgação de erros ou credulidades, na grande maioria postas a circular por entidades não médicas, por vezes para servir interesses comerciais, e o pior de tudo é que tais credulidades acabam por vezes aceites por muitos médicos destituídos de espírito crítico. Sem sair do campo de Cardiologia os exemplos são múltiplos.

O escândalo das «margarinas ditas vegetais», o abuso dos «ácidos gordos poli-insaturados», a psicose da «colesterolofobia», o Whisky «vasodilatador coronário», tantos outros, enfim.

Tudo isto são malefícios a ponderar.

Quando tudo é simples e axiomático, como a profilaxia anti-reumática, quase tão segura como a antivariólica, então sim, há que divulgar e insistir. Mas nos assuntos obscuros, em fase de remodelação de conceitos, para quê estender aos leigos as perplexidades e incertezas que vão no nosso espírito?

Em rigor, numa sociedade bem organizada a informação médica para leigos deveria estar exclusivamente entregue a um organismo responsável com a missão (e obrigação) de manter o público informado de tudo quanto lhe é benéfico saber.

Mas desde que não existe tal organismo, desde que se anuncia três vezes por mês a cura do cancro e nos intervalos se semeia a confusão sobre todos os capítulos de Medicina, torna-se dever imperativo de cada homem que exerce funções responsáveis informar o público no que respeita ao seu sector, por muito avesso que seja a esse género de escritos.

Por isso nos julgamos no dever de expor algumas noções sobre as chamadas unidades de tratamento intensivo para coronários, designadas internacionalmente como C. C. U. (Coronary Care Unit), ponto em que temos experiência pessoal de cinco anos.

Aqui, como em muitos outros pontos os mal entendidos são gerais.

Por um lado há doentes que quando um médico os informa sofrerem duma discreta insuficiência coronária estabilizada entram em pânico e reclamam a Unidade em angustiados brados. Por outro, doentes atingidos por um enfarte agudo recusam o internamento na fase crítica, decerto por supor, como ainda há pouco supunha um médico céptico da província, de que havia

em Lisboa um serviço moderno onde quando um doente de enfarte chega o ligam a uns aparelhos e ele «ou morre ou fica maluco».

Procuraremos pois dar ao público, em estilo quase telegráfico, as noções que sobre as C. C. U. lhes pensamos ser útil transmitir.

Conceito e finalidade

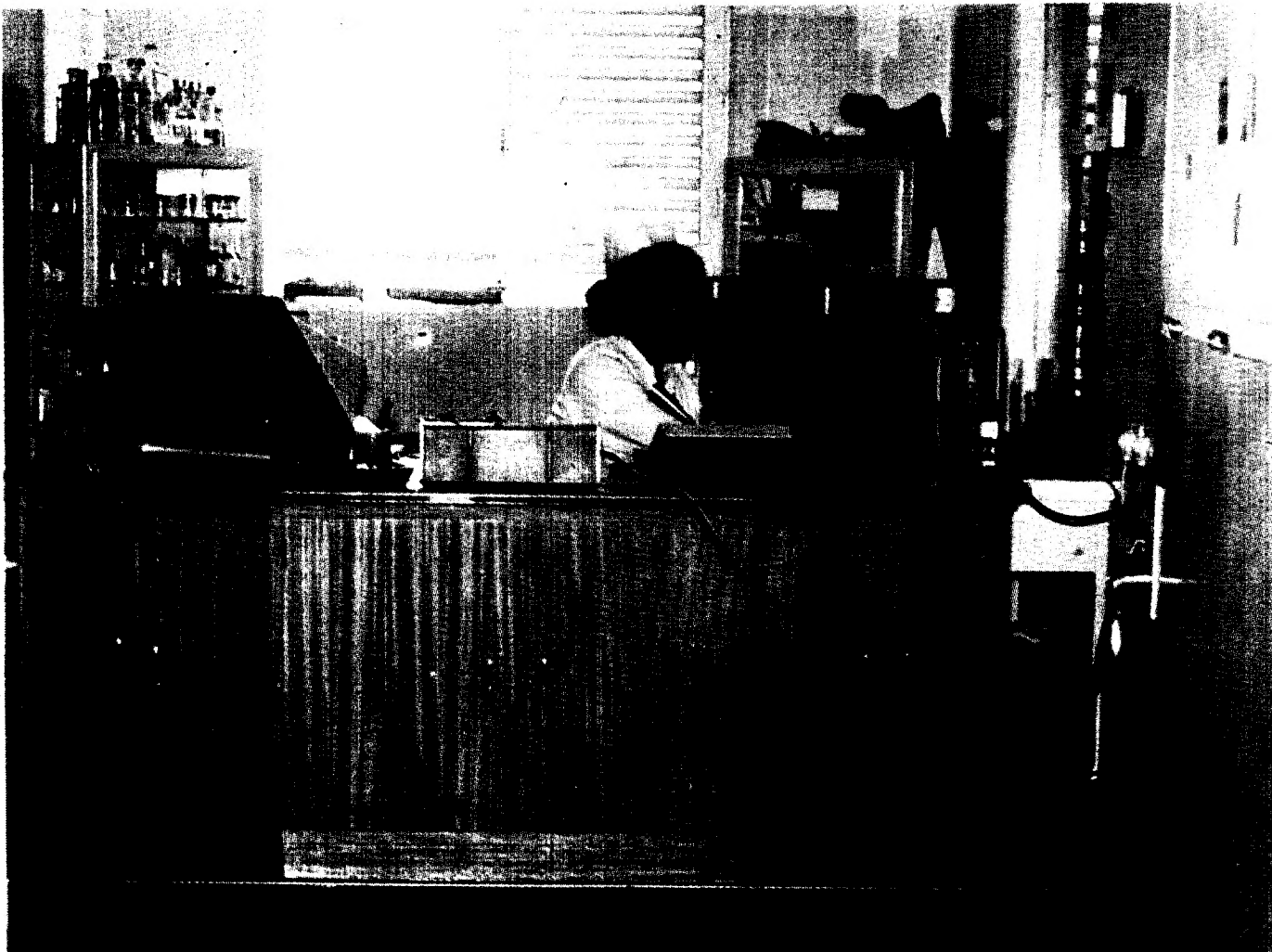
Uma C. C. U. é uma área onde se concentram os elementos especializados e o equipamento indispensável para a vigilância permanente de doentes que estão atravessando os primeiros dias do enfarte agudo, de modo a prevenir ou tratar as complicações mortais.

A análise das causas de morte nas primeiras horas ou dias mostrou-nos que nos serviços hospitalares americanos correntes a mortalidade que era de cerca de 40% se devia em 20% a alterações do ritmo cardíaco, quer ritmos rápidos (taquidisritmias) quer lentos (bradidisritmias) conduzindo à paragem do coração.

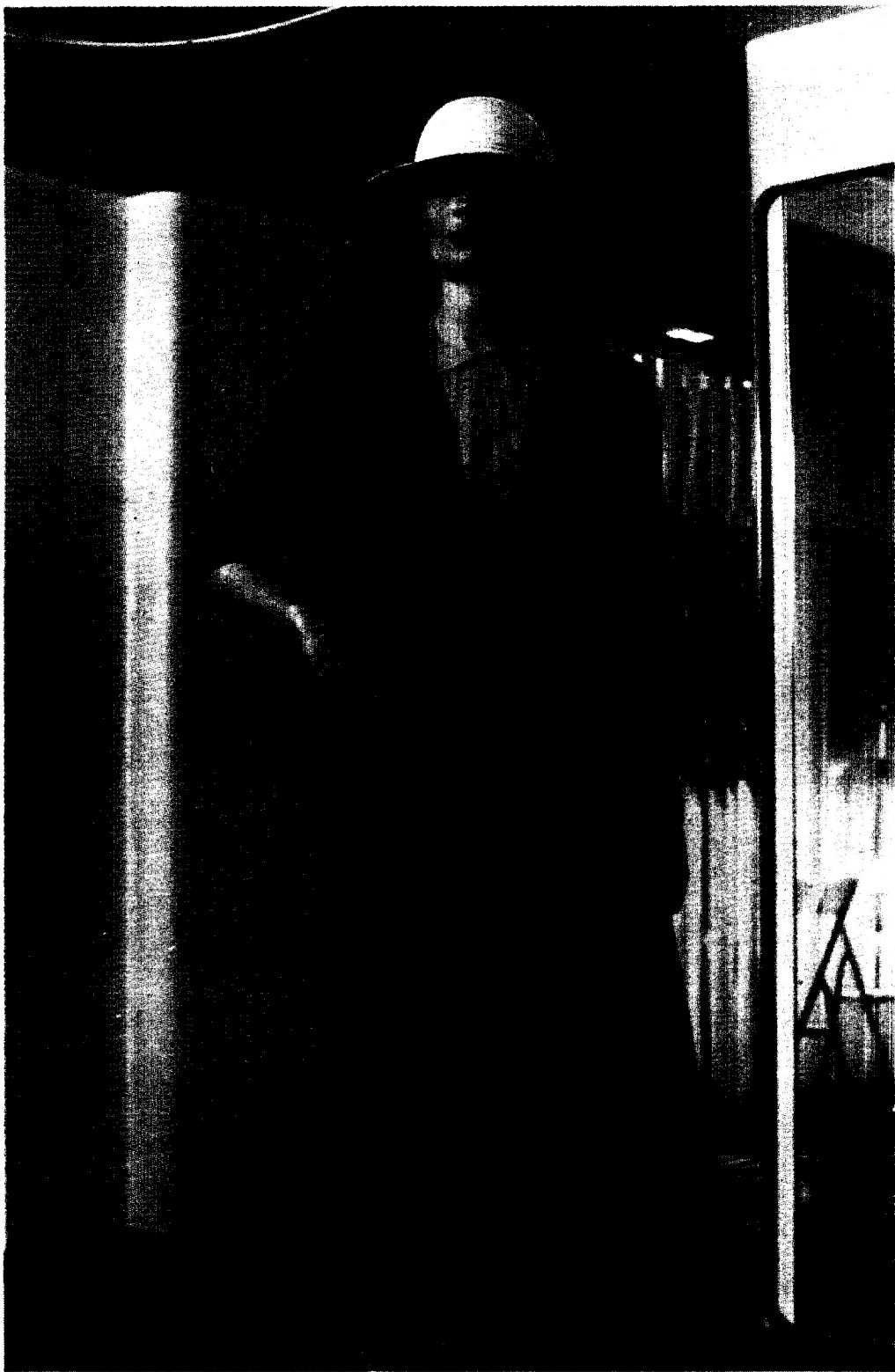
A margem de risco situa-se na primeira semana, com a maior incidência nas primeiras 4 horas e diminuindo em progressão geométrica, de modo que 80% das disritmias ocorrem nas primeiras 72 horas.

A segunda causa de morte é a falência do coração na sua função mecânica de bomba, dando origem ao «shock» cardiogénico ou ao edema agudo do pulmão. Nos serviços gerais esta complicação era verificada em cerca de 12% dos casos e responsável por cerca de 40% das mortes. Os restantes 10% de causas de morte são de ordem vária, incluindo as não directamente relacionadas com o enfarte.

Desde 1962 em que as primeiras C. C. U. (em Kansas City, Filadélfia e Toronto) entraram em funcionamento (Continua na pág. XI)



No balcão de controlo, uma enfermeira especializada recebe informações constantes sobre o que se passa nos 6 quartos ocupados por doentes na fase aguda



Um modelo da colecção de Lanvin



O desenhador Hubert criou este modelo para Givenchy

AS METAMORFOSES DA ALTA COSTURA

Por JACQUELINE GRAPIN «Le Monde»/«DL»

III — A arte dos negócios

As condições de trabalho, cada vez mais dolorosas, das costureiras e o recuo relativo dos seus salários levam um bom número delas a abandonar a profissão. Simultaneamente, o encarecimento dos preços de custo das casas de alta costura e a diminuição do número das suas clientes levaram certos grandes costureiros a dispensar o pessoal. Fatalidade ou má gestão?

Tempo houve em que, quando um banqueiro encontrava um costureiro, mudava de passeio. A senha era formal entre todos os financeiros: não se deixar arrastar pela alta costura **nem por um império**. Os que infringiam a regra passavam por fantasistas. Dizia-se da empresa que financiavam, que era a sua **dançarina**, tanto evidente era o facto de eles se interessarem por ela **por amor à arte**.

Os tempos mudaram muito. Os banqueiros de hoje, os financeiros profissionais ou os funcionários bancários têm pouca ou nenhuma fantasia. Mas, a verdade é que são cada vez mais sensíveis aos valores de activos **incorpóreos** como os que detêm os costureiros. Estes últimos, como já se viu, são cada vez menos os fabricantes de vestuário e cada vez mais os exploradores desse sector. **A difusão substituiu os Mecenas...**, diz um deles.

Isso não impede que, para apresentar duas colecções de alta costura mais duas colecções de pronto-a-vestir, por ano, seja preciso encontrar todos os anos 4 000 000 de francos; além disso, para financiar a expansão comercial que só por si pode justificar tais encar-

gos anuais, é preciso investir somas consideráveis, cujos criadores em geral estão longe de poder dispor do seu próprio bolso. Por isso, a alta costura está cada vez mais ligada a grandes grupos industriais e financeiros.

A sociedade Christian Dior

é, por exemplo, controlada pelo grupo Boussac, que vendeu os perfumes do mesmo nome ao grupo Moët-Hennessy. O seu montante de negócios é da ordem (não incluindo os perfumes) dos 300 milhões de francos, dos quais somente 5 a 6 por cento correspondem à alta costura; o pronto-a-vestir, as lojas, as vendas de acessórios e de direitos de fabrico asseguram o essencial do montante dos negócios.

Por seu lado, a célebre casa Chanel, encerrada antes da guerra e depois reaberta para apoiar, pela sua excelente imagem de marca, as vendas de perfumes, não conseguiu vencer e não vive senão graças aos financiamentos de Jacques Wertheimer, que explora os perfumes numa mesma sociedade. O barão Bich, principal accionista da sociedade Bic, tomou ainda há pouco tempo o controlo de Guy Laroche.

Jacques Esterel seria, quanto a ele, apoiado por um finan-

ceiro original, o agricultor milionário comunista do Alto Garona, Jean Doumeng. O grupo L'Oréal detém 50 por cento da sociedade de costura André Courrèges, o qual explora, ele próprio, os seus perfumes. Ted Lapidus passa por ter comanditários japoneses. Os perfumes Patou, Molyneux e muitos outros tornaram-se propriedades de grupos industriais estrangeiros, na sua maioria americanos.

As disputas de Yves Saint-Laurent com Charles of the Ritz ficaram memoráveis; a grande firma americana continua a explorar os seus perfumes, como, aliás, os de Lanvin, mas é um outro grupo financeiro que controla presentemente a sua costura e o seu pronto-a-vestir.

Criadores e patrões

A alta costura tornou-se um «negócio», e há uma certa hipocrisia ao apresentá-la como uma infeliz actividade cronicamente deficitária. Se não apresentasse interesse financeiro, não haveria tantos industriais e tantos banqueiros para se ocupar dela; aqueles costureiros que conseguiram manter-

se mais ou menos senhores em suas casas — não sem fazer fortuna — há muito, aliás, que teriam fechado a loja.

A questão é, no entanto, saber se os criadores têm vocação — ou capacidade — para se manter como patrões quando as suas empresas atingem uma envergadura que ultrapassa largamente a costura. **O montante de negócios do meu grupo? Não sei qual é, diz, por exemplo, Pierre Balmain. Não me interessa o dinheiro senão quando o recebo.** E, falando dos salários das suas operárias, acrescenta: **Não sei quais são. Tudo o que posso dizer, é que elas são pagas muito acima dos salários do sindicato.**

Jacques Esterel — 140 milhões de francos de volume de negócios aos preços de armazenista, duzentas clientes na alta costura, cento e sete empresas trabalhando com a sua licença para a difusão dos seus modelos, um «pool» de produção de seis mil trabalhadores dos quais duzentas pessoas trabalham directamente na sua casa — é igualmente surpreendente quando se expressa como chefe de empresa: **Se uma operária de costura ganhar um bilião na lotaria nacional, ela nunca mais fará costura. Porém, se um criador ganhar na lotaria, isso em nada alterará a sua vida: continua a dar-lhe um sentido para além da sobrevivência confortável.**

(...) **Não vejo qual o sistema de interesse que se pode imaginar para o pessoal: é como se se pedisse a um pintor para avaliar a parte que deve caber ao fabricante de telas e de pincéis no valor da sua obra...**

Vasos comunicantes

Em matéria social, a chantagem à má conjuntura e as ameaças quase permanentes de reduções de empregos são a expressão da gestão a curto prazo de um certo número de casas de alta costura. Ninguém ignora que, se alguns costureiros declaram perder dinheiro com a actividade dos seus «ateliers», o facto é que ganham por outro lado: no pronto-a-vestir, nos acessórios, e em todas as outras formas de exploração da sua marca.

Numerosas casas exploram a sua marca sob a forma jurídica de várias sociedades, cada uma delas especializada em produtos e actividades diferentes. Este sistema permite aos accionistas que se encontram no centro da rede praticar um jogo de compensação interfirmas, no qual se «reencontram» largamente, mas que lhes permite, também, evitar que os vasos comunicantes assim constituídos sirvam para outros, em especial ao pessoal.

As organizações sindicais sabem-no: **Tal casa aceita perder 4000 francos num vestido de**

(Continua na pag. VI)

(Continuação da pag. V)

30 000 francos. Não somos contra a comercialização de dado sector que permite anular esse défice, mas queremos que seja admitido que os empregados da alta costura contribuem para a sua valorização, e que os seus salários sejam estabelecidos em consequência. O argumento: A alta costura é indispensável ao sector, serve, desde já, de base às reivindicações e faz aumentar a contestação nas oficinas tanto mais facilmente quanto cada um sabe estar ela fundamentada.

Um grupo como o de Pierre Cardin, que explora umas cento e cinquenta vezes o seu nome em produtos que vão desde a água de beleza à caixa de chocolates, passando pelos vestuários e pelas jóias quis reduzir a uma só colecção por ano a apresentação dos seus modelos. Porém, reconsiderou a decisão porque, feita a experiência, perdia em publicidade. Todavia, as suas oficinas, que compreendiam trezentas e oitenta pessoas, já não contam se não cerca de cento e sessenta. Antigamente, eu apresentava duzentos e setenta modelos; já não faço mais do que cento e dez. Tinha cinco motoristas, nove automóveis, vendedoras e todo um conjunto correspondente. Hoje, não tenho mais do que um motorista, um automóvel e atendo menos clientes, diz Pierre Cardin, que não desmente as afirmações daqueles que pretendem que os contratos de licenças de fabrico, que trazem direitos, podem doravante permitir apresentar colecções sem ter a intenção de vender os vestidos ou quase.

Um costureiro que continua a ser um costureiro, vive numa mansarda, explica Cardin. Foi o que eu fiz durante catorze anos. Eu vestia a Terra inteira. Vendia vestidos muito caros e, depois de ter pago tudo, ficava sem nada. Hoje, tem várias sociedades: para a costura e o pronto-a-vestir para homens (sector em que teve um êxito magnífico), para crianças, para as lojas, para o licenciamento e a difusão, e... para o teatro. Recusa-se a mencionar o seu montante de negócios consolidado, mas calcula-se que seja aproximadamente o da casa Christian Dior, isto é, perfeitamente na primeira fila do «faubourg»...

O fim dos costureiros proprietários

Todavia as causas de costura cujos patrões são os criadores, com toda a liberdade — até a arbitrária — que daí deriva para eles, são cada vez menos numerosas. Os filhos e os netos de fundadores capazes e desejosos de continuar tais casas são raros. Quando os fundadores desaparecem ou se retiram, são gestores anónimos que, em geral, tomam conta dos seus negócios por conta de grupos que são, ou que se tornam, os principais accionistas; os modelistas são simplesmente nomeados na sua qualidade de «criadores».

Quando aparecem talentos novos, a necessidade de investir fortemente para ter êxito, conduz os jovens costureiros à renúncia à propriedade do seu capital: a sua margem de manobra reside na redacção



Louis Fèrraud com um modelo da sua colecção Primavera/Verão 1974

do seu contrato de salário — frequentemente beneficiando de um interesse nos resultados — e na definição das suas funções.

A sociedade Christian Dior é o protótipo da primeira categoria. Contenta-se em explorar a memória de um grande desaparecido, dizem dela os seus detractores. Mas é certamente a casa de alta costura parisiense gerida da maneira mais racional. A sua política de «mar-

keting», nomeadamente, é clara: a firma explora a sua marca em cerca de setenta produtos diferentes, tendo o cuidado de conseguir que 38 a 40 por cento do seu montante de negócios seja feito directamente por ela ou pelas suas filiais, por forma a evitar depender demasiadamente das empresas a quem concede as suas licenças, e a impor quatro princípios de comercialização intangíveis: qualidade, novidade,

de, preços entre os mais elevados, distribuição prestigiosa e limitada.

Jean-Louis Scherrer é o protótipo da outra categoria: a dos novos costureiros. O seu semblante de homem novo aplicado dissimula bem os seus trinta e sete anos, dos quais uma boa dezena deles de preocupações. Começou em 1962 no fundo de uma cave na qual viu passar o «Tout-Paris» em poucos meses. O êxito veio em seguida multiplicar os seus problemas financeiros. Em 1967 interrompe a sua actividade e assina um contrato de associação com o grupo Francis-Francis, dizendo que queria recuperar o mais depressa possível os seus investimentos. Deitaria a mão fosse ao que fosse...

Depois de um ano de colaboração, Jean-Louis Scherrer dá meia-volta: tem trinta e dois anos. E-lhe necessário ano e meio para recuperar o seu nome. Depois, assina com Orlane e abre uma nova casa de costura em Janeiro de 1970. Objectivo: criação e exploração da sua marca. As colecções devem ser de qualidade, devem viajar, as clientes são seleccionadas à entrada da porta. A operação comercial é montada racionalmente por peritos. Deverão ser abertas duas lojas todos os anos; as primeiras são inauguradas em Paris e em Tóquio. Um perfume será provavelmente lançado no próximo ano. Os investimentos vão em bom caminho. A rentabilidade não é atingida senão a meio termo, porém, a gestão e as decisões estratégicas são assumidas por uma comissão de direcção organizada por Orlane... e na qual Jean-Louis Scherrer, se dá frequentemente a sua opinião, não tem, no entanto voz predominante.

Uma nova possibilidade

Querida e velha França, a boa cozinha, as Folies-Bergères, o «gay» Paris, a alta costura e as boas exportações: conhaque, champagne e até Bordéus e Borgonha... Tudo terminou, a França começou e empreendeu largamente uma revolução industrial... disse, há um ano, Georges Pompidou num discurso que não agradou a toda a gente. Ao fim e ao cabo, se a alta costura fazia, também ela, a sua revolução industrial...? E o que deixa entender a Câmara Sindical da Alta Costura Parisiense: Há, no nosso caso, períodos de reestruturação profissional, como em todas as profissões. Despedimentos nuns, modificações de clientela na maior parte, alteração de métodos de trabalho noutros: é o resgate da passagem, para todos aqueles que o podem, do artesanato à pequena indústria.

A alta costura não morreu. Ela será até cada vez mais próspera... se tiver a coragem — que precisou de perder — para se manter tal como é, isto é, de ser um laboratório de elegância internacional impossível de reconstituir algures, porque a tradição, o ambiente e a mão-de-obra qualificada necessárias não se encontram reunidas (mesmo insuficientemente) senão em Paris. E suficiente, para se convencer destas possibilidades, ler os comentários ditirâmicos da cronista da moda do *International Herald Tribune*, Eugenia Sheppard, sobre algumas das últimas colecções apresentadas: Depois da guerra, mesmo quando Christian Dior ainda era vivo, nada de tão fantástico e luxuoso foi alguma vez visto em Paris...

CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A TODOS OS DIAS
MAIORES DE 21 ANOS DAS 15 AS 3 HORAS

LES CINQ PÈRES
FAMOSOS COMEDIANTES DA CANÇÃO
PALERMO AND PHILLIPS
ORIGINAIS MALABARISTAS
ANA ROSMANINHO
com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

LES BALLETS DE JEAN GUELLIS
M.S. AFFAIR
ORPHEUS QUARTET

NO GRANDE SALÃO-RESTAURANTE AS 23.30 H
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1.0 H. Maiores de 21 anos

Siga uma carreira profissional aliciante

Venha para COMISSÁRIO de BORDO

OFERECEMOS:

- Remuneração muito acima do normal
- 13.º mês
- Subsídio de férias
- Salários diferidos
- Regalias sociais
- Viagens

SE POSSUIR:

- Pelo menos a secção de letras, sem deficiência, do 2.º ciclo liceal; ou
- 2.º ciclo liceal com uma deficiência em cada secção desde que não seja em Português, História e Geografia; ou
- Equivalências oficiais devidamente comprovadas

E REUNIR OS SEGUINTES REQUISITOS:

- Idade mínima: 21 anos (com o Serviço Militar cumprido ou dele isento)
- Idade máxima: 30 anos
- Nacionalidade Portuguesa
- Altura mínima: 1,65
- Boa apresentação
- Não usar óculos
- Falar fluentemente inglês e francês (alemão como valor de preferência)

Os interessados devem dirigir-se à
TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
Divisão do Planeamento do Pessoal
Edifício 25-1.º — Aeroporto de Lisboa

«SHOPPING CENTER AVIZ»

Nova forma de comercializar

Como as grandes cidades do Mundo, também Lisboa vai passar a ter o seu «Shopping Center» — um vasto centro comercial especialmente decorado e concebido nos moldes mais modernos e avançados do que se tem feito no comércio lojista. Neste centro comercial podemos encontrar desde o modelo de alta costura ao pronto-a-vestir, cafeterias, «snack-bars», electrodomésticos, livros, etc.

O novo «Shopping Center» — mais uma arrojada iniciativa da IMAVIZ — ocupará uma área de cerca de 3000 metros quadrados no Edifício Aviz e engloba mais de 35 lojas, distribuídas por 3 pisos.

Aproveitando uma implantação arquitectónica particularmente feliz e um enquadramento numa zona da cidade privilegiada por óptimas condições de acesso, o «Shopping Center» disporá de 8 elevadores que o ligam às entradas e aos parques de estacionamento. A comunicação directa ao metropolitano e o fácil acesso ao Hotel Sheraton darão aos utentes a possibilidade de efectuarem as suas compras sem necessidade de saírem à rua.

A galeria, planeada de forma a proporcionar toda a comodidade ao público consumidor, disporá de aquecimento e ar condicionado e os seus pólos de atracção serão não só os «snack-bars» e cafeterias como também a beleza das lojas e o bom gosto dos objectos expostos.

Especialistas estrangeiros ao serviço do «Shopping Center»

Contactámos o dr. Leslie Zborowski, economista brasileiro e «expert» de comercialização, coordenador-geral de todo o empreendimento, que nos fez as seguintes declarações:

— Fui chamado a coordenar este projecto, não só pelo conhecimento profundo que tenho de organizações congêneres, mas também pelas realizações que levei a cabo, tanto no Brasil como noutros países; mas principalmente a minha experiência brasileira, dá-me facilidades de compreensão dos problemas portugueses, pela semelhança existente entre os dois países, resultante da idiosincrasia comum. Foi feito um estudo profundo no mercado português e constatámos que o «Shopping Center» vem preencher uma lacuna no comércio lojista da capital. A implantação das lojas dentro da galeria, irá obedecer a um plano rigoroso e cuidadosamente estudado. As áreas de venda ideais para cada tipo de negócio e a colocação de cada loja dentro do conjunto, estão determinadas com toda a precisão. Assim, as lojas de maior atracção, serão localizadas de forma a que as restantes beneficiem do tráfego de peões

atraídos por elas. Por exemplo, não se irá permitir que uma loja de consertos de sapatos — importante para que o centro seja completo — se situe junto de uma ourivesaria de luxo! E voltando às lojas de maior grandeza e atracção, faço notar, que já fomos contactados por grandes nomes da moda europeia, interessados em terem as suas filiais no «Shopping Center». Estou

priada, e com todo o apoio de infra-estruturas da organização do «shopping». Será integrada num todo e fazemos questão em que essa integração seja totalmente realizada. Para o efeito, periodicamente, serão promovidas campanhas publicitárias englobando todo o conjunto. Se o Centro fizer sucesso, automaticamente, todas as lojas terão sucesso.

Arquitectos da C. N. I. International de N. York contratados pela IMAVIZ

Por indicação do dr. Leslie, a IMAVIZ contratou a C. N. I. International, grande firma de arquitectura com filiais na Europa, e que foram os projectistas e organizadores dos princi-

tendo em conta as divergências de mercado, existentes de país para país. Por isso, nenhum «Shopping Center» é igual a outro.

O arquitecto Adolph Novak, presidente da C. N. I., encontra-se neste momento em Lisboa e deu-nos mais informações sobre o «Shopping Center Aviz».

— O local tem condições excelentes com potencialidades extraordinárias e difíceis de encontrar noutra zona. Quanto ao projecto, é evidente que seria mais fácil elaborá-lo de início sem condicionamentos. No entanto há neste caso um alicante: as limitações que existem vão-nos obrigar a concentrar nos pormenores. Há que resolver o problema por problema o que vai conduzir a um estudo mais cuidadoso e pormenorizado do que se fosse obra nova.

Ao percorrer Lisboa acrescentou o arquitecto No-



O arquitecto Novak (à esquerda) e o dr. Leslie Zborowski (ao centro) expõem ao «Diário de Lisboa» o plano do «Shopping Center Aviz» na presença do eng.º João Reis (à direita), presidente do conselho de administração da IMAVIZ

convencido que este interesse se deve também em parte à diminuição gradual das taxas alfandegárias, na sequência de acordos entre Portugal e outros países europeus. É indiscutível o benefício que a inclusão destas lojas irá trazer para todas as outras que se instalem na galeria.

Dado o grande interesse que está a despertar por parte dos nossos comerciantes este complexo centro comercial, quise-mos saber como se processaria a selecção das lojas. Disseram-nos o dr. Leslie:

— A selecção será feita, tendo em conta o bom desempenho, já comprovado da gerência, bem como a aceitação das mercadorias por parte do público consumidor. Numa organização deste género, como deve compreender, nada se pode deixar ao acaso. A implantação das lojas obedece a um estudo rigoroso baseado em toda a motivação psicológica do comprador, portanto o organizador dum centro comercial deste género, tem de trabalhar em estreita colaboração com os comerciantes que aí se querem instalar, zelando pelo interesse comum. Brevemente teremos uma reunião com todos os interessados onde explicaremos em detalhe os objectivos que pretendemos atingir. Temos que ter em conta que esta é uma forma inédita de comercializar em Portugal, pois cada loja terá a sua individualidade própria, com decoração apro-

pais «Shopping Centers» da Europa, como Valezy II e o Rosny II em Paris, e dos grandes armazéns, mundialmente conhecidos, como Selfridge e Harrods em Londres, galerias Lafayette e Samaritaine em França, La Renaissance em Itália, além de muitos outros. Nos seus quadros de mais de 150 funcionários, encontram-se especialistas em arquitectura, decoração, «marketing» e «designers». Quando elaboram um projecto para um país, este é feito «in loco»,

verifiquei que se estão criando novas modalidades de vendas, como supermercados, notando-se um acentuado desenvolvimento no comércio retalhista. Penso portanto, fazer um projecto que se situe no momento actual, mas com a visão do futuro.

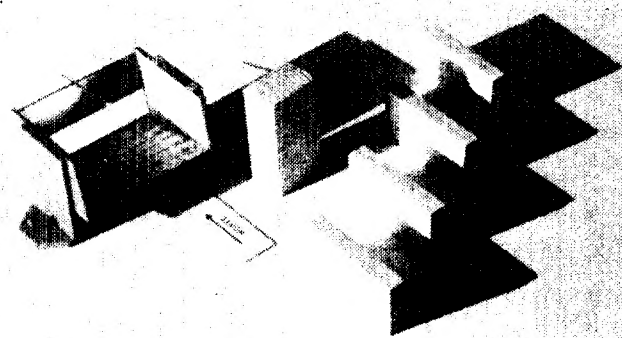
Depois das declarações destes dois especialistas, ficamos a aguardar, com a maior expectativa, o novo Centro Comercial de Lisboa, que, conforme nos indicaram, ainda será inaugurado no ano em curso.

Até para o Japão os contentores viajam de comboio.

GABINETE DO TRÁFEGO DE CONTENTORES
R. Vitor Cordeiro 45 — Lisboa 2
Tel. 36 72 26 / 36 73
Estação de S. Bento — Porto
Tel. 22 755



CP Caminhos de Ferro Portugueses



UM URBANISMO PARA O SOL

Por PEDRO MARTINS DA SILVA

O Sol, procurado quase com frenesim como panaceia da vida contranatura do homem emparedado, nos andares-gavetas ou nas ruas ladeadas de edifícios em altura de vertigem. Gause objecto de adoração, símbolo de juventude, saúde, para uma humanidade apoucada pelo antinatural, poluído. O Sol é (era) intruso cuja entrada na habitação uma arquitectura de casas-abrigo defendia com cuidado — no evitar os encadeamentos das manchas de forte iluminação e as cargas térmicas, só bem-vindas nos climas muito frios.

Pensar no Sol, cada vez é mais preocupação dos que têm por ofício preparar um «habitat» adequado à vida humana, à medida que se revelam os erros dos caminhos prosseguidos no passado.

Em Julho de 1973, o congresso realizado sob os auspícios da UNESCO veio trazer de novo à luz forte de uma opinião pública já alertada as possibilidades revolucionárias do emprego da energia solar. Falou-se muito dela, agora que outras fontes mais «tradicionais» começam a dar sinais de uma exaustão que, suspeitada e prevista no passado, era (logo) afastada como sonho mau.

Mas falou-se pouco — porque foram poucas as comunicações apresentadas — na ligação da energia solar ao urbanismo. Referiram-se fornos, aquecimentos, destiladores de água salgada, sistemas de bombagem, todos a buscar energia ao Sol. No conjunto, não houve, porém, referência marcante às modificações que o emprego de uma energia tão «nova» pode trazer ao espaço construído e ao seu ambiente.

Sem dúvida, existem alguns trabalhos relativos ao assunto, trabalhos (poucos) que não passam de manifestações muito válidas de pioneiros não acompanhados. Refere-se a «casa solar» de

Jacques Michel apresentada na Feira de Paris de Maio do ano passado, e de que aliás, já existe um exemplar habitado desde 1972. Ainda deste arquitecto, e no seguimento de trabalhos do director do Centre National de Recherche Scientifique, merece

menção um captor solar integrado arquitecturalmente e que tem como órgão fundamental um muro de betão de cor escura duplicado por outro em vidro, por forma a resultar um acentuado efeito estufa, com conversão para o infravermelho da radiação recebida. Ainda a referir trabalhos de dois arquitectos jovens, Chanson e Clause, autores do projecto de um edifício colectivo em terraços, cuja estrutura é concebida por forma a funcionar como termo-acumulador — no conjunto, uma verdadeira máquina para aproveitamento da energia solar.

No entanto — e apesar do interesse inegável — em todas estas realizações não se ultrapassou o estágio da arquitectura. E certo que já não «contra», mas uma arquitectura com o Sol — calor e luz captados, canalizados, aproveitados. Não ainda um urbanismo para o Sol. Em termos de obstar à progressiva (e poluidora) apropriação de espaço para urbanizar.

Alguns pioneiros, apontam, porém, já os caminhos do futuro. Citem-se a «Cidade Solar» do italiano Francia e Ecopolis do francês Rottier. Aqui, o núcleo urbano, subterrâneo, receberia luz solar «canalizada», enquanto as zonas residenciais estariam expostas à insolação directa.

Um urbanismo virado ao Sol, onde as funções tradicionalmente separadas de habitar, circular, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito, venham a constituir conjuntos ligados intimamente, em que talvez possa viver-se — não só ter a ilusão de o fazer.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20 LISBOA

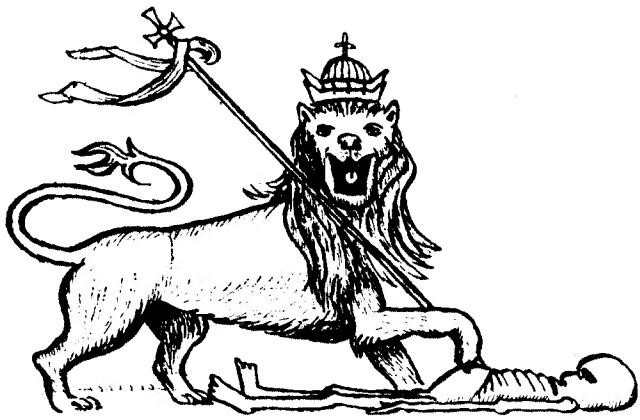
4 1 2 1905. 2.º Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1973, com os seguintes números:

11 425	11 502	11 503	11 547
11 548	11 556	11 580	11 582
11 583	11 593	11 721	11 722
11 723	11 724	11 725	11 858
11 859	11 860	11 872	11 958

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

AMORTECEDORES

Reparo e reconstrução todas as marcas c/ garantia.
Mendes — R. Capitão
Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).



Continuação da página 1

vadores, o Tigré beneficia, graças a ele, de um ligeiro avanço sobre o Wollo, em matéria de estradas e de infra-estruturas. Aqui, morreram menos camponeses em 1973...

Há quatro dias a esta parte, encontramos muitas equipas de socorro chegadas do estrangeiro. Um ponto co-

mum: o embaraço. O constrangimento de estar hoje no local, preparados para tudo, com grandes meios, mas de ter chegado demasiado tarde. Muitos mortos poderiam ter sido salvos, com efeito, se Adis-Abeba não tivesse procurado, durante vários meses, dissimular a verdade sobre a fome.

CARIDADE OU SUBVERSÃO

Mais uma história, protesta o ministro das Finanças, Mamo Tedessé. Desde o mês de Abril de 1973 que criámos uma comissão de socorro e alertámos as organizações de caridade. Quanto ao resto, não queríamos reclamar o auxílio do estrangeiro antes de ter uma ideia exacta e precisa da situação.

Admitimos que as dificuldades de comunicação entre a capital e as províncias de um império ainda mal unificado, juntas à incúria de certos governadores, tenham retardado a organização de socorros. Admitimos que, aqui e além, na Etiópia, alguns movimentos de solidariedade se tenham manifestado desde o princípio de 1973. Mas como explicar,

então, que, tendo descoberto já no mês de Maio uma tal situação, determinado jornalista estrangeiro radicado em Adis-Abeba tenha sido vivamente «desaconselhado» a enviar a notícia? Como justificar o interminável silêncio da Imprensa, da rádio e da televisão etíopes, inteiramente controladas pelo Poder e que esperou pelo mês de Outubro para evocar uma fome cuja origem remonta ao ano de 1971? Por que é que os estudantes da Universidade Hailé-Selassié, ao virem trazer a Dessié o produto de uma colecta, foram acolhidos à bastonada pela Polícia?

Há respostas. Numa sociedade tão penetrada da imutabilidade das hierarquias «eternas», a atenção dispensada aos pobres é subversiva por essência, a partir do mo-

mento em que ultrapassa os limites ostentatórios da piedosa caridade. Exemplo recolhido na estrada de Asmara: um rico comerciante pára diante de um campo de refugiados perto de Kobbo; do porta-bagagens do seu automóvel tira um grande saco com moedas de 10 céntimos (cerca de um escudo); manda alinhar os refugiados e distribui moeda por moeda o conteúdo do saco. Eis a caridade! Os estudantes surpreendem-se publicamente ao ver os camponeses morrer de fome num país rico. Eis a subversão!

E não é tudo. Um império tão cioso do seu prestígio histórico como a Etiópia, um Poder tão atento às calúnias da Imprensa estrangeira não podia aceitar espontaneamente deixar ver estas sombras escuras sobre a bela imagem. A vida de um camponês contra o prestígio de um imperador, velho debate... O doutor Friedrich Doelbor, coordenador, em Dessié, das operações de socorro do Governo alemão, é, no entanto, formal.

Temos quatro helicópteros afectos ao reconhecimento e ao aprovisionamento das zonas afastadas, diz ele. Graças a eles, instalámos quatro campos de socorro no Wollo, que cobrem uma população teórica de cinquenta mil a cem mil pessoas. Entre esta gente, calculamos em 25 por cento o número das vítimas. Se os socorros tivessem sido organizados mais cedo, esta percentagem poderia certamente ter sido limitada a 5 por cento.

Usando os mesmos termos do ministro das Finanças, os serviços de informações de Adis-Abeba difundem incansavelmente, semana após semana, a partir de Outubro, comunicados ofensivos para refutar tal acu-

ETIÓPIA: história de uma fome

CRUELDADE NUM FEUDALISMO EXÓTICO E FASCINANTE

HERDADO DO REI SALOMÃO



A terrível estrada da morte: estimam-se em mais de 100 000 as pessoas que sucumbiram à fome ac-

sação ou tal censura vindas do estrangeiro. Pouco dispostos, quanto a eles, a envenenar uma polémica que nada traz às vitimizadas, os membros das organizações de caridade que «trabalham» agora na Etiópia, tornaram-se prudentes com os jornalistas. A responsabilidade original do Governo etíope é agora um ponto de história, diziamos um deles. Os mortos estão mortos. O que conta agora, são as dificuldades de hoje, a gente que resta para salvar.

Não é suficiente enviar 150 000 toneladas de trigo à Etiópia para regularizar a questão. Hoje ainda, apesar dos progressos espectaculares visíveis nos campos de socorros, tudo ainda está por fazer nos longínquos vales do Wollo ou nos cascalhos do Tigré.

QUATRO IROQUESES

Primeiro, o mais simples: para salvar os camponeses da fome, é preciso, em primeiro lugar, encontrá-los. E isto não é assim tão fácil como pode parecer. Excepto a grande estrada construída pelos italianos,

que liga Adis-Abeba a Asmara, as comunicações continuam a ser difíceis na Etiópia, onde não é raro ver-se, em tempo normal, uma camponesa marchar durante três dias para ir ao mercado. A melhoria da situação que se constata ao longo deste eixo não deve, portanto, criar ilusões. De um lado e outro, nas montanhas, longe dos centros de socorros e dos hospitais, a fome continua a causar danos. Única via de acesso: as expedições a dorso de mula que são lentas e perigosas, ou, evidentemente o helicóptero. O Governo alemão forneceu quatro «Iroqueses» e a França emprestará, para cinquenta horas de voo, um dos seus «Puma» com base em Djibuti. Até aos entrepostos de Dessié, é pelo Transall que as toneladas de trigo são agora encaminhadas. Porém, o tempo urge...

Num raio de 15 quilómetros em torno dos centros de socorros, conta o doutor Brinkmann, responsável alemão das equipas médicas helicóptero-transportadas, encontramos gente em melhores condições, é verdade. Po-

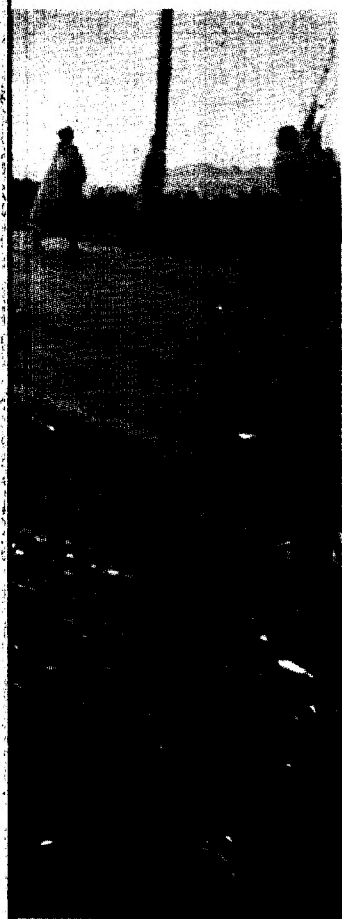
rém, para além dessa distância, os casos de má nutrição são ainda inumeráveis.

Provas desta persistência da fome são visíveis um pouco por toda a parte: três meses



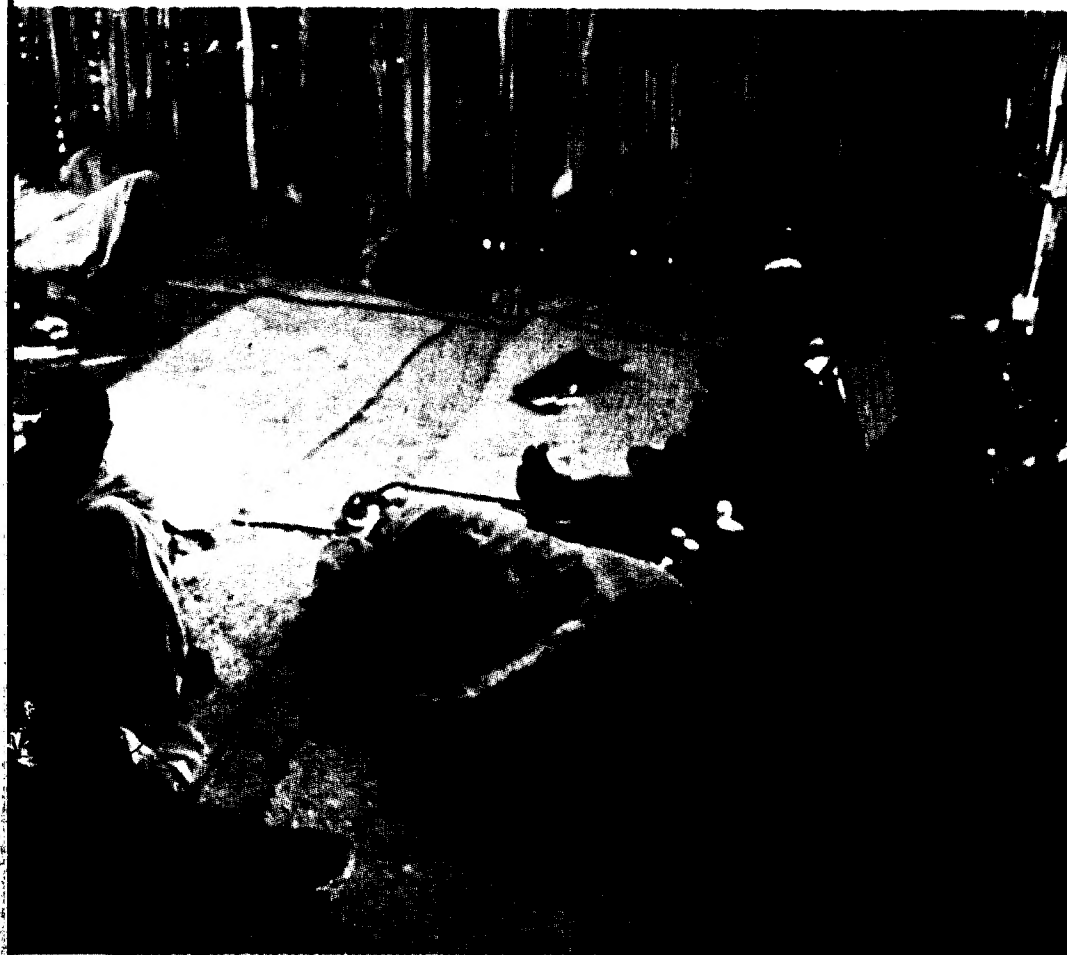
A coroa do imperador

ALISMO NOSTÁLGICO, E MÃO



o longo deste percurso

depois do afluxo maciço dos socorros a Dessié e a Makallé, continuam a chegar grupos de camponeses, todos os dias, às portas dos principais campos. Em Dessié, por exemplo, eis dois ho-



A tragédia da Etiópia estampada nas faces de crianças famintas

mens e três mulheres, cinco esqueletos vivos acorados na poeira, de rostos inchados pelos edemas da má nutrição. Vêm de Jedju, a quatro dias de marcha. **Mantivemo-nos até então, economizando o trigo. Não queríamos abandonar os pais. Agora eles estão mortos e na nossa aldeia já não há ninguém.**

O «plano de reabilitação a longo prazo» a que se liga muita importância em Adis-Abeba, prevê a construção de uma vintena de caminhos acessíveis aos «Land Rover». Porém, em África, a noção de urgência não é muito clara. Entre Dessié e Makallé, por exemplo, as três pontes que foram arrastadas pelas chuvas diluvianas de Julho passado ainda não foram reparadas. Ora, dentro de alguns meses, voltará a estação húmida e a única estrada disponível corre o risco de ser novamente cortada.

Segundo problema: a reclassificação dos refugiados. Não se pode conservar indefinidamente nos campos de socorros milhares de camponeses provisoriamente salvos

da fome. As autoridades etíopes, evidentemente, não o desejam e esforçam-se desde já para encorajar os «regressos às aldeias» com, por vezes, comentários abruptos. **As pessoas adquirem depressa, dizia-nos um ministro, «hábitos de preguiça».**

Certamente. Porém, numerosas são hoje as famílias que já não têm o menor pedaço de terra (as primeiras tentativas feitas para reclassificar algumas delas nas províncias do Sul não atingiram senão um pequeno número). Quanto àquelas que conseguiram conservar a sua magra propriedade ou os seus arrendamentos, com que cultivarão o solo? Nas regiões mais atingidas, de facto (oito distritos do Tigré, a quase totalidade do Wollo), o gado sucumbiu, também, em grande número. Ora, o imenso rebanho etíope (vinte e seis milhões de bovinos), embora improdutivo, fornecia assim mesmo instrumentos de tracção. Os únicos.

A reconstituição das existências de gado é uma condição preliminar a toda a reinstalação ul-



terior dos aldeões. O Governo alemão acaba de enviar à Etiópia 1500 000 marcos destinados à compra de sete mil juntas de bois. Uma única pergunta: com que se alimentará este novo rebanho encaminhado com tanta dificuldade para as aldeias? **Às vezes, temos a impressão de andar à roda,** dizia-nos pudicamente um dos socorristas de Dessié.

Grave para os aldeões sedentários, **amahas, gallas** ou do Tigré, a morte dos rebanhos tomou o aspecto de uma catástrofe quase irremediável para os cento e vinte e cinco mil nómadas que erram pelo deserto do Nordeste. Ignorando a agricultura, vivendo do leite dos seus camelos ou das suas cabras, trocando, sempre que necessário, os seus produtos leiteiros por cereais, estes nómadas — os **danakis** — estão hoje totalmente desarmados. Encontrado em Gobbié, o representante de um dos seus chefes habituais, Grazematch Ahmed Saïd, diz-nos: **O nosso grupo contava oito mil pessoas. Apenas duas mil continuam ainda vivas. Tíhamos cinquenta e cinco mil cabras e vacas que morreram todas. Restam-nos, ao todo, setenta e um camelos...**

O salvamento dos **danakis** implica, segundo os peritos ocidentais, a sua sedentarização. Todavia, agarrados à sua liberdade, desconfiados relativamente ao poder imperial que, até então, jamais conseguira administrá-los, eles não consentirão facilmente nisso. **Se querem ajudar-nos,** acrescenta o porta-voz do chefe Grazematch, **fazei-o vós mesmos. Nós não temos nenhuma confiança no Governo etíope.**

Então, preocupados com a ausência de estradas, o desaparecimento dos rebanhos, a corrupção, os antagonismos étnicos ainda vigorosos na Etiópia, a insuficiência das infra-estruturas elementares e a injustiça do sistema rural, os socorristas estrangeiros



Símbolo religioso em prata e ouro no país da fome

dão a impressão de correr em vão atrás de uma solução inacessível. **Nós salvamos as pessoas, seja, dizia um deles, porém, amanhã, depois de amanhã, quando tivermos partido...** Já começam a regressar em estado deplorável camponeses que tinham sido tratados, curados e reenviados para as suas casas há três meses. **Quando muito, acrescentava um jovem médico etíope que trabalhava em Dessié, tudo o que se pode esperar é dar aos camponeses condições de vida que já antes tinham. Sim, quando muito...**

As condições que já tinham? Isso significa para milhões de etíopes uma sobrevivência aleatória nos limites indistintos do subdesenvolvi-

to e da fome.. Com 60 dólares de rendimento anual por cabeça (inferior ao da Índia), a Etiópia abriga populações que estão entre as mais miseráveis do mundo. Pode adivinhar desde logo a confusão de um jovem voluntário estrangeiro que, depois de ter salvo algumas crianças a quatro dias de jornada a dorso de mula de Dessié, descobre bruscamente a fome no próprio coração de Adis-Abeba. A duzentos metros do Hilton. **A nossa vizinha e os seus filhos não comem há dois dias,** dizia-nos docemente uma religiosa francesa que vive na capital.

Onde pára a fome? Até onde pode ir a solidariedade mundial?

A IMPOSSÍVEL REFORMA AGRÁRIA

ADDIS-ABEBA — Quando camponeses morrem de fome num país rico, o único culpado não deve estar nas nuvens. É a questão que se põe, fatalmente, na Etiópia. Evidentemente, três anos de seca contribuíram para quebrar aqui o frágil equilíbrio de uma economia de auto-subsistência e o imperador não é, mesmo assim, responsável pelas fantasias do clima. No entanto, nenhum desregramento pluviométrico teria arrastado consigo semelhante onda de fome — a primeira desde o imperador Menelik — se os homens não tivessem, desta vez, acrescentado ainda a injustiça de um sistema às incertezas do céu. A meteorologia não justifica tudo. Sobre tudo a imprevidência.

Sem dúvida que se teria gos- pério — velho e orgulhoso — em toemdarprovasprovasdeindulgên- lhe acordar um pouco desta cia relativamente a um velho im-

Continua na pag. X

ETIÓPIA: 90 por cento de camponeses e apenas 10 por cento das terras cultivadas

(Continuação da pág. IX)

«simpatia» que reclama o ministro da Informação. Porém, quando se vê morrer crianças pelas estradas, a questão pode ainda, seriamente, ser posta? Esta feudalidade nostálgica, exótica e fascinante herdada do rei Salomão, testemunha hoje de uma crueldade, como que mecânica, à qual não é possível a habitação.

APANÁGIOS

Em 90 por cento dos casos, os etíopes são camponeses, mas somente 10 por cento das terras — muito férteis — são cultivadas. Um terço dessas terras pertencem aos grandes senhores feudais que, em certos casos (Wollo, Choa, Godjam), as receberam do imperador como recompensa pela sua lealdade política. Um outro terço é propriedade da Igreja ou dos conventos confinados a um obscurantismo solene e característico da Idade Média. Na região de Kobo, por exemplo, pode-se rodar de automóvel durante horas sem sair da mesma propriedade, a qual atinge de 300 000 a 500 000 hectares. E os rendeiros, que ali rasgam a terra com arados de madeira, devem ao proprietário até 75 por cento da colheita ao que se juntam, naturalmente, os costumes e custosos presentes por ocasião das festas, os impostos, o pagamento em trabalho, etc.

Embora irrisórios, os rendimentos de uma agricultura arcaica, multiplicados pela imensidade dos domínios, permitem desde sempre a uma minúscula aristocracia latifundiária levar uma rica vida em Adis-Abeba, investir fortunas no estrangeiro e enviar os seus filhos para os melhores colégios de Londres ou da Pensilvânia. Localmente, em contrapartida, nada incita (nem autoriza) o agricultor local a melhorar os seus métodos de trabalho. Quantas vítimas da seca morreram nas montanhas do Wollo, sementeiras de lagos e de rios, e onde elementares trabalhadores de irrigação teriam sido suficientes para mudar os resultados? E aos milhares que se podem ver pelas estradas homens, mulheres e até crianças ocupadas no transporte de alguns litros de água a quilómetros de distância em bilhas feitas de terra. Infeliz Sírio...

«Como quer convencer o camponês a melhorar as suas culturas, a trabalhar melhor», suspirava um perito estrangeiro, «quando ele sabe que todo o benefício vai para o proprietário?».

A PARTE DO PROPRIETÁRIO

O Governo etíope aceita mal as acusações de imobilismo com que o gratifica hoje toda a imprensa internacional. Refrão inevitável das proclamações oficiais, o «desenvolvimento económico» do império pode concretizar-se, aqui e ali, em progresso que seria injusto passar em silêncio. Foram construídas barragens no vale de Auache e a irrigação foi melhorada. A produção de café, que fornece 60 por cento dos recursos à exportação, foi

modernizada. Na Eritreia, ao longo das fronteiras sudanesas, foram desenvolvidas culturas intensivas de oleaginosas (principalmente gergelim). Aqui e além, algumas pequenas indústrias bordejam a «estrada histórica» e uma nova via liga, desde há pouco tempo, por um traço de asfalto, Adis-Abeba ao porto de Assab. Tendo em conta os atrasos iniciais deste império composto e alcandorado, minado por antagonismos étnicos, ainda mal consciente da sua identidade nacional, ameaçados nas suas fronteiras por vizinhos hostis, o balanço dos cinquenta e oito anos de reinado do rei dos reis, dos quais cinco anos de

dos sistemas tradicionais de arrendamento, a concentração da propriedade rural nas mãos de um pequeno número de pessoas, a insegurança em que se encontra o rendeiro e a parte exorbitante da colheita que cabe ao proprietário.

O terceiro plano terminará este ano, e a «sempiterna» reforma proposta desde 1964 pelo imperador continua em ponto morto. Nada indica, em Adis-Abeba, que os «acidentes climáticos» de 1973 contribuirão para fazer avançar o processo respectivo. Os ministros e os familiares do imperador, em todo o caso, não respondem às perguntas sem uma ponta de agastamento.

não aceitarão, por si mesmo uma evolução que os despojará um dia dos seus privilégios. Fatalmente. Ora, na Etiópia de 1974, a atmosfera política está singularmente rarefeita: nenhuma imprensa para além da do Poder, nada de partidos políticos, nenhuma oposição legal. Sob as aparências do sistema constitucional, a monarquia continua a ser de direito divino.

«Na realidade cochicha um jornalista etíope, quando diz que o imperador está travado pelos feudais nos seus projectos de reforma, esquece-se que ele próprio é o maior proprietário do império. Se ele de-

me de 1973 não é já um sintoma inquietante? O velho sistema feudal que atravessou a história já não está hoje completamente intacto nem inaccessível às revoluções. Sob as aparências da imobilidade, por detrás dos gestos milenários da tradição, é já perceptível uma efervescência confusa através de todo o país. Adis-Abeba torna-se um aglomerado bulhoso de perto de um milhão de almas incontroladas, cercado por bairros miseráveis, repleto de desempregados e de mendigos, multiplicados este ano pelo afluxo de camponeses expulsos dos campos. No mês de Novembro, foi necessário pôr em vigor o

lho, a revolta separatista da Eritreia conduzida por uma Frente de Libertação com dominante muçulmana e que é activamente apoiada pela Líbia, o Iémen do Sul e a Síria, nunca pôde ser absorvida apesar das vastas operações militares empreendidas. O ano de 1973, pelo contrário, após um longo período de acalmia, foi marcado por um despertar espectacular da guerrilha que controla efectivamente dois terços da província. No Sul, o conflito fronteiriço com a Somália, a propósito do Ogaden, mobiliza permanentemente a 3.ª Divisão do exército de terra. E corre o risco de se exacerbar depois da descoberta, nas regiões litigiosas, de importantes jazigos de petróleo.

Política externa? A rotura da Etiópia com Israel, seu aliado tradicional, em Outubro de 1973, corresponde a uma «revisão pungente» da atitude do velho reino cristão relativamente ao mundo árabe. Coincide com um afastamento progressivo dos americanos, que terão evacuado, em fins de 1974, a base de espionagem electrónica de «Kagnew Station», tornada obsoleta pelos satélites artificiais. Sede da O.U.A. e árbitro respeitado das querelas africanas, Adis-Abeba procura hoje um novo cabo no meio das correntes de ar israelo-árabe-africanas, na extremidade do explosivo «corno da África».

Compreende-se que Haile Selassie tenha podido negligenciar até agora a intendência. Porém, hoje, esta negligência desdenhosa, este culto altivo da lentidão doméstica, não se mantém sem risco à medida que se aproxima uma perigosa data de vencimento. Aquela que verá desaparecer a silhueta minúscula, curvada, marca de uma indiscutível nobreza do rei dos reis.

Sintoma inquietante, a fome de 1973 é, também, um símbolo: todas as censuras vindas do estrangeiro, todas estas indignações — às vezes suspeitas, convenientes —, é o século a bater às portas do velho império abissínio. Na mão, uma espécie de comando de bedel: a Idade Média, com as suas grandeszas, mas, também, com as suas crueldades, já não é tolerada pelo espírito do tempo. Não que se tenha evacuado em 1974 todo o cinismo e injustiça do universo «moderno». Digamos que o novo catecismo das nações organiza diferentemente a sensibilidade — sim aos canhões, não à fome... Contestável ou não, a opção é imperativa.

A Etiópia deverá, portanto, sair da Idade Média. Uma só pergunta resta fazer: fá-lo-a sem violência?



Milhares de esfomeados esperam a ração diária de pão nas montanhas de Dessie. São felizes os que chegam ali, pois a maior parte morre pelo caminho. Dos que chegam, cinco morrem, em média, em cada dia.

guerra ou de ocupação, não é negativo.

No entanto, mesmo para além das despesas militares excessivas que nunca deixaram ao sector agrícola mais de 6 por cento do orçamento nacional, para além da ausência de uma política coerente e sistemática de desenvolvimento que, só por si, teria podido arrancar o camponês etíope à fome, um obstáculo houve que sempre bloqueou a evolução do mundo rural etíope: a reforma agrária. Os peritos estrangeiros não são os únicos a dizê-lo. O próprio Governo concorda com isso.

«A necessidade de uma reforma agrária arrojada é evidente», escrevia o relatório oficial sobre o terceiro plano quinquenal.

«Nas condições actuais da renda das propriedades e dada a superfície destas, muito poucos progressos podem ser levados a cabo no desenvolvimento agrícola. O objectivo imediato da reforma agrária é vencer a apatia da população rural causada pela iniquidade

«O problema é mais complicado do que se possa acreditar», repete Mamo Tadesse, ministro das Finanças. «O regime rural varia consideravelmente de uma província para outra e a questão não se põe verdadeiramente senão em algumas delas. No Norte, por exemplo, a propriedade é comunitária. Quanto às taxas de renda de que se fala sem interrupção na imprensa estrangeira, há muito tempo já que elas não são aplicadas. De facto, trata-se em primeiro lugar de fazer coincidir o direito e os factos.»

Os projectos de reforma, que prevêm principalmente uma redução da parte reservada ao proprietário, uma reforma do cadastro e a criação de cooperativas, esbarra sobretudo com a hostilidade dos senhores feudais que dominam as duas Câmaras e partilham com o imperador uma fracção do Poder político. Ultrareligiosos, devotadamente conservadores, tradicionalistas, frequentemente ligados ao imperador por um emaranhado de alianças familiares e serviços prestados

seja verdadeiramente a reforma agrária, há muito que esta estaria em marcha.»

O príncipe Alexander Desta, pelo seu lado, usa o argumento ao contrário. Neto do soberano e comandante-chefe da Marinha etíope, é apresentado, às vezes como um herdeiro possível da coroa. Sobre tudo depois da hemorragia cerebral de que foi vítima o próprio filho de Haile Selassie, o príncipe Asfa Wossen, em Janeiro último. «A reforma agrária», diz ele, «deve absolutamente fazer-se durante a vida de Sua Majestade. Só ele possui a popularidade e a autoridade suficientes para impor. Porém, reconheçamo-lo, somos um povo conservador, desconfiado, que ama o segredo. Pessoalmente, estou convencido de que será preciso um dia o aparecimento de meios de comunicação de massas livres, críticos, mesmo na Etiópia, para sairmos da presente situação.»

A RESISTÊNCIA DOS FEUDALIS

Um dia certamente. Esta fo-

recolher obrigatório à meia-noite, que estava suspenso desde 1960.

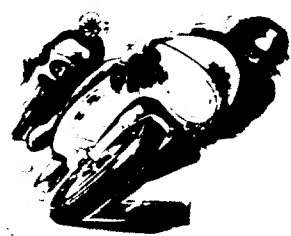
Os campos, finalmente — o verdadeiro mundo etíope —, não estão tão calmos como se imagina. Em 1968, no Godja, e até 1971, no Balé, tiveram lugar revoltas camponesas que, por vezes, tomaram o aspecto de verdadeiras guerrilhas.

«Seria uma ingenuidade acreditar», escrevia o historiador G. Shepard, «que a extradição antiga da Etiópia seja uma garantia da sua estabilidade.»

A INTENDÊNCIA NÃO SE COORDENA

Até agora, a busca difícil da unidade nacional para além dos antagonismos étnicos, geográficos ou religiosos e a preocupação por uma política externa prestigiosa monopolizaram quase exclusivamente o Poder imperial. Os perigos, é verdade, não eram negligenciáveis. Unidade nacional? No Norte do país, no Mar Vermelho,

LEIA motor



As doenças do lactente

Dermatite seborreica do couro cabeludo é a designação médica do chamado «musgo» dos Lactentes; aparece em certos bebés de semanas ou poucos meses, e, embora benigna, não deixa de ser desagradável pelo aspecto das crostas acastanhadas junto à raiz do cabelo. Teorias recentes consideram essa erupção cutânea como um dos sinais precoces de alergia alimentar, a qual pode vir a manifestar-se mais tarde por meio de outros sintomas melhor conhecidos. Ainda que esta hipótese não esteja suficientemente provada, o seu alvitre pode ser útil, em relação aos preceitos alimentares da criança. Os livros de puericultura recomendam a substituição das lavagens da cabeça com água e sabonete pela aplicação local de óleo e tentativa de remoção das crostas amaciadas, com um pente macio ou uma escova. Alguns pediatras e dermatologistas preferem o uso de «shampos» especiais os quais, não só lavam como tratam o couro cabeludo.

As crianças de poucos meses têm muitas vezes **soluços**; se não apresentarem qualquer outro sintoma e o seu aspecto for absolutamente normal, não existe motivo para inquietação. Os soluços das crianças cedem habitualmente à ingestão de água morna ou à colocação de um saco de água quente junto do abdómen. No entanto se se prolongarem exageradamente, é aconselhável chamar o médico.

Bolçar ou regurgitar é um acontecimento banal na vida de qualquer criança de poucos meses. Parece tratar-se de um fenómeno relacionado com a deglutição de largas quantidades de ar, durante a mamada; com efeito, as crianças que têm oportunidade de se libertar do gás contido no estômago, por meio da eructação (arroto) regurgitam os alimentos com menor frequência do que as outras. Se o lactente bolça

quantidades mínimas, pode significar também que bebeu maior volume total do que o estômago pode conter e o incidente não tem importância. Se porém a quantidade regurgitada excede um terço da mamada e a criança não aumenta peso suficiente (150-200 gramas por semana) é fundamental fazê-la observar pelo médico. É de boa prática em puericultura, não dar o biberão seguinte quando a criança vomita. Atendendo a que um episódio esporádico desta natureza pode significar apenas indisposição passageira, manda o bom senso que se deixe repousar o estômago do bebé omitindo uma refeição, a qual pode ser substituída por chá fraco açucarado, oferecido em doses pequenas e frequentes.

Toda a **criança doente** deve ser, como os adultos, poupada à fadiga de ser visitada ou atormentada com normas e ho-

rários. E muito mais importante proporcionar-lhe sossego. Um pouco mais de atenção e ternura do que é habitual dispensar-lhe, dentro dos moldes necessários, pode tornar-se tão útil como o remédio.

Durante os períodos de doença, todos os pais devem ter em consideração que a falta de saúde, habitualmente, causa perda do apetite, devem procurar administrar líquidos em quantidade necessária, conforme indicação do médico, mas não insistir com alimentos sólidos se a criança os recusa. Mesmo durante o período de convalescência, se ela não recuperar imediatamente o apetite habitual, há que ter em atenção que o organismo leva um certo tempo a restabelecer-se e que o facto da febre e do mal-estar terem desaparecido, não significa que todas as células do organismo tenham readquirido a normalidade. Um pouco de paciência e um mínimo de conflitos podem contribuir, em muito, para transformar um lactente sem apetite, no mais voraz dos bebés.

A **aceitação dos medicamentos** pelas crianças resulta mais fácil quando se usa naturalidade na sua preparação e administração. No caso do lactente, deve procurar-se sempre misturar os remédios com alimentos do agrado da criança. Se se trata de comprimidos, é melhor desfazê-los numa papa de fruta ou de cereais, do que em água, porque o bebé muito jovem pode engasgar-se com o pó em suspensão, ou ter um reflexo e vomitar por causa do mau gosto.

Os xaropes e as suspensões

destinados às crianças podem ser administrados com colher, mas como estas variam muito de dimensão, hoje prefere-se o uso mais rigoroso de conta-gotas, colheres graduadas ou seringas apropriadas.

Nem as crianças nem os adultos são capazes de engolir, seja o que for, quando a cabeça e os ombros se encontram na mesma linha horizontal. Se esta circunstância não for tomada em consideração, corre-se o risco de provocar a entrada dos medicamentos para as fossas nasais, tr. queia, brônquios e pulmões. Existem na literatura muitos casos de pneumonias de aspiração, em crianças, devidas ao modo incorrecto de administrar os remédios; desde o simples engasgo até à asfixia, são vários os quadros resultantes dessa falta de cuidado. Para evitar tais consequências, a criança deve estar sentada, ou na cama ou preferivelmente no colo e **nunca deitada**. Pela mesma razão, é melhor colocar a extremidade do conta-gotas ou da seringa de plástico contra a parte interna de uma das bochechas, esvaziá-los devagar, para dar tempo a que a criança engula, do que precipitar-se e projectar o medicamento, como um jacto, na garganta.

«O que deve e não deve fazer-se durante o período de doença do lactente»

Guardar todos os medicamentos fora do alcance das crianças.

Chamar o médico, se o

bebé tem aspecto doente, chora continuamente ou parece ter dores, quer a temperatura esteja ou não elevada.

Chamar o médico sempre que a temperatura exceda 38,5° C., que a criança vomita frequentemente ou com esforço, que, sem motivos, recusa comer durante mais de 24 horas ou quando não ganha peso ao fim de uma semana.

Administrar os medicamentos durante o período de tempo determinado pelo médico e não encurtar esse prazo mesmo que a criança esteja aparentemente curada.

Nunca dar medicamentos que não tenham sido receitados pelo médico

Não utilizar os excedentes de medicamentos do mesmo ou doutro doente, sem autorização do médico. Esta proibição também diz respeito a gotas para o nariz e ouvidos, xaropes para a tosse, aspirinas ou laxativos.

Nunca administrar enemas (clisteres) sem conselho médico, ainda que essa medida terapêutica pareça justificada, para abaxamento rápido da temperatura.

Durante a **evolução de uma doença**, é por vezes necessário registar diariamente as modificações importantes que devem ser comunicadas ao médico. Uma lista a recomendar seria a seguinte:

Temperatura	rigidez
O Bebê está:	imobilidade
corado	Vomitou:
pálido	grande parte da refeição
transpirado	com esforço
A respiração é:	entre as refeições
ruidosa	Fezes anormais:
difícil	cor
rápida	consistência
lenta	cheiro
tosse	frequência
espessa	Urina:
rouquidão	frequentemente
olhos irritados	raramente
parece ter dor de ouvido	Erupção:
tem sinais de dor	às manchas
chora	generalizada
grita	com prurido
rola a cabeça	cor área
outros sinais	O Bebê está:
Tem falta de apetite	flácido
Recusou refeições	desassossegado
Bebeu volume de líquido	irritável
Movimentos anormais:	letárgico
convulsões	

MEDICINA

Tratamento intensivo de coronários

(Continuação da pág. 14)

ram em funcionamento até ao momento presente, os resultados da experiência acumulada e constante pesquisa podem cifrar-se deste modo:

A mortalidade por alterações do ritmo de 20% para 3%, de 40% para 17% (valor médio internacional aceite neste momento).

Amortabilidade por taquidismias de 13% para 0,2% (nalgumas C. C. U.). Este último resultado exige uma recuperação de mais de 90% (97% nalguns centros) da fibrilhação ventricular, complicação que invariavelmente mortal se não for resolvida em menos de dois minutos! Note-se ainda que os recuperados tinham frequentemente pequenos enfartes e o seu futuro a distancia não era diferente dos casos não complicados.

E bem justo dizer que a vitória contra as disritmias e o grande triunfo das C. C. U.

É claro que estes números correspondem ao que se pode chamar «as C. G. U. de elite», as que estão na vanguarda em organização e pessoal. São extremamente semelhantes os resultados em todas elas e portanto expressivos. Mas quando se comparam com os do estudo em conjunto de 100 C. C. U. americanas, num total de 15 000 doentes, recentemente publicado e se considera a percentagem de mortes por arritmia, 17% do total de óbitos há que reconhecer que não basta equipar doentes para salvar doentes.

Não é idêntico infelizmente o resultado obtido até agora contra a falência mecânica, mas não há motivo para desanimar. As C. C. U. e mais recentemente as M. I. R. U. (Myocardial Infarction Research Unit), especialmente equipadas para a investigação hemodinâmica, a assistência mecânica e apoio cirúrgico, avançam constantemente no sentido de vir a reduzir substancialmente esta causa de morte.

Por outro lado, a assistência especializada, o tratamento geral, a correcção de anormalidades metabólicas e respiratórias salva hoje muitas vidas.

O facto da taxa de mortalidade geral nas C. C. U. não se ter modificado entre 1969 e 1973 não mostra, como parece à primeira vista, uma estagnação. Dado o maior afluxo de doentes, a muito maior precocidade na admissão e a consequente entrada nas Unidades de muitos doentes que antes morriam fora (em 1969 calcula-se em Nova York que apenas um terço dos doentes que morria de enfarte chegava vivo ao Hospital) tinha-se previsto para a era presente um substancial aumento na taxa de mortalidade das C. C. U.

A manutenção da média de 17%, com baixa para 12% ou 15% em muitos centros e um testemunho de progresso.

Indicações e modos de internamento

No plano teórico devem ser internados na C. C. U. todos

os casos de enfarte agudo e os mais precocemente, se possível dentro da primeira hora. Ninguém está apto neste momento a prever quais os casos que vão ter ou não uma disritmia potencialmente mortal.

Os atrasos podem esquematizar-se com esta cronologia:

1 **Tempo perdido pelo doente até ser visto pelo médico** Não existe outro modo de encurtar senão socorrer-se dum serviço de urgência hospitalar (caso não tenha apoio médico imediato) a aparição dos primeiros sintomas.

2 **Tempo perdido pelo médico, pelo doente ou por ambos, em tomar a decisão de hospitalização.** E neste ponto que entram a educação do leigo e a noção exacta do médico sobre a eficiência da C. C. U.

3 **Tempo perdido no transporte.** E problema local que depende das ambulâncias, do trânsito e das distâncias.

4 **Tempo perdido no Hospital,** antes de admitir para a C. C. U. É surpreendente ver que o estudo americano já citado, em 100 Hospitais, este tempo é em média 2 horas!

Estas perdas de tempo variam muito de país para país mas existem sempre.

Para as abolir, em parte, Pantdrige organizou em Belfast um serviço de Unidades Móveis, que prestam assistência especializada desde os primeiros contactos. Os resulta-

dos são notáveis, dado que são as primeiras horas aquelas em que o doente está mais exposto a perturbações de ritmo.

No entanto a aplicação do sistema a grandes cidades esbarrou com obstáculos quase intransponíveis.

Eficácia do sistema e cobertura da população

Cada vez há mais C. C. U. pelo Mundo, e cada vez mais se nota a falta de Unidades.

O fenómeno deve-se mais a uma maior consciência do seu valor, felizmente, que a um aumento explosivo no número de enfartes agudos.

O número teórico, calculado pela O. M. S. de uma C. C. U. por cada 200 000 habitantes não tem sido ainda atingido. Não sabemos quantas existem em Nova York, mas sabemos que o N. Y. Hospital e o S. Vincent's tinham em 1970 uma média de 30% de rejeições por absoluta falta de vagas.

Paris com as suas oito unidades, cerca de 100 camas de

cuidados intensivos, incluindo as camas isoladas fora das Unidades, está longe das necessidades dos doze milhões de habitantes da cidade e arredores.

Que dizer de Lisboa?

No momento actual existe em funcionamento a Unidade do Hospital de Santa Maria U. T. I. C. com seis camas de C. C. U. e dezasseis de I. C. U. (Intermediate Care Unit) e cerca de quatro ou seis camas monitorizadas para tratamento intensivo em vários Serviços ou Clínicas Particulares.

Numa destas últimas está prestes a abrir uma C. C. U. o que elevará para 16 ou 18 as camas de cuidados intensivos, longe ainda das 50 de que Lisboa necessita.

A única explicação para não termos tido na UTIC alto número de recusas de internamento (apenas quatro em cinco anos) é a de que médicos e doentes ainda se não aperceberam do papel das C. C. U. Mesmo assim nos primeiros 34 meses admitimos 712 doentes e nos 22 seguintes 888 isto é, o limite de ocupação média das seis camas.

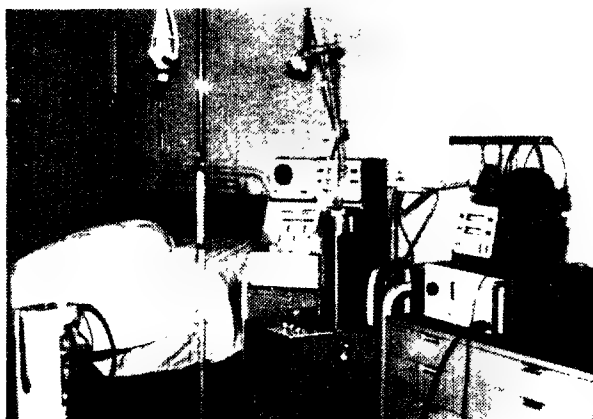
Urge portanto criar mais Unidades em Lisboa. Infelizmente

as C. C. U. não se compram prefabricadas, no supermercado.

O equipamento duma C. C. U. (não duma MIRU) é perfeitamente acessível, cerca de dez mil contos. Existem nos Serviços Hospitalares de Lisboa várias equipas de Cardiologistas com todos os requisitos técnicos para as porem em funcionamento.

Por que o não fizeram? Porque entre as máquinas ceças e o cardiologista experiente tem que haver obrigatoriamente a enfermeira especializada. So com o team perfeito e perfeitamente treinado se obtém 97% de recuperações na fibrilhação ventricular e estas enfermeiras (especialistas, sabedoras de electrocardiografia peritas em reanimação) dispostas a suportar um «stress» físico e psíquico verdadeiramente impressionante, são consideradas praticamente como enfermeiras gerais, cujas remunerações, todos sabem, não são brilhantes, e só recentemente recebem um modesto suplemento de 20%.

Por isso se vão para as C.C.U. as verdadeiras vocações. São excelentes... mas são poucas.



Um dos quartos de cuidados intensivos

A EDUCAÇÃO NO CANADÁ

Por LUÍS DE CARVALHO E OLIVIERA

O Canadá tem os olhos postos nas crianças canadianas, esperando poder fazer progredir o país através da sua acção futura, para dispensa da emigração que, por ora, é um dos seus grandes esteios, como fonte de força de trabalho não qualificado e de trabalho intelectual.

É assim que tudo converge para a criança e nela se procura interessar a sociedade inteira, a começar pela família.

A lei do Ministério da Educação entrou em vigor, por proclamação, em 13 de Maio de 1964, tem o seguinte preâmbulo:

«Atendendo a que todas as crianças têm o direito de beneficiar de um sistema de educação que favoreça o pleno desenvolvimento da sua personalidade;

«Atendendo a que os pais têm o direito de escolher as instituições que, segundo a sua con-

vicção, asseguram o maior respeito pelos direitos dos seus filhos;

«Atendendo a que as pessoas e os grupos têm o direito de criar instituições de ensino autónomas e, salvas as exigências do bem comum, de beneficiar dos meios administrativos e financeiros necessários para a educação dos seus filhos;

«Atendendo a que interessa instituir, segundo estes princípios um Mi-

nistério de Educação, cujos poderes estejam em relação com as atribuições reconhecidas a um conselho superior de educação, aos seus comités católicos e protestantes assim como às suas comissões...»

Esta nota preambular da referida lei é a expressão de um sentido muito definido da marcha de um povo.

Efectivamente criou-se um Ministério da Educação, mas a obra do ministro não é de natureza individual nem tão pouco se apoia em conselhos nomeados pelo próprio ministro, dentro de um governo que tudo prepare para um cozinheiro muito a seu gosto.

No Canadá (passe-se sobre a diferenciação religiosa da escola) o conselho superior e os comités têm uma constituição que permite dar ao ensino uma orientação democrática, podendo os interessados pronun-

ciar-se sobre todos os problemas que possam interessar à organização escolar, entendendo-se por organização escolar o meio de melhor se atingir o fim de educar.

O conselho superior de educação é nomeado pelo governador segundo consulta às autoridades religiosas e às associações ou organizações mais representativas dos pais, dos professores, dos directores escolares e dos grupos socio-económicos.

A sua função é fundamentalmente a de dar opinião ao ministro da Educação sobre os regulamentos que ele, por obrigação, deve submeter à sua apreciação, e sobre todas as questões que o ministro lhe proponha, podendo solicitar opiniões, receber requerimentos e sugestões do público em matéria de educação; apresentar ao ministro recomendações sobre todas as questões relativas à educação; mandar realizar estudos e investigações que julgue úteis ou necessários para a prossecução dos seus fins.

Na base do conselho estão os comités com funções muito importantes, entre elas as de aprovar programas, manuais e material didáctico, fazer regulamentos sobre a qualificação dos professores e sugestões das associações, das instituições e de todas as pessoas, sobre as questões da sua competência; mandar efectuar estudos e investigações que julgue necessárias.

O carácter democrático da organização escolar verifica-se através da constituição dos comités escolares.

São elegíveis para estes as pessoas domiciliadas no município, pelo menos há doze meses, sabendo ler e escrever, e que possam ser eleitores para as mesmas comissões. Também o podem ser os padres católicos e os ministros de um outro culto, servindo na municipalidade escolar.

Podem ser eleitores das comissões escolares todos os que tenham, pelo menos, 18 anos de idade, que estejam inscritos na lista dos eleitores e sejam proprietários de imóveis, além dos pais e tutores das

crianças com menos de 18 anos.

Para nos poderá parecer uma utopia ou até mesmo uma banalidade, a eleição dos comissários escolares. Tem-se, infelizmente, subestimado a escola, e entendido que tudo quanto lhe diz respeito é assunto infantil «lá da garotada» pelo que nem de longe muitos poderão compreender o interesse suscitado por estas eleições.

Antes de mais, a sua regulamentação.

E uma verdadeira lei eleitoral como se o objectivo fosse escolher os deputados para uma Assembleia Nacional ou um Presidente da República. O mesmo cuidado na elaboração das listas. O mesmo cuidado no escrutínio e em tudo quanto diga respeito a uma honesta eleição.

No período pré-eleitoral, vêem-se cartazes, indicando os comissários de uma ou outra lista, agita-se o problema da escolaridade, discutem-se os prós e os contras das metodologias, assim como dos programas, escolha de professores, qualidades de uns ou de outros.

É um mundo de anseios e de propostas, no qual os pais, os professores e, de uma maneira geral, todos os ligados à escola por laços de profissionalidade ou de qualquer outra natureza, procuram o melhor caminho para a educação da juventude.

A pedagogia e a didáctica nessas ocasiões entram casa a dentro de cada município e, ligadas, todas as questões de ordem nacional.

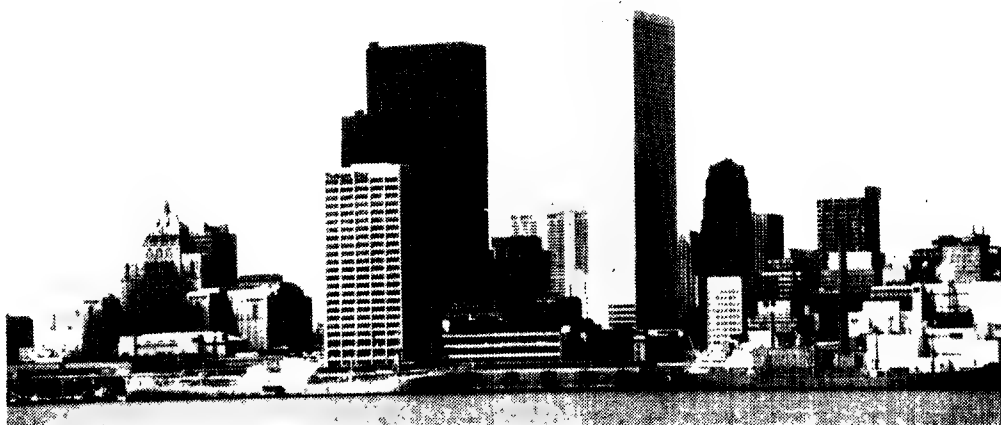
A escola deixou de ser assim, um lugar onde se exercem determinadas actividades, compartimentadas e fechadas para ser o local do interesse comum de todos os que têm filhos ou de todos os que se interessam pelo futuro dos jovens intimamente ligados ao futuro do país.

Através deste movimento, que se processa à roda da escola, realiza-se uma politização importantíssima, fora de qualquer corrente política, mas sem dúvida, a mais eficiente, porque tem como objectivo uma questão concreta ligada à vida de todos ou da maior parte dos que vivem na circunscrição municipal.

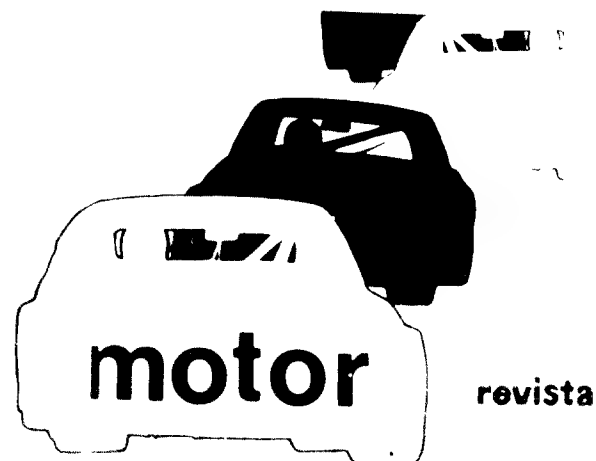
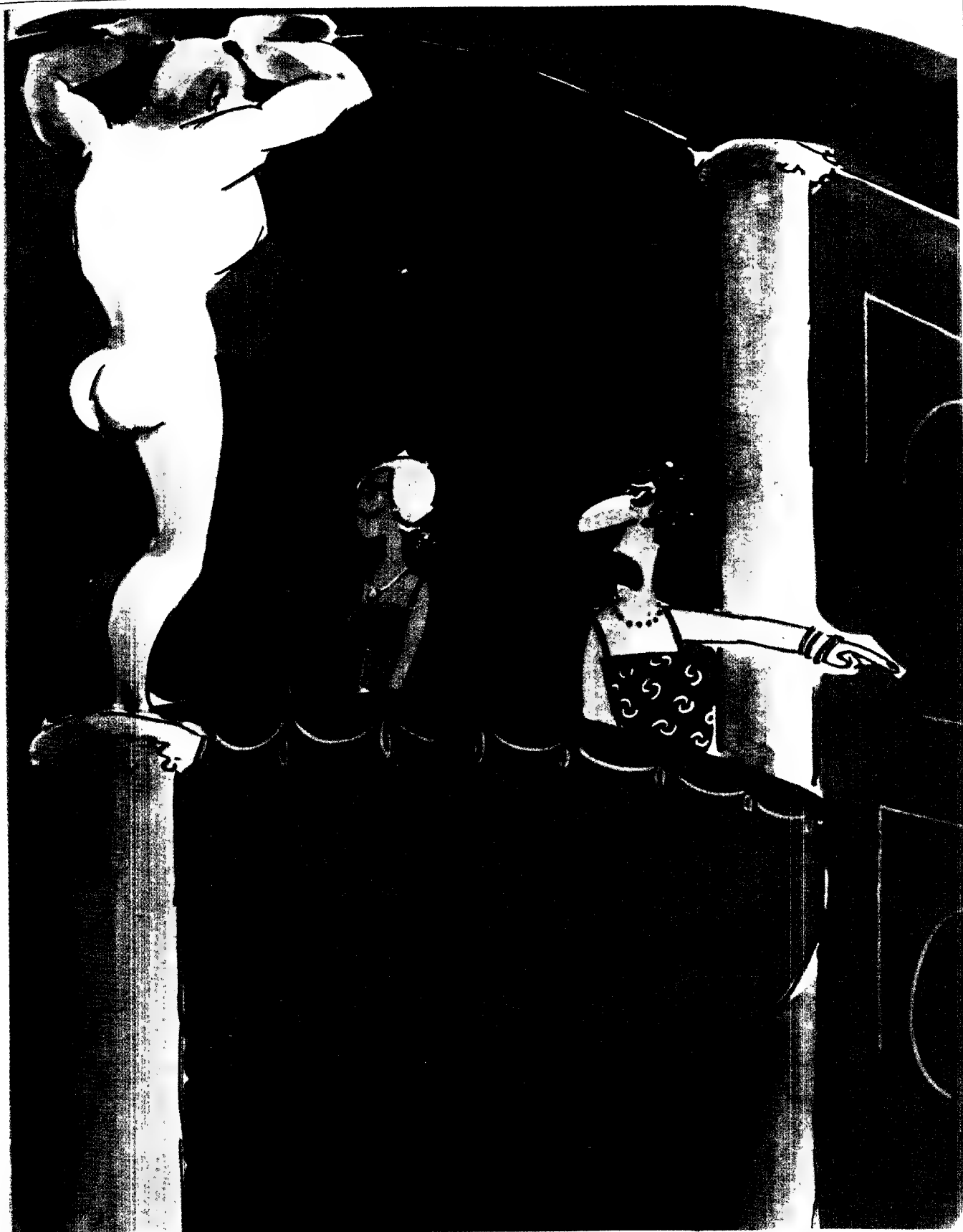
É um movimento em termos inteiramente dialécticos, entre o que se pensa e o que se faz, não deixando divorciados os dois elementos, teórico e prático.

Não querera ensaiar-se em Portugal alguma coisa de semelhante, levando todo o país a interessar-se pelo seu problema fundamental que é o da educação da juventude?

**A SEGUIR:
O ENSINO
PARTICULAR**



Toronto, a segunda cidade do Canadá e a capital da província do Ontário



Articulação entre os centros
direccionais e histórico
vivendo em plena harmonia

— AFIRMA AO «DIÁRIO DE LISBOA» O ARQUITECTO TOMÁS TAVEIRA

Depois esta semana em «Como os nossos arquitectos vêem a nossa cidade», Tomás Taveira, que — conforme nos afirmou — tem repartido a sua actividade entre a profissão liberal e a actividade docente. Professor na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, fez dentro da actividade liberal, até à data, aproximadamente 300 estudos (urbanismo e arquitectura) e é autor do complexo do Hotel da Balaia, do Edifício Castil, das Torres de Alfragide, do conjunto de apartamentos de Palames (Sesimbra) e de numerosas outras obras.

Ao nível do urbanismo quis o nosso entrevistado destacar os Planos Directores de Évora, Loures, Costa da Caparica, Trafaria, e ainda o Plano de Urbanização da Baixa da Cidade de Luanda. Ainda conforme nos afirmou, é especialista em planeamento urbano e tem trabalhado para entidades privadas e para o Estado.

Tomás Taveira foi bolseiro da Fundação Gulbenkian, é autor do livro «Discurso da Cidade» (e prepara a edição de um outro livro) e tem 35 anos.

Ao arquitecto Taveira, como aos anteriores entrevistados desta série, pusemos algumas das questões cujas respostas nos parecem poder conduzir o leitor ao equacionamento útil do estado urbano de Lisboa e suas implicações.

É dessas perguntas e dessas respostas que passamos a dar conta.

— Como vê Lisboa e como interpreta o seu desenvolvimento (a partir do centro para o subúrbio, com as consequências várias daí decorrentes)?

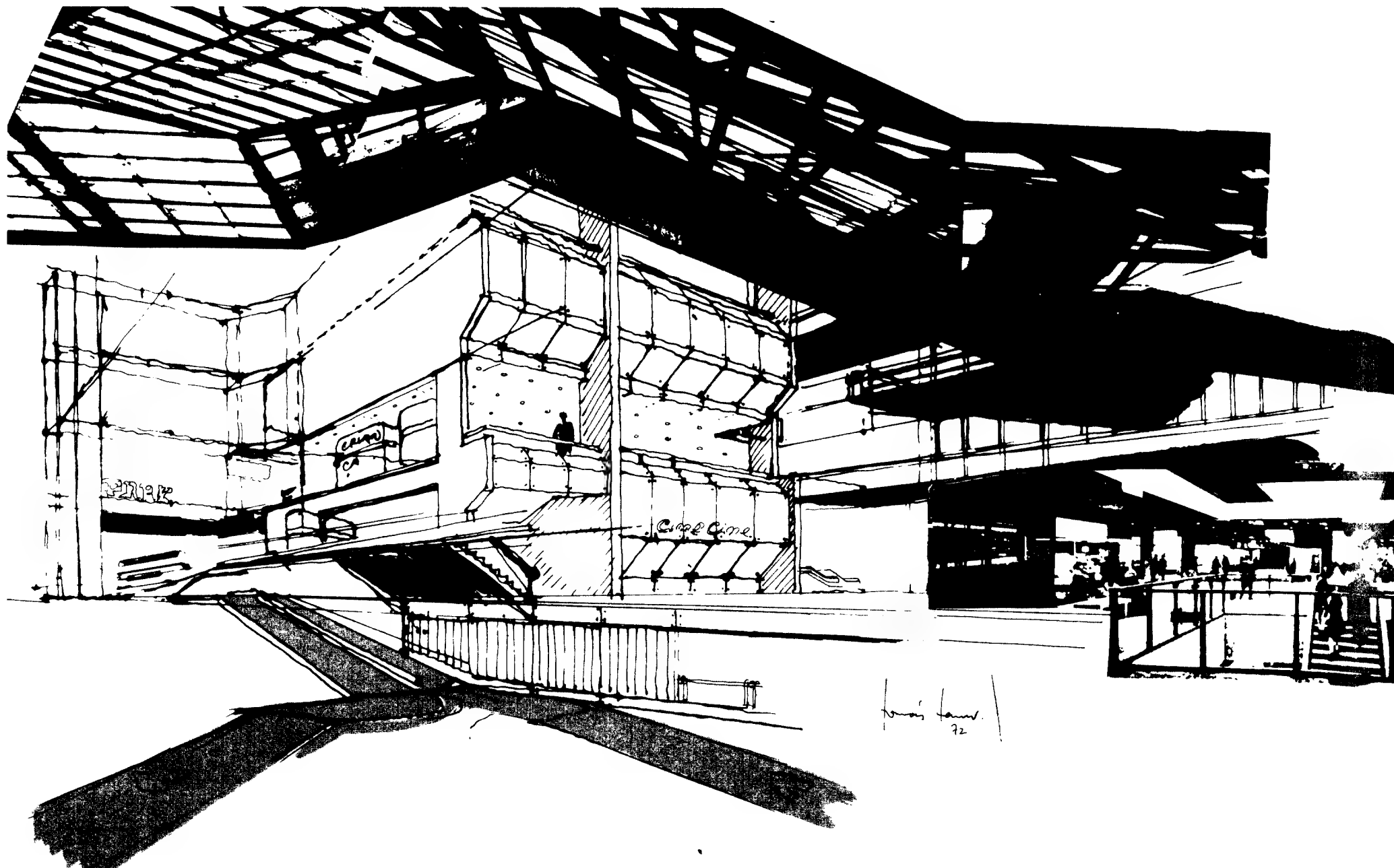
A criação de dois ou mais novos centros

Efectivamente todo o desenvolvimento urbano das cidades ditas históricas, desde o advento da revolução industrial e principalmente desde os meados do século XVIII, se tem processado de forma mais ou menos orgânica e pela adição portanto de áreas residenciais e de trabalho sujeitas apenas a leis de especulação ou facilidade. O clássico equilíbrio entre a cidade e campo entrou em crise decisiva na segunda metade do século XIX e em rotura no início do século. De facto, o congestionamento das cidades, com a ajuda do afluxo anormal de populações, foi assumido de uma forma progressiva de apropriação do espaço

livre, conduzindo a dois factores fundamentais. O primeiro diz respeito ao enorme alongamento das áreas urbanas com o progressivo fenómeno de suburbanização das populações pela falta de equipamento social, escolar, cultural e de recreio, que gera. À medida que elas se afastam do centro há uma cada vez menor capacidade de resposta da urbe a estas unidades. O segundo factor diz respeito ao centro da cidade que vê a sua área ser invadida pelas actividades económicas mais rendíveis, ao mesmo tempo que assiste à anulação e expulsão da habitação, da população fixa que lhe conferia um outro carácter e vibração. Atingem-se pois, com a Segunda Guerra Mundial, duas carac-

terísticas básicas da cidade actual (por falta de planificação) e que são um centro terciário (actividades económicas de direcção e gestão, comércio e recolha de serviços) tremendamente vivo durante o dia e «completamente» morto à noite; e uma franja envolvendo a cidade do princípio do século, e que constitui a subúrbia cujas deficiências se podem também encontrar dentro da própria cidade antiga. Lisboa é pois uma cidade deste tipo e que, para mais, com a evolução económica dos últimos 20 anos viu o seu centro alargar-se para além do clássico centro histórico (se o há...) e por obsolescência e carência de espaço, alongou-se da Baixa para a Av. da Liberdade,

Fontes Pereira de Melo, Av. da República, áreas interiores do tecido urbano adjacente, etc., enquanto se verifica o engrossamento espantoso dos aglomerados vizinhos e que constituem hoje, a par dos bairros periféricos (Benfica por exemplo), a grande organização habitacional da cidade. Este desenvolvimento não planificado conduziu à natural descontinuidade de ocupação do espaço e ao desequilíbrio das funções básicas da cidade. O centro, que tinha sido e representado a memória colectiva da cidade, deixa de ter significado, efemérisa-se e passa a ser apenas financeiro. As populações, por seu turno, deixam de viver a cidade para viverem apenas no «Bairro» (região urbana homogénea), isoladas e com uma total carência de ambiente urbano, na medida em que apenas surge dentro do esquema o emprego endógeno (comércio diário e por vezes a escola primária, o restaurante e pouco mais). Assistiu-se assim, nos últimos anos, a uma anulação da estrutura geral da cidade e ao apuramento da necessidade de reordenação do ambiente geral de Lisboa e à conquista de uma ordem que lhe permita assumir o papel de núcleo urbano, pólo de uma vasta região. O crescimento centrífugo que foi a característica básica da evolução orgânica da cidade, leva nos a preconizar uma acção urbanística particular que será a da criação de dois ou mais novos centros a que damos o nome de direccionais (tal como a literatura da especialidade os tem apelidados). De facto a evolução da cidade tem feito



Simulação de um ambiente no centro direccionais Amoreiras

surgir no seu «interior» centros secundários, sempre pouco potentes de um ponto de vista económico e funcional mas que, apesar de tudo, têm «ajudado» à pulverização das forças que anteriormente levavam as populações a viver mais intensamente o centro histórico. É o caso de Algés, Campo de Ourique, Alvalade, Benfica, etc.

O que é o Centro Direccional

O que propomos, e admitir para uma cidade como Lisboa, a noção de Centro Direccional.

Admitir a noção apenas e não a ideia de localização a qual se pode tornar mais produtiva em termos de imagem e ordenação, quando tende a aglutinar áreas suburbanas, mais do que a ordenar a evolução da cidade existente e definida como tal, e o seu centro, antigo (ou histórico). De facto, o Centro Direccional não pode ser tido nunca como uma alternativa para o centro dito histórico ou principal, mas sim uma cristalização de tendências económicas que se verificam em certas áreas e cuja falta de sistematização poderá vir a corresponder a uma perda de vitalidade e a uma quebra de orientação topológica para um melhor ordenamento dos investimentos públicos e privados. Por outro lado, não deve perder-se de vista, e deixar de ter-se em atenção que o Centro Direccional definido deste modo pode obstar (ou ajudar) a uma progressiva pauperização da imagem e dos conteúdos urbanos das zonas periféricas que tem atingido a cidade histórica no seu crescimento orgânico. Ainda e como dimensão mais importante e factor imprescindível na utilização da ideia impõe-se a óptima articulação entre os dois Centros: o Direccional e o Histórico vivendo em perfeita harmonia e complementaridade absoluta, o que leva à criação de sistemas de percursos «sem rotura».

O termo Centro Direccional, aparecido recentemente no vocabulário urbanístico, é uma outra coisa diferente do «centro da cidade», entendido este como tem sido por certos países ou culturas. O Centro Direccional é apresentado como a chave mestra da nova cidade, desde o momento em que parece mostrar-se duvidosa a observação de que permanecerá sempre como um outro exemplo suburban planificado (Planned Suburban Center) se for possível equacioná-lo e pô-lo em movimento em especiais circunstâncias históricas da evolução da cidade.

Impõe-se que haja uma clareza e uma previsão da evolução desta, de tal modo que seja possível determinar o tempo necessário para que um Centro (nova área cultural) se efemerize e a que nível é que essa efemerização vai acontecer; ou se, porventura, é até necessário acelerá-la e de que modo. Isto para que se possa, imediatamente (com a antecipação necessária), iniciar um processo de produção de um novo centro (nova área central) com uma estrutura e características altamente diferenciadas do primeiro, com o qual deverá vir a agir em complementaridade e nunca em competição. Esta noção leva a que em Lisboa seja urgente a criação de um novo centro, sem que de modo algum, pretendendo que seja substituído o actual, mas que permita descentralizar os usos que de tal necessitam, ao mesmo tempo que permite o aprofundamento das razões que levaram, ao longo da história, a vocação das «posições ditas centrais» a



Simulação de um ambiente urbano, para o projecto duma cidade de 40.000 habitantes no Algarve

evoluir e a tomar conta do espaço.

Este novo centro teria a dupla vantagem de obstar por um lado à rotura, o que se começa a verificar na continuidade física da ocupação das áreas, que a existir como tendência seria perfeitamente controlada, e por outro lado à criação de locais com uma determinação rigorosa dos usos a prever de novo, dos que haveria que descentralizar e que haveria que seriam apenas uma repetição e uma ênfase urbana, isto em relação aos que existem no centro antigo. Esta atitude, com a sua dupla vantagem, leva a que se procure uma nova vocação e se resistematize o Centro histórico adaptando-o ao «leislar» ao recreio e à cultura, inserindo-o de resto no quotidiano de tal modo que ele venha a agir para as novas e futuras gerações, como uma continuidade de memória e como uma peça fundamental da «psiche» colectiva lisboeta.

Uma nova capacidade para aglutinar os homens

Impõe-se pois que Lisboa se transforme numa «nova cidade» onde sejam utilizados e visíveis os modernos processos de ordenação e criação da paisagem urbana à escala da civilização eléctrica.

A nova cidade deverá pois ser cada vez menos uma sucessão de formas e cada vez mais um encadeado de acontecimentos sem interrupção; será pois um universo onde a Informação e a Comunicação devem estar presentes em cada momento e de tal modo que se oponha o «mundo cidadão» (urbe colectiva — comunidade) ao da casa (íntimo e privado). Há pois que combater, com a nova estrutura da cidade, a tendência crescente para o aumento de «privacidade» contra a vida em comunidade, com a natural quebra dos valores cívicos, que a vida em conjunto deveria proporcionar. Para isto muito concorrem os «mass média» com a sua enorme potência e capacidade para levarem até à célula habitacional a quase totalidade de informação, num dado momento disponível no mundo. Há que dotar a cidade com uma nova capacidade para aglutinar os homens, levando-os a reencontrarem valores de relação inequívoca, portanto, poderem não preferir a casa à rua — reencontrarem aquilo que será a nova casa sem que esta exista em oposição com a nova rua. Os gran-

des espectáculos colectivos, o cinema e o teatro constantes (ao ar livre e não regimentado) a «vibração luminosa» dos «ecrãs» gigantes da TV, informando e transmitindo acontecimentos (e conhecimentos) culturais e existenciais, é o homem em viagem contínua e não estada, na cidade.

A estrutura da nova cidade deve pois aglutinar em si todos os meios de informação e fazê-lo viver diariamente no espaço urbano e não apenas nas células individuais — as casas. Sem que se perca de vista a continuidade histórica que é dada pela continuidade existencial e pela presença da memória.

Algumas propostas

Tendo em vista a situação actual em Lisboa e do seu subúrbio, que propostas lhe parecem razoáveis para, alterando a facies dos «existis», corrigir alguns dos erros mais flagrantes?

Tendo em atenção tudo quanto se disse atrás acerca de Lisboa, do superpovoamento desordenado da sua subúrbia, e do modo como se poderia actuar em relação à sua futura evolução e criação da região, um modo semelhante do de Lisboa, aqui com a ajuda de «pólos de crescimento» que seriam em última análise «centros direccionais regionais»: Seria pois, possível para obstar ao continuo alastrar de áreas suburbanas, com a perda de valores de ordem funcional, paisagista e de mobilidade, o actuar um pouco com a ajuda de um modelo de desenvolvimento semelhante ao do plano da grande Londres, de Patrick Abercrombie e onde se previram a localização e criação de diversas cidades satélites que não distavam da cidade mãe (Londres), mais de 40 km. É sem dúvida necessária uma actualização deste conceito e como significado de modelo regional um ajustamento, de modo a que se tentasse quase exclusivamente conquistar novas cidades, à custa de reordenamento, junção ou re-sistematização das áreas urbanas existentes. Estes núcleos não conquistariam o estatuto da cidade senão pela reorganização do seu equipamento básico que deveria agir em complementaridade com o da cidade mãe (Lisboa). Efectivamente o movimento é agora reversível, impondo-se uma visão global desta região e uma estrutura onde se definam,

com rigor, o papel de cada núcleo urbano, ao nível das funções, potencialidades e evolução, tendo em conta que uma área de 3.000.000 habitantes terá necessariamente que fazer surgir mais do que um «centro». Seria à volta, e dependentes destes centros, que se aglutinariam as populações criando-se um sistema de crescimento centrípeta em oposição ao que tem havido até aqui, eminentemente centrífugo.

O conflito entre o velho e o novo

O que pensa da determinação sistemática de determinados tipos arquitectónicos facto que tem vindo a verificar-se?

O conflito entre o velho e o novo é, em certa medida, uma constante do diálogo das ideias com o mundo. A sua obsolescência no todo ou em parte é muitas vezes determinada pelas razões mais diversas e dir-se-ia que, ao nível da intervenção arquitectónica na urbe, não há relação de causa e efeito, um determinismo que permita «ab initio» a valorização de um em detrimento do outro. Deste modo poder-se-á dizer que nem tudo o que é velho é histórico e portador de uma sobrecarga de informação global que o mantenha perene na alma das populações, e que possa portanto assumir um valor de cultura inequívoca; e igualmente o que é novo não será sempre (entre nós quase nunca) um produto da imaginação contemporânea e anúncio de progresso. Daqui que não se possa, apenas de acordo com estas duas clássicas categorias analíticas, estabelecer um critério de avaliação das diferentes intervenções. Impõe-se o recurso a ideias envolventes e a uma estrutura generativa que leve à conquista de um modelo de intervenção onde, através de uma rede complexa de interações, importância ao nível da imagem, contexto, usos, funções, economia, história, planeamento, prefiguração, etc., se obtenha a coerência necessária e a determinação de um valor que não o será tanto intrinsecamente, mas um resultado da consideração de múltiplos factores. Deste modo a simples demolição e substituição de unidades arquitectónicas por outras tal como me pergunta em relação à Av. da República, será mais um problema de planificação de intervenção, da conquista de um objectivo — da

eleição de um papel para esta área urbana. Resultando, que me parece ocioso pensar-se alguma vez que seria possível reestruturá-la com a ajuda da simples substituição de uma malha de quarteirão, com ocupação periférica contínua, por outra em que os edifícios, independentemente da sua qualidade, não possuem uma nova regra de vida. Assim, dir-se-ia que, de um ponto de vista científico e não sentimental, é «absolutamente indiferente» manter a Av. da República «antiga» ou dar-lhe «nova face» pela substituição dos edifícios porque ela já se efemerizou como entidade urbana (para além de constituir um ramo forte na estrutura da mobilidade de Lisboa e ligação à região). Aquilo que interessaria, isso sim, era estruturá-la em absoluto e dar-lhe um novo papel a cumprir na evolução geral da cidade.

O alargamento, construção e reconstrução obedecem a um planeamento? Não obedecem a um planeamento? Qual é sua opinião? (por exemplo Benfica Av. da República)

O que se disse atrás permite mostrar que estamos em plena época de decisão em que as grandes escolhas ao nível da cidade devem ser feitas. Aproveitando a sugestão da sua proposta, dir-lhe-ei que é, quanto a mim, possível e inadiável criar um centro direccionais em Benfica (toda a área desde a 2.ª Circular até ao Limite Norte poente), o qual deveria estar articulado ao nível das funções, criação de empregos, cultura, ensino, saúde e assistência e recreio, com o actual centro histórico e que, para além disso, dada a sua posição exemplar, fácil se tornaria articulá-lo com Telheiras, se esta área assumir de facto o papel que a sua vocação determina, e ainda com o futuro centro de Chelas. A partir da ideia global de evolução é que, quanto a mim, se pode dar entrada à noção científica de planeamento.

Não vejo como pode a Câmara concorrer para uma especulação

Pode referir-se à especulação e ao papel que a Câmara desempenha ou poderá desempenhar no futuro?

Quanto a mim o fenómeno da especulação deriva da

simples articulação entre a posse do terreno (estrutura de fundiária) e a economia do mercado. Assim, tal como qualquer outro produto, o imobiliário está sujeito às leis do mercado (oferta e procura) e acaba portanto por ser um fenómeno de ordem puramente económica, agora, entre nós, assumindo também um cariz de ordem financeira. Parece-me ser um dos factores mais importantes da subida dos preços, o facto de o ramo imobiliário não responder só ao mercado dos utilizadores mas também ao dos financeiros e, ainda dentro destes, ao das pessoas com disponibilidades que querem investir com uma certa rentabilidade. Deste modo o produto pode sofrer em certas circunstâncias um acréscimo de valor que torna proibitivo o seu consumo, a não ser ao nível do sector de actividades terciárias, de reconhecida capacidade económica. Aparece pois, aliada a uma enorme diferença de possibilidades de utilização, uma incapacidade de recursos para a maioria dos usos o que dá imediatamente lugar a uma descontinua utilização do solo e a um «dirigismo» comandado por forças exteriores à técnica da gestão da cidade. A este nível não vejo como é que a Câmara, entidade que actua apenas ao nível técnico, informando a cidade e dotando-a de uma especialização de áreas, a que corresponde a corporificação do Plano Director, ou apenas sancionando os diferentes projectos cuja validade está regulamentada através do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, pode efectivamente concorrer para uma especulação. De facto, não é a partir da determinação dos usos do solo e portanto daquilo que se sugere ser a vocação das diferentes regiões urbanas, de acordo com um objectivo determinado (a que corresponde pois o planeamento) que surge um factor desta natureza, o qual depende apenas do comprador e do vendedor e da carência geral de produtos, como a habitação por exemplo que, actualmente dentro do perímetro daquilo a que se pode chamar Lisboa (não a grande Lisboa que pode englobar a Amadora, Queluz, Algés, Barreiro, Almada, Seixal, Loures, Odivelas, Caniços, etc.) «não se afigura ter grandes possibilidades de êxito». Quer isto dizer que dentro destes limites ela é «proibitiva» para a maioria dos utilizadores potenciais o que conduz a uma redução nas actividades construtivas, que, estando ainda como se sabe fora de qualquer legislação ou regulamento, dependem pois da actividade privada que, «naturalmente», procura o maior lucro e assim a derivação para o mercado que lhe dá a melhor resposta. Com a entrada em acção da EPUL (Empresa Pública de Urbanismo de Lisboa) poderá vir a suprir-se esta carencia (ou pelo menos aproximar-se muito) porque, sendo um organismo dotado duma inteligência teórica à partida, está, por depender da Câmara (?) especialmente dirigido à solução de problemas desta ordem, e nunca ao seu agravamento. Poder-se-á dizer que há neste momento uma estrutura embrionária destinada, portanto a pôr um certo travão a um problema tão grave como este.

... Uma necessidade flagrante de ilustrar as populações...

Como encara a participação das populações na construção do planeamento da cidade?

Quanto a mim o fenómeno da especulação deriva da

A criação orgânica de núcleos urbanos, isto é, o aparecimento desordenado, não sujeito a um planeamento, tem na maioria, senão na totalidade dos casos, como embrião (salvo a construção clandestina por excelência) um núcleo antigo, onde existe, as mais das vezes, uma certa tradição não direi democrática, mas onde, ao longo dos anos, se produziram acontecimentos capazes de ajudarem à aglutinação das populações, tais como por exemplo clubes desportivos, sociedades de recreio e cultura e outros areópagos não tão reconhecidos; ou por vezes apenas as unidades de trabalho que acabam por, a partir de um certo número de empregados, gerar uma consciência colectiva. Igualmente o trabalho pode, em certas regiões (campo), assumir-se como «alma mater» deste tipo de relações sociais e acabar por preencher a falta do equipamento urbano que basicamente gera ou ajuda à criação dessa consciência. No mundo moderno e principalmente nos Estados Unidos, a participação das populações tem uma voga e um êxito fora do comum e são notáveis as experiências de planeamento levadas a cabo pelo grupo de L. Halprin, em S. Francisco da Califórnia (take part), onde foram utilizadas as mais modernas técnicas de informação — dado que não basta sentir o efeito de um acontecimento para que se atinja a sabedoria do seu controlo, e muito mais do que isso, sem que haja uma divulgação dos diferentes modos de pôr em acção o exercício desse controlo. Se é básica e teoricamente inatacável a intervenção e participação das populações, dado que em certos casos os grupos humanos desenvolvem dimensão própria ao nível da antropologia cultural (linguagem, modo de vestir, relações físicas com o mundo exterior, a casa, tradições particulares, etc.) infra-estruturas duma consciência de ser em grupo não é menos verdade que resulta pura demagogia se essa participação não tiver como contrapartida um dispositivo de informação baseado numa didáctica de experiências. Como posição, parece haver uma necessidade flagrante de ilustrar as populações no sentido de lhes sugerir um «modo mental», uma forma de imaginário colectivo onde então a sua participação poderá atingir o plano da cultura, uma arma contra o paternalismo da «pseudo-inteligência» que a maioria dos técnicos desenvolve quando nesta prática. Já no que diz respeito à sua participação na construção, supondo que não será tanto possível dado que a enorme massa populacional gera carências de habitação cuja solução apenas se pode atingir com programas máximos de industrialização onde há o recurso a tecnologias e equipamentos que, nem de perto nem de longe, são compatíveis com o seu exercício particular. De facto, poder-se-á dizer que a autoconstrução já existe, mas dentro de um quadro de obsolescência progressiva como o é a habitação clandestina e de bairro da lata que, quer se queira quer não, é um dado do problema social que há que enfrentar. Mesmo encarando conceitos teóricos como o sejam o da habitação evolutiva, impõe-se o recurso a uma entidade colectiva onde as técnicas e os equipamentos conduzem a uma amortização super rápida e a construção seja efectivamente social. A não observação destas regras, leva ao que recentemente sucedeu na América Latina (Peru), onde um concurso internacional para a sistematização e projecto de um bairro para economicamente débeis (e onde estiveram presentes alguns dos

maiores nomes da arquitectura mundial) teve como resultado a «construção social» ficar mais cara que a «tradicional».

A ciência contra o arrivismo, a pedagogia contra a gula

Qual o papel do arquitecto em Portugal? O que se (não se) faz, em que medida depende dos técnicos de arquitectura?

Como em qualquer sociedade, o cultor e organizador das actividades construtivas tem um papel acima de tudo premonitório. Como construtor do mundo, o arquitecto dá corpo às ideias, aos desejos e às necessidades de uma época, dum povo ou duma especial conjuntura histórica. Dentro disto, o arquitecto em Portugal deverá estar munido duma especial consciência cívica e moral e ter a humildade de assumir a realidade do país que desponta neste momento para a planificação (entendida esta como uma estrutura inteligente capaz de prefigurar uma nova estrutura, seja a que nível for) e onde a convergência das diferentes consciências técnicas conduz à conquista de um objectivo que se enquadra na linha evolutiva real da sociedade em que nos encontramos. O papel de arquitecto quanto a mim será, acima de tudo, «moldador», não no sentido do proselitismo, mas no sentido exemplar. Compete-lhe a pedagogia contra a gula, a ciência contra o arrivismo, a lucidez contra a habilidade e a imaginação, como forma de real e de invenção, ao serviço da sociedade, contra o optimismo do saber condicionado. Impõe-se ainda, paralelamente, ensaiar uma nova estrutura para a profissão que não permita mais manter certas formas de relação dentro dos locais de trabalho tradicionais e de molde portanto a que os «jovens arquitectos não sejam afogados pelos «mais velhos» (tradicionalmente os detentores de contratos e os detentores do controlo das relações entre a actividade profissional e o cliente, seja ele privado ou estatal). Isto deve-se, em grande parte, ao facto de a sociedade portuguesa não ter atingido ainda a necessidade da utilização da tecnocracia (nem sequer ao nível da sua fase mais elementar — técnica pela técnica) e onde a maioria das vezes o estatuto patronal leva à anulação da personalidade do verdadeiro autor. Poder-se-á dizer que uma grande parte da arquitectura moderna portuguesa é, ao nível das personalidades que supomos lhe terão dado corpo, inteiramente apócrifa e com o beneplácito de todos.

Quando um arquitecto nasce um futebolista morre

A formação oferecida ao estudante português de arquitectura é suficiente? Está de acordo com as necessidades que o futuro técnico terá de enfrentar? E assente nas realidades no seio das quais o arquitecto irá operar?

A formação do arquitecto não pode ser encarada apenas a um nível escolar ou académico pois que, em boa verdade, apenas aos espíritos singulares pode ser concedida a faculdade de se formarem e organizarem mentalmente em escassos 6 anos. É evidente que a ironia e contradição que a

sociedade moderna suscita, põe-se acima de tudo ao nível da necessidade de técnicos com um mínimo de preparação que engordam o sistema e que conduzem ao mesmo tempo à sua rejeição após uma ou duas falências. De facto, qualquer preparação científica envolve um domínio e uma aprendizagem da imaginação e do seu método operacional, mas também uma infra-estrutura cultural, e, o que é mais importante quanto ao que se disse, um exercício profundo das suas capacidades. Se a humanidade reflecte em termos globais a sociedade em que vivemos, não é menos verdade que o exercício duma profissão tem que conter como estrutura uma ordem, que permita sem um mínimo de dúvida uma regra, de modo a tornar-se didáctica

vindo a suprir o que naturalmente o ensino não pode fornecer. Não nos podemos esquecer que é já muito longe dos bancos da escola que a maioria (senão a totalidade) dos arquitectos atinge uma maturidade e uma consciência que os torna realmente úteis e capazes de se inserirem na sociedade, modificando-a. É muito curioso que, quando o arquitecto nasce, um futebolista morre. O ter a consciência deste facto, deverá ser um elemento de grande importância na formação, pós-graduação e mais ainda na actualização constante que se exige a quem quer acompanhar, nem que seja apenas ao nível da inteligência teórica, a marcha do mundo. Por outro lado ainda, o território da arquitectura alarga-se dia a dia e a clássica

dicotomia entre arquitecto e urbanista desaparece; ela, que nunca passou de uma extensão indevida da «incapacidade física e burocrática», nunca da ordem, da inteligência e da cultura que todo o movimento moderno e as suas maiores personalidades manifestaram, por não terem sido capazes de romper a barreira formada pelos administradores. Apenas e com uma rara felicidade, isso foi possível a Toni Garnier e Berlage. Há ainda fenómenos que, ao nível da formação, se tornam altamente interessantes e fecundos e que dizem respeito ao treino no sentido da criação de uma moral de grupo, e que terá a sua correspondência prática ao nível da actuação interdisciplinar. Assim, não só se põem em acção necessidades de articulação

com as demais formações artísticas e que vão da pintura e da escultura aos modeladores do espaço cénico e cinematográfico, como também aos técnicos e aos teóricos (filósofos). Torna-se necessário criar uma estrutura de molde a que, dentro do cumprimento do curriculum académico, se atinja um apuro no domínio e controlo da organização mental dos diferentes métodos de intervenção, cuja especialização e actualização e cursos de pós-graduação levam a que, em conjunto com a prática diária, se atinja um estatuto incontroverso da profissão. Há, pois, quanto a mim, dois níveis de formação, dois sistemas complementares com informações e formações distintas e cujas articulações e convergências há que assegurar.



SECIL

COMPANHIA GERAL DE CAL E CIMENTO S. A. R. L.

Sede: OUTÃO—SETÚBAL

Escritórios Centrais: Av. Conselheiro Fernão de Sousa, 19-18.º

LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL SOCIAL DE 300000 PARA 350000 CONTOS

Autorizado por Portaria de 21 de Janeiro de 1974, publicada no «Diário do Governo» n.º 21, III série, de 25 de Janeiro de 1974.

EMIÇÃO DE 100000 ACÇÕES DE VALOR NOMINAL DE ESC.: 500\$00

CONDIÇÕES DA EMISSÃO

1. — SUBSCRIÇÃO RESERVADA AO PESSOAL E CASA DO PESSOAL DA SECIL

13 400 acções destinadas a serem subscritas pelos trabalhadores ao serviço da empresa, ao preço de emissão de 3000\$00 por acção.
1100 acções destinadas a serem subscritas pela Casa do Pessoal da SECIL, ao preço de emissão de 3000\$00 por acção.

2. — SUBSCRIÇÃO DESTINADA AO PÚBLICO EM GERAL

85 500 acções para serem oferecidas à subscrição do público em geral, ao preço de emissão de 3000\$00 por acção.

3. — PAGAMENTO

Todas as acções a emitir serão integralmente liberadas, em numerário, no acto de subscrição.

4. — DEVOLUÇÃO DE NUMERÁRIO

Em caso de reatado as importâncias sobranças serão devolvidas aos subscritores no prazo de 30 dias a contar do último dia da subscrição.

5. — TÍTULOS A EMITIR

As acções são nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis e representadas por títulos de 1, 5, 10, 100 e 1000 acções.

6. — DIREITOS

As novas acções terão direito ao dividendo que vier a ser distribuído relativamente ao exercício de 1974, proporcionalmente aos meses decorridos, por inteiro, desde o termo da subscrição.

7. — ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS

A entrega dos títulos definitivos será efectuada dentro do prazo de 5 meses a contar do termo da subscrição.

8. — ADMISSÃO À COTAÇÃO DA BOLSA

Logo que sejam emitidos os títulos definitivos, será requerida a admissão à cotação na Bolsa da totalidade das acções representativas do capital social da Empresa.

9. — IDENTIFICAÇÃO

Chama-se a atenção dos subscritores para o que se encontra oficialmente estabelecido quanto à respectiva identificação.

10. — PERÍODO DA SUBSCRIÇÃO

A subscrição das acções decorrerá nos próximos dias 4 a 6 de Março, nas seguintes Instituições de Crédito:

Caixa Geral de Depósitos
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco do Alentejo
Banco do Algarve
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay

Banco Intercontinental Português
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto de Magalhães
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South América, Ltd.
Crédit Franco-Portuguais
Crédito Predial Português
Manuel Mendes Godinho & Filhos
Montepio Geral
Pancada, Moraes & C.

onde poderá ser obtido o prospecto elucidativo sobre este aumento de capital.

A subscrição reservada aos trabalhadores e Casa do Pessoal da SECIL será efectuada na Sede e Escritórios da Empresa.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1974.

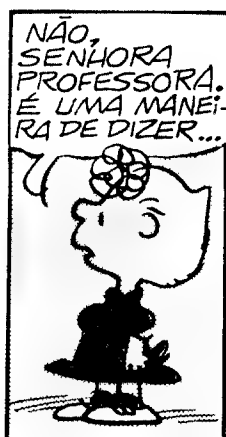
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO.

PEANUTS

apresentam

"O velho amigo Charlie Brown"

por SCHULZ



os Kolans



DOUGLAS-HOME TERIA FORÇADO HEATH A MANTER-SE NO PODER

LONDRES — A Grã-Bretanha perdeu dois «Leaders»: Edward Heath, que foi rejeitado, e Harold Wilson, que na actual situação não pode formar governo depois do mandato que a nação lhe conferiu.

Heath pediu para o país escolher entre ele, à frente de um Governo forte e com maioria aumentada no Parlamento, e o caos. A nação, profundamente dividida como os números mostram, acabou por indirectamente escolher o caos.

Heath passou horas agonizantes, certamente, à espera dos resultados. Mas a vontade da nação que votou na maior escala dos últimos quinze anos foi recusar aquilo que ele tinha para oferecer. A Câmara dos Comuns foi eleita. Mas a Câmara dos Comuns sem governo real e incapaz de formar um, claramente.

Nem trabalhistas nem conservadores podem esperar nesta situação poder sobreviver sem o apoio dos liberais. Mas antes de os resultados serem conhecidos os três «líders» dizem não estar interessados em coligações. Heath deu já o primeiro passo, ao chocar o país por pretender manter-se no poder onde a maioria não o quis. E por a noite passada ter chamado Thorpe para consultas que chegaram, por enquanto, a nenhum compromisso.

A luz desta nova situação criada pela teimosia dos conservadores em se manterem no

liberais que poderão estruturar diversos pontos de acordo a fim de evitarem uma rejeição dos trabalhistas em Westminster dessas políticas submetidas à Câmara.

No dia 12 deste mês, o Parlamento reúne-se e o Governo terá de anunciar as suas políticas e o orçamento. Disposições rigorosas serão aceites pelos dois principais partidos, pois na actual situação outra coisa não se pode fazer. Mas esta é uma situação que não pode manter-se.

Segundo fontes de confiança, Heath quis demitir-se logo que os resultados foram mais claros. Em termos pessoais, a derrota foi estrondosa.

Telex de JOAQUIM LETRIA, nosso correspondente em Londres

Governo, Harold Wilson terá eventualmente que dar também o seu dito por não dito.

Para já, seja qual for o Governo que venha a ser criado para governar, há duas certezas: a Lei das Relações Industriais está morta, bem como a Política Estatutária Anti-inflacionária.

Não deverá também haver uma coligação no Governo a não ser uma coligação no Parlamento entre conservadores e

O povo não quis a sua política, não gostou da maneira como ele apresentou os problemas do país e disse preferir um acordo com os mineiros do que a tão apregoiada firmeza dos conservadores. É verdade que também não foram muito entusiásticos para Harold Wilson. Mas Heath devia sair.

Segundo as mesmas fontes, foram lord Carrington, Anthony Barber e Robert Carr que o persuadiram a ficar. E certamente

que o Partido Conservador, cujo mau perder é conhecido, não quer deixar fugir das mãos uma situação sem tentar o último golpe. Esse será substituir Heath por um Withelaw prestigiado e, daqui a algum tempo, tentar a maioria no Parlamento através de novas eleições. Heath permaneceu silencioso e enigmático quando Withelaw disse que era necessário cumprir o veredicto da nação.

E foi um dos mais experientes «leadr» conservadores, antigo primeiro ministro, actual ministro dos Estrangeiros, homem com quase meio século de experiência, que terá forçado Heath a manter-se no poder por enquanto: «sir» Alec Douglas-Home. O argumento de «sir» Alec terá sido o da nação ter votado proporcionalmente mais nos conservadores, alegando os cerca de 300 mil votos que tiveram a mais do que os trabalhistas. E «sir» Alec disse também que, com os nacionalistas e unionistas no Parlamento, os trabalhistas não seriam capazes de governar, mesmo com o apoio dos liberais. «Sir» Alec convenceu Heath a ir a Buckingham e pedir à rainha para lhe deixar pôr o seu destino ao Parlamento.

Entretanto, os trabalhistas já declararam ter um governo capaz de entrar em acção. Com a actual situação, disseram, é preciso arregaçar as mangas e voltar a trabalhar, todos unidos, para sair da crise mais grave da história deste país desde a Segunda Guerra e que comemora a entrada no quarto ano do Governo Conservador.



O primeiro-ministro italiano, Mariano Rumor, no momento em que chegava ao Palácio do Quirinal para apresentar ao presidente da República, Giovanni Leone, o pedido de demissão do seu gabinete (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

DEMITIU-SE O GOVERNO ITALIANO

— Iniciam-se amanhã as consultas para formar novo Gabinete

ROMA, 3 (R.) — O Governo italiano chefiado por Mariano Rumor, que subira ao Poder há oito meses, resignou ontem desencadeando uma tremenda crise política.

Na segunda-feira iniciar-se-ão negociações para se tentar encontrar o 36.º Governo italiano desde a queda do negregado fascismo. A resignação do Governo Rumor ocorre numa altura em que o país está a braços com uma grande crise económica e com um escândalo de corrupção política de dimensões insondáveis.

Continua na pág. 2



«Heath vai-te embora. Estamos fartos de ti» foram algumas das legendas dos cartazes da manifestação que se efectuou ontem em frente da residência do actual primeiro-ministro britânico (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

REACÇÕES NO ESTRANGEIRO À EXECUÇÃO DE PUIG

MADRID, 3 — (R.) — Um anarquista espanhol e um cidadão polaco — julgados e declarados culpados de terem morto dois polícias — foram garrotados. No entanto, o general Francisco Franco, chefe de Estado espanhol, decidiu poupar a vida a um guarda civil que assassinou um dos seus superiores. As execuções tiveram lugar de madrugada mediando entre ambas um espaço de 40 minutos.

NOVO EMBAIXADOR DO BRASIL EM PORTUGAL

BRASÍLIA, 3 (ANI) — O presidente da República, general Emílio Garrastazu Médici, dirigiu uma mensagem ao Senado Federal, indicando os nomes do general de Divisão Carlos Alberto da Fontoura, e dos ministros de primeira classe, da carreira diplomática, Jorge Carvalho e Silva e Jorge Desgragnolle Taunay para exercerem, respectivamente, as funções de embaixadores do Brasil em Portugal, na Itália e no Líbano.

Salvador Puig Antich, de 26 anos, alegadamente membro do Movimento Ibérico de Libertação, grupo clandestino, tinha ligações comunistas e procurou derrubar o regime franquista.

Antich foi executado numa prisão de Barcelona depois de ser declarado culpado pelo tribunal de ter disparado quatro balas que mataram um subinspector da Polícia de Segurança na cidade de Condal em Setembro do ano passado.

O outro executado foi o cidadão polaco Heinz Ces, de 25 anos, condenado à morte por ter morto a tiro um elemento da Guarda Civil. O polaco matou o agente da autoridade numa estância balnear da costa

Leste em 19 de Dezembro de 1972.

Julgado em Tarragona, Heiz Ces foi também garrotado na prisão de Tarragona onde se encontrava.

Condenados à morte por tribunais militares, os homens executados perderam os apelos feitos para o Supremo Tribunal de Justiça Militar.

O general Franco, de 81 anos, que tem vindo a governar a Espanha desde que as forças nacionalistas esmagaram a República na Guerra Civil espanhola, de 1936/1939, não fez uso da prerrogativa que lhe assiste em conceder um perdão da última hora, apesar de ter recebido apelos de muitos e destacados advogados e intelectuais espanhóis, de se terem realizado veementes protestos em várias capitais europeias e de ter recebido telegramas de conhecidas personalidades internacionais, ligadas a movimentos de direitos humanos, rogando-lhe que poupasse a vida a Salvador Puig Antich.

No entanto o general Franco

Continua na pág. 3

Veiga Simão (em Vila Real):

TEMOS DE CUMPRIR O PLANO TRAÇADO

VILA REAL, 3 — O ministro da Educação Nacional prof. Veiga Simão conferiu posse à comissão instaladora do Instituto Politécnico criado nesta cidade e para o qual foi nomeado director o prof. eng. António Augusto Guerra Réfega, doutorado em Ciências Agrónomicas, tendo como colaboradores o dr. Álvares Pires e Palma de Brito e o eng. Cardoso Simões, designados para fazerem também parte da citada comissão.

Na cerimónia da posse realizada no átrio do Governo Civil, o prof. Veiga Simão proferiu o seguinte discurso:

Com a tomada de posse da Comissão Instaladora do Instituto Politécnico de Vila Real dá-se início aos trabalhos de lançamento efectivo de um importante grupo de instituições do novo ensino superior português que, conjuntamente com as Universidades e as Escolas Normais Superiores, hão-de constituir traves mestras da democratização do nosso Ensino.

Fica entregue em boas mãos este Instituto. Na verdade, deposito a maior confiança na acção do seu director, prof. eng.º António Réfega, doutor em Ciências Agrónomicas e técnico de elevada capacidade científica, e nos seus colaboradores, dr. Álvares Pires e Palma de Brito, e eng.º Cardoso Simões, que a esta obra dedicarão todo o seu entusiasmo e inteligência.

A estratégia da expansão e diversificação do ensino superior em Portugal foi delineada em obediência a princípios muito claros.

As portas desse ensino encontravam-se demasiado fechadas para muitos que, apesar do seu valor, não tinham possibilidades de continuar os estudos para além da escola secundária.

Eram longas as distâncias que os separava das terras onde viviam; eram mudanças para ambientes que não ofereciam aos pais uma segurança atractiva; eram cursos demasiado longos e pouco adaptados a vocações mais dirigidas para a

vida prática; eram condições económicas que não permitiam facilmente a manutenção de uma família separada; era o amor à terra que não queriam ou não podiam abandonar...

A única solução que se conjugava com as necessidades de desenvolvimento regional e de fixação de valores em terras sedentas de progresso e simultaneamente permite uma distribuição de população escolar pelos estabelecimentos de ensino superior de modo a permitir-lhes uma maior eficácia na formação cultural, científica ou tecnológica dos seus alunos; a única solução que não se associa à repressão de valores para desmassificar as Universidades é, sem dúvida, a descentralização dos centros do ensino superior, criando novas Universidades, institutos politécnicos e escolas normais superiores. E essa descentralização devia naturalmente ser acompanhada de uma maior diversidade estrutural, pedagógica e científica, ao mesmo tempo que se tomam as medidas necessárias para que todas as escolas em anos de correspondência permitam a obtenção de graus académicos idênticos e de valor nacional.

Um sistema coerente de ensino superior universitário e

não universitário, com escolas e institutos fechados a Universidades, permitindo uma certa maleabilidade de transmutação e completa possibilidade de prosseguimento de estudos até à licenciatura sem perda de anos era, sem dúvida, aquele que melhor servia os interesses de todos, e, consequentemente do País.

É este sistema que vem sendo implantado com a persistência exigida nas obras grandes e a audácia sem descurar a prudência, associada às ideias novas.

As universidades existentes encontram-se superlotadas, as condições de trabalho e gestão deterioraram-se progressivamente, um contínuo crescimento seria insustentável, e ao mesmo tempo o abandono de valores de terras do interior agravava os desequilíbrios de desenvolvimento cultural, social e económico inter-regiões. A única solução capaz e de acordo com o insubstituível princípio de democratização do ensino era a de elaboração de um plano ousado de criação de novos centros do ensino superior em regiões que os justificassem, abertos a jovens cada vez em maior número desejosos de saber, cultura e de uma formação que os torna úteis para a vida e para a sociedade.

As esperanças frustradas de pais, algumas mortas em dolorosas impossibilidades doutros tempos, sucedem agora novas esperanças para os filhos, nas amplas perspectivas de um futuro melhor para todos, e em especial, para os mais capazes.

Após cuidadoso estudo o Governo de Marcello Caetano lançou um plano que engloba 27 novos centros de ensino su-

Continua na pág. 10

A demissão do Governo italiano

Continuação da pág. 1

No entanto, tudo leva a crer, segundo certas indicações, que a crise pode vir a ser resolvida com relativa presteza.

A solução mais provável é de que Rumor assumirá pela quinta vez o lugar de primeiro-ministro de uma equipa governamental remodelada e reforçada.

Se na verdade assim for acrescentará mais um golpe ao crédito de um sistema político que desde 1934 tem tido governos sucessivos, cada um em média de período de 10,5 meses.

A confusão pública, é maior ainda pelas razões, aparentemente sem consistência, para a crise actual.

O Governo Rumor, que subiu ao Poder no Verão passado, cotava-se como uma grande coligação agrupando os democratas-cristãos, os socialistas, os social-democratas e os republicanos.

Na verdade parecia um Governo forte principalmente depois do malogro de um ano experimental com uma administração centro-direita.

Acontece porém que desde o início da coligação foi assolado por profundos diferendos entre Ugo La Malfa, republicano e ministro do Tesouro, e Antonio Giolitti, socialista e ministro do Orçamento, diferendos relativos à conduta dos assuntos económicos do país.

La Malfa, de 70 anos, fazia pressão para uma dura acção anti-inflacionária destinada a meter travões aos tremendos défices no orçamento público e no comércio externo, ao passo que Giolitti se mostrava favorável a um contacto mais expansionista destinado a salvar os trabalhadores contra o desemprego.

Esses diferendos acentuaram-se este mês a respeito dos termos de um empréstimo no valor de 1200 milhões de dólares negociado por Ugo La Malfa com o Fundo Monetário Internacional.

Vendo-se severamente atacado por Giolitti, o ministro do Tesouro decidiu que a sua posição se havia tornado insustentável e entregou a sua resignação na quinta-feira.

O Partido Republicano, do qual La Malfa é secretário, retirou-se da coligação em solidariedade com o ministro do Tesouro.

Pensou-se primeiramente que a resignação do Gabinete poderia ser evitada por uma remodelação com os republicanos continuando de fora a apoiar o Governo.

No entanto, o pequeno mas influente partido Republicano exigiu que o Governo fosse reforçado pela concessão de cargos do Gabinete aos secretários dos quatro partidos da coligação, mas os outros três partidos rejeitaram a ideia.

Depois de consultas realizadas ontem com dirigentes políticos, Mariano Rumor, de 68 anos, decidiu que não havia

tecnicamente outra maneira senão apresentar a resignação do Gabinete.

Observadores políticos falam em termos de uma crise «manejada» no sentido de que a resignação do Governo pode apenas ser um movimento formal estando à vista uma fórmula de substituição.

Não obstante não há ninguém que possa ter a certeza de que as coisas se passem assim, mas seja qual for a forma do novo Governo, terá à sua frente problemas de gigantesca complexidade.

O DIVÓRCIO OBJECTO DE REFERENDO

ROMA, 3 (R) — O governo cessante de coligação do primeiro-ministro, Mariano Rumor, decidiu que o controverso referendo antidivórcio se realiza no dia 12 de Maio.

A decisão pôs termo a meses de incerteza sobre o escrutínio, pedido por católicos das direitas, que recolheram mais de 1.300.000 assinaturas na tentativa de alterar as leis do divórcio da nação.

A legislação sobre o divórcio entrou em vigor não obstante a veemente oposição da Igreja Católica e do dominante partido Cristão Democrata, há três anos, e católicos conservadores iniciaram imediatamente medidas tendentes a revogá-la.

O referendo fará apenas esta pergunta: «Pretende a anulação da lei de 1 de Dezembro de 1970, número 898, intitulada «Regulamento dos casos referentes à dissolução do casamento?»».

Nos últimos meses tem havi-

do intensa actividade nos bastidores dos dirigentes políticos, ansiosos por evitar a realização do referendo, que se receia possa dividir o país nos campos religiosos e leigo.

Mas não se chegou a acordo, e a perspectiva de um referendo socialmente divisivo foi um dos muitos problemas que enfrentou a coligação que ontem se demitiu.

A campanha pró e contra a anulação da lei do divórcio começou mesmo antes de ter sido fixada a data, e os bispos recentemente pediram à população que vote a favor da alteração da lei.

Parte fundamental na campanha será desempenhada pela cadeia de televisão, dirigida pelo estado, e tem havido reuniões nos últimos dias com vista a elaborar as linhas mestras da cobertura televisiva.

Facções pró-divórcio rejeitam que a direcção da televisão predominantemente Cristã

A FUSÃO LÍBIA-TUNÍSIA É IMPOSSÍVEL PARA JÁ segundo Habib Búrguiba

TUNES, 3, (UPI/ANI) — No seu primeiro discurso desde o acordo da união do seu país com a Líbia, o presidente Habib Búrguiba declarou que tal fusão é impossível no futuro imediato.

O presidente tunisiano acrescentou que tenciona encontrar-se com o presidente da Argélia, Huari Bumediene, ainda este mês, podendo resultar desse encontro a criação de uma nova era nas relações entre os países do Noroeste africano.

Falando em Ksar Ellal, Búrguiba afirmou:

«Embora a fusão das nações árabes continue a ser o nosso objectivo, não nos parece que seja possível para já».

E acrescentou:

«Talvez que, do encontro este mês com o nosso irmão e amigo presidente Huari Bumediene, assinalando um programa económico comum, resultem decisões que facilitem a

abertura de um novo e importante estádio nas relações, não só entre a Tunísia e a Argélia, mas também entre o povo do Grande Maghreb, incluindo o Marrocos e a Mauritânia».

Búrguiba explicou o motivo por que a união é, agora, considerada impossível, criticando as recentes declarações do «leader» líbio, Moammar Khadafy de que o sentido de Tunísia em termos insultuosos.

Búrguiba declarou claramente que os comentários de Khadafy destroem «O sentido de fraternidade e da pureza de intenções».

Mas amenizou as suas censuras, acrescentando que o incidente não deve afectar os interesses comuns, os destinos comuns e os corações que batem em uníssono através de toda a região, partilhando as mesmas esperanças e as mesmas ambições».



Apesar da situação tensa provocada pelo levantamento das Forças Armadas, o imperador etíope Haile Selassie comemorou ontem o 78.º aniversário da batalha de Adowa, celebrado na catedral de S. Jorge (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

ETIÓPIA

Selassie comprometeu-se a aceitar os pedidos das Forças Armadas

ADDIS ABEBA, 3 — (R) — As Forças Armadas etíopes anunciaram ontem o levantamento do seu bloqueio à cidade de Asmara, no Norte do país.

Um comunicado transmitido pelo comando das Forças Armadas da Zona Norte, lido no Rádio de Asmara, informava que o aeroporto da cidade — encerrado na terça-feira — estava de novo em funcionamento.

A reabertura do aeroporto de Asmara ao tráfego começou a partir das 11 horas TMG.

O comando da guarnição de Asmara dizia no comunicado que as tropas tinham bloqueado a cidade como apoio às suas exigências para melhores

ordenados e melhores condições de vida.

As tropas apresentaram na quarta-feira uma lista de queixas ao imperador Haile Selassie.

Segundo a Rádio, o imperador comprometeu-se a aceitar todos os pedidos das Forças Armadas sendo isso que deu azo ao levantamento do bloqueio de Asmara.

O comunicado acrescentava que os soldados lamentam ter prejudicado a economia etíope, mas que tinham de de-

fender os seus direitos, acreditando que a revolta foi feita para melhorar as instituições etíopes.

A transmissão sublinhava: «Toda a gente pode agora trabalhar livremente».

Em Addis Abeba, fora a guarda montada em edifícios estratégicos, o exército regressou já aos seus quartéis.

No entanto, continua em vigor o recolher obrigatório desde as nove da noite até ao alvorecer.

Quanto aos marinheiros rebeldes, ainda ocupam a base Massua, no Mar Vermelho. A maior parte dos vasos da Marinha etíope estão no mar.



Quem precisa de gasolina não é você. É o seu carro. E para além dos riscos de uma intoxicação ou de complicações com a polícia, quem anda a fazer «transfusões» de gasolina expõe-se ao ridículo e perde tempo.

Quem sabe o valor da gasolina, não precisa desses expedientes para andar mais alguns quilómetros. E saber gastar combustível, é não desperdiçá-lo. Nas suas deslocações, nas suas compras, poupe o seu tempo. Poupe gasolina.

Consulte as Páginas Amarelas.



a consulta que resulta

ISRAEL: Um governo minoritário será apresentado amanhã

JERUSALÉM, 3 (R) — O chefe do Governo israelita, sonhora Golda Meir, passará o fim-de-semana ocupada nos planos do Governo de minoria que tenciona apresentar amanhã à aprovação da Comissão Parlamentar do alinhamento trabalhista.

No entanto, desconhece-se se será incluída a facção rebelde Rafi, do alinhamento.

Fontes desta facção indicaram que o ministro da Defesa, Mosche Dayan, principal membro do Rafi, deverá manter-se firme na sua recusa em aderir a uma administração de minoria.

A facção Rafi convocou para esta noite uma reunião a fim de decidir se os seus representantes, à luz desta recusa, se juntarão ao gabinete, e o modo de votar quando a senhora Meir apresentar o seu gabinete ao Knesset, na terça-feira.

O ministro dos Transportes, Shimon Peres, é o segundo representante da facção no gabinete cessante, e indicou que seguirá o exemplo de Dayan.

Gad Yacobi, vice-ministro

dos Transportes e influente membro do Rafi, declarou à Rádio israelita que gostaria que o alinhamento trabalhista reconsiderasse a sua oposição a uma vasta coligação nacional.

Mas acrescentou compreender que não se trata de uma esperança realista, sob as actuais circunstâncias.

Yacobi discordou de Avraham Ofer, informador da facção trabalhista Mapai no

alinhamento, que anteriormente, no mesmo programa, afirmara pensar que a recusa de Dayan em fazer parte do Governo não se devia à falta de apoio no seio do partido, mas era devida a razões puramente pessoais.

Yacobi declarou que o seu colega ficara bastante perturbado e ferido pela inclusão no alinhamento trabalhista do que considera elementos hostis das outras facções.

Gideon Hausner, do partido Liberal Independente (ILP), anunciou ter retirado a sua oposição ao cargo de ministro sem pasta que lhe foi oferecido pela senhora Meir, e que está agora pronto a aceitá-lo como o segundo posto do gabinete para o ILP.

Hausner, principal acusador no julgamento de Adolf Eichmann, realizado em Jerusalém em 1961, esperava ser nomeado ministro da Justiça.

O núncio espanhol deslocou-se ao Vaticano

ROMA, 3 (R.) — O núncio apostólico em Espanha, mons. Luigi Dadaglio, chegou ontem a Roma entre especulações de que a sua visita se relaciona com o bispo de Bilbao, que tem estado virtualmente sob prisão domiciliária por ordem do Governo de Madrid.

O núncio declinou especificar a razão da sua visita ao Vaticano, dizendo que nem sabe se será recebido em audiência pelo Sumo Pontífice. No entanto, comentou que acontecimentos recentes que dizem respeito à Igreja Católi-

ca no norte de Espanha são «um problema delicadíssimo».

O bispo de Bilbao, mons. António Anoveros, de 67 anos, e o seu vigário-geral, D. José Angel Ubieta, de 45, têm estado nas suas residências em Bilbao, desde há três dias, por ordem do Governo espanhol.

Essa decisão seguiu-se à circulação entre sacerdotes da área basca de Bilbao de um sermão pastoral escrito pelo gabinete do bispado onde se apelava para serem concedidas mais amplas liberdades aos bascos na gerência dos assuntos da província basca.

A EXECUÇÃO DE PUIG ANTICH

Continuação da pág. 1

decidiu comutar a sentença de morte proferida contra o guarda civil António Franco Martin, condenado por ter morto a tiro um oficial da corporação durante uma zaragata ocorrida num quartel da Guarda Civil em Huelva, no Sul de Espanha.

Dirigentes da oposição política espanhola reagiram às execuções consumadas.

O garrote é uma antiga forma de execução em Espanha, sendo a morte provocada por estrangulamento através de uma argola de ferro que é colocada em volta do pescoço do condenado.

Decorreram mais de 10 anos desde as últimas condenações à morte em Espanha pelo garrote. Em 1963 dois alegados anarquistas foram executados dessa forma por terem levado a cabo ataques terroristas à bomba.

A última execução de qualquer género que se realizou em Espanha ocorreu em Janeiro de 1972 tendo sido fuzilado um soldado inculpação por homicídio.

No âmbito da lei espanhola, os crimes que envolvam a utilização de armas de fogo e ameaças contra a vida humana são julgados por tribunais militares.

Em Barcelona, cidade natal de Puig Antich, ainda não se manifestou qualquer reacção contra a morte do jovem anarquista.

Observadores encaram a decisão de executar Antich como estando firmemente em linha com a advertência feita pelo primeiro-ministro Carlos Arias Navarro em 12 de Fevereiro, no seu primeiro grande discurso político desde que tomou posse do cargo depois da morte do primeiro-ministro Luís Carrero Blanco em 20 de Dezembro.

Ao falar à Espanha em 12 de Fevereiro, Arias Navarro frisou que o Governo não toleraria qualquer forma de actividades subversivas ou criminosas.

Reacções na Itália...

ROMA, 3 (R.) — Um grupo de homens mascarados atirou uma garrafa de gasolina para a entrada da embaixada espanhola em Roma, ao mesmo tempo que os homens dispararam vários tiros de pistola, um dos quais partiu os vidros de uma janela.

Investigadores da polícia pensam que o ataque se relaciona com as execuções em Espanha de um anarquista e um cidadão polaco.

O grupo de mascarados, que se julga terem sido quatro, fugiu depois do arremesso da bomba de gasolina.

Entretanto, além dos vidros de uma janela quebrados não se registaram outros danos na Embaixada de Espanha.

Entretanto em frente do consulado espanhol em Milão realizaram-se duas manifestações de protesto contra as execuções, em Espanha, do anarquista Puig Antich e de um cidadão polaco — ambos garrotados por terem morto polícias.

... e em Paris

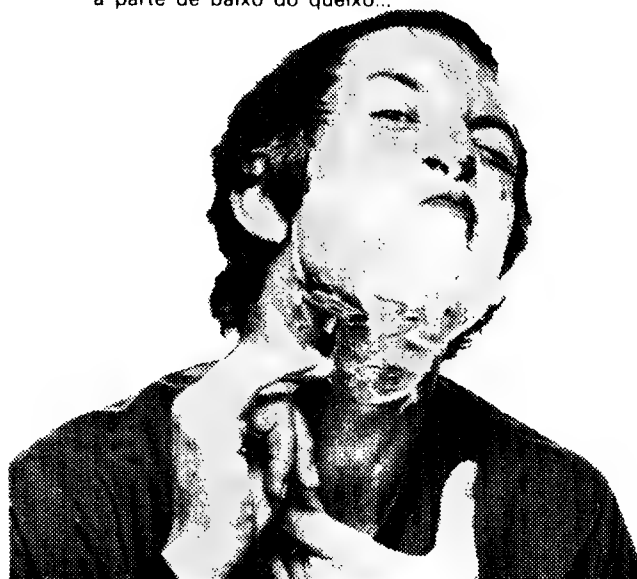
PARIS, 3 (F.P.) — Foram adoptadas medidas de segurança em Paris nas proximidades dos edifícios oficiais espanhóis após a execução de Salvador Puig Antich, jovem militante catalão do ex-movimento ibérico de libertação, condenado à morte pelo Tribunal Militar de Barcelona.

Vários carros da polícia estacionam junto da entrada da Embaixada espanhola, e em cada cruzamento perto da Embaixada há um veículo da polícia parado junto de um passeio.

Também o consulado de Espanha, os escritórios da companhia aérea «Ibérica» e as sucursais dos bancos espanhóis estão sob a vigilância de um ou dois agentes da polícia.

Esta manhã, quantas vezes tornou a pôr espuma nos pontos difíceis?

Nem tudo é fácil quando se faz a barba. É verdade que há partes que não apresentam qualquer problema. Nessas uma passagem de lâmina, basta. Mas nas outras? O pescoço, os ossos da mandíbula, a parte de baixo do queixo...



Ai é preciso passar a lâmina... Tornar a passar... Passar mais uma vez. E já pensou que fez todas essas passagens sem espuma? Porque na primeira passagem, a lâmina só tira uma parte dos pelos, mas a espuma, essa tira-a toda.

Para cortar os pelos sem cortar a pele, seria preciso usar espuma 4 ou 5 vezes.

E quando a barba é feita sem espuma, o resultado não se faz esperar. A lâmina desliza mal — muito mal — e é a pele que sofre as consequências.



É certo que há uma solução: tornar a pôr espuma cada vez que se passa a lâmina. Mas você não o faz. Nunca o fará. Procurámos uma outra solução. E encontrámo-la: a lanolina.

A lanolina: um lubrificante

A lanolina é um elemento natural muito empregado nos produtos de beleza. Penetra na pele em profundidade, hidratando-a, alimentando-a e tornando-a macia.

Estudando-a de mais perto, vimos que a lanolina tinha ainda muitas outras qualidades.

Para começar é bem absorvida pela pele que protege, impedindo-a de secar... e os ataques das lâminas, cada vez mais afiadas... Hidrata-a. Faz a lâmina deslizar melhor porque nivela as pequenas asperezas da pele. E este efeito continua enquanto se barbeia porque a lanolina permanece na pele, depois da lâmina ter tirado a camada superficial da espuma.

Finalmente — e é importante — alimenta a pele e prepara-a, dia após dia, para a barba do dia seguinte. Foi por todas estas razões que empregámos a lanolina na espuma para barbear WILLIAMS.

Williams utilizou a lanolina porque você não torna a pôr espuma

Quando usa a espuma de barbear WILLIAMS, é como se a tivesse usado em duas camadas.

Uma superficial que contém um certo número de produtos eficazes (como todas as outras espumas), e uma invisível, à base de lanolina, que pelo seu grande poder lubrificante, continua a fazer deslizar a lâmina quando a primeira camada já desapareceu.

E por isso que com WILLIAMS você não tem necessidade de tornar a pôr espuma nos pontos difíceis. Sem que eles sofram por isso.



Com williams, quando já não há espuma, a lanolina fica.



O SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS NO DISTRITO DA GUARDA

Em visita oficial deslocou-se ontem à Guarda o subsecretário de Estado das Obras Públicas, eng.º Pinto Eliseu, que em reunião de trabalho efectuada na Câmara Municipal apreciou diversos problemas relativos à rede rodoviária do concelho e às instalações escolares para o ensino primário.

Em Gouveia, o eng.º Pinto Eliseu visitou as instalações do

edifício da antiga cadeia comarca, nas quais se pensa instalar o novo quartel da Guarda Nacional Republicana.

Finalmente, procedeu à inauguração dos sistemas de abastecimento domiciliário de água das freguesias de Rio Torto e Nespereira, tendo sido obsequiado com um copo de água na Casa do Povo desta última localidade.

O governador do Timor Indonésio em visita oficial a Timor

DILI, 3 (L.) — Para uma visita oficial a Timor, chegou a Dili, o governador do Timor Indonésio, coronel El Tari.

Da comitiva do coronel El Tari, que viajou num avião especial, acompanhado de sua esposa, fazem parte 30 individualidades, civis e militares, daquela província indonésia.

Depois das honras militares do estilo, prestadas por uma companhia da guarnição da província, formou-se um corte-

jo automóvel, sendo a viatura que conduzia os dois governadores escoltada pela cavalaria Maubara.

A noite, na residência do Governador, foi oferecido um jantar em honra do casal El Tari, seguido de uma recepção, à qual compareceram cerca de 200 pessoas.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 3 (ANI) — Pelo comando chefe das Forças Armadas em Moçambique foi distribuído à imprensa o seguinte comunicado:

«Na madrugada do dia 28 de Fevereiro, um numeroso bando de terroristas atacou o aquartelamento de Negomano, junto ao rio Rovuma, ao que se seguiu uma tentativa de assalto. Apesar de o ataque ter sido levado a efeito com violento fogo de armas ligeiras, morteiros

HOSPITAL

Sete feridos num acidente de viação

Sete pessoas tiveram de ser conduzidas ao Hospital de S. José, por ambulâncias dos Bombeiros Voluntários de Santarém, após um espectacular acidente de viação ocorrido ontem ao princípio da noite no lugar de Pernes, Cabeça Gorda, perto da capital do Ribatejo.

Três dos feridos, em consequência do choque de uma camioneta contra um automóvel, encontram-se em estado melindroso na sala de observações daquele estabelecimento hospitalar.

No veículo pesado, conduzido por Fernando Brito dos Santos, de 25 anos, seguiam o pai do mesmo, Adelino Luís dos

Santos, de 67 anos, moradores na Quinta da Torrinhã, em Patene, e Diogo Manuel Timóteo Moreira, de 38 anos, pedreiro, de Castanheira do Ribatejo.

No automóvel, conduzido por José da Cruz Dias, de 41 anos, praciista, viajavam sua mulher Maria Inácia Dias, de 50 anos, residentes na Rua Falcão Trigo, 12-r/c, em Lisboa; e um casal amigo, António Maia Nogueira, de 58 anos e Maria Olívia Martins, de 57, moradores na Rua Luciano Freire, 6, também em Lisboa.

Ficaram todos internados, mas o estado do Adelino e das duas senhoras é considerado grave.

Atropelamentos

Foram conduzidos ao Hospital de S. José, muito traumatizados: Manuel Luís Martins Cardoso, de 14 anos, morador no lugar do Furtado, Gavião,

atropelado por um automóvel em Mação; Manuel de Jesus Lopes, de 45 anos, servente, residente na Rua Sebastião Saraiva Lima, 54-4.º dt.º, colhido também por um automóvel na Avenida da Liberdade; e Luís Manuel Silva Rodrigues, de 7 anos, morador na Lourinhã, que sofreu igualmente atropelamento, mas naquela localidade.

médios e canhões sem recuo, não se verificaram baixas entre as forças nacionais.

«Da pronta reacção ao ataque, as nossas forças obtiveram os seguintes resultados: onze mortos confirmados, entre os quais o chefe do bando atacante, um ferido grave confirmado e um terrorista capturado. Foram apreendidas uma espingarda automática, uma metralhadora, uma pistola, cinco granadas de mão e material diverso».

Portugal conquistou uma medalha na Alemanha

BONA, 3 — (ANI) — A campanha de promoção acerca de Portugal levada a cabo em 1973 pelo seu centro de turismo na Alemanha Federal, em colaboração com a delegação dos transportes aéreos portugueses, foi distinguida com o segundo prémio (medalha de prata com diploma) no concurso anual «Goldene Reisekutsche», patrocinado, como habitualmente, pela editorial turística «Jaeger».

Ao júri, constituído por destacadas individualidades da indústria turística alemã, presidiu o director-geral de Turismo da República Federal, dr. Rudolf Eberhard.

A cerimónia da distribuição dos prémios realiza-se em Berlim, na próxima semana, sendo o prémio entregue pessoalmente ao director do Centro de Turismo de Portugal, José Paulo Murias das Neves.

Cooperativa de Electrificação de Lordelos

A Cooperativa de Electrificação (A Lord), de Lordelos, Paredes, efectua hoje, na sua sede, uma assembleia para a eleição da nova lista dos corpos gerentes para o ano em curso.

A lista anterior, cujos componentes haviam sido eleitos em 2 de Janeiro, foi anulada com base no facto de que a sua elaboração não teria obedecido aos preceitos legais de acordo com a convocatória publicada na folha oficial.

Provisórios da P.S.P.

Encontra-se aberto concurso para guardas provisórios da Polícia de Segurança Pública.

Os documentos dos candidatos devem dar entrada no Comando-Geral daquela corporação, à Avenida António Augusto de Aguiar, n.º 18, Lisboa.

As normas de documentação, bem como outros pormenores, podem ser consultados nos Comandos da Polícia de Segurança Pública nas sedes dos respectivos distritos ou ainda nas sedes dos concelhos onde existam secções, esquadras ou postos policiais.

MARCHUETA no Vale Fundão

O governador civil do distrito de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, visita hoje, às 17.30, a nova sede do Oriental Recreativo Clube, no bairro social do Vale Fundão, na freguesia de Marvila. Preside ali a uma sessão de encerramento das comemorações do 18.º aniversário daquela colectividade.

Grande actividade da I.G.A.E. no passado mês de Janeiro

A actividade repressiva da Inspecção-Geral das Actividades Económicas no passado mês de Janeiro, e de acordo com um comunicado hoje divulgado através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, incidiu, no que respeita à afixação de preços, sobre 247 retalhistas dos vários ramos de comércio, os quais foram processados.

Por outro lado, três oficinas de reparação de automóveis foram processadas por especulação, bem como um «stand» e três garagens. Igualmente cinco retalhistas de azeite e óleos comestíveis foram processados, tendo um deles sido preso em flagrante delito de açambarcamento. O tribunal ar-

bitrou-lhe a caução de 10 contos.

Também dois armazenistas e seis retalhistas de bacalhau, dois «candongueiros» de bilhetes para espectáculos públicos, 14 talhantes, 72 concessionários de postos abastecedores de combustíveis, 11 armazenistas e 17 retalhistas de criação, 23 armazenistas e 51 retalhistas de frutas e produtos hortícolas, 14 industriais de hotelaria, nove senhorios, 18 retalhistas de lacticínios e um comerciante de linhas de coser foram processados por delitos diversos.

Entretanto, um estabelecimento de papelaria era processado por recusa de venda de papéis e cartolinas; duas far-

mácias por especulação em medicamentos; um oculista, três armazenistas e 19 retalhistas de mercearia, 22 industriais de pão, 13 armazenistas e 41 retalhistas de peixe, um armazenista e 12 retalhistas de salicaria, dois retalhistas de vestuário e 3 armazenistas e quatro retalhistas de vinho, por delitos vários, nomeadamente comércio irregular.

INFORMAÇÃO EM PORTUGAL

«Informação em Portugal» foi o tema do colóquio ontem realizado no Clube de Juventude da Comissão do concelho de Lisboa da ANP.

O encontro foi orientado pelo dr. Pedro Feytor Pinto, director dos Serviços de Informação da secretaria de Estado de Informação e Turismo, que participou em seguida num debate com os participantes.

Exposição iconográfica

Promovida pela Comissão do 8.º centenário da chegada das Relíquias de S. Vicente a Lisboa, e com a colaboração da Câmara Municipal, é inaugurada hoje, às 17 horas, no Palácio Pimenta, (ao Campo Grande) uma exposição iconográfica e bibliográfica. Preside ao acto o Presidente da República, estando presente o cardeal Patriarca de Lisboa.

Curso de virulogia para pós-graduados

Na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa (Centro de Virulogia Aplicada) decorrerá diariamente, de 2 a 16 do corrente mês de Março, um curso teórico-prático de Virulogia para pós-graduados, ministrado pelo prof. dr. Carlos Chany da Universidade de Paris (Centro Hospitalar Universitário Cochin) e director do Serviço de Virulogia do Hospital de Saint Vincent de Paul.

Este curso integra-se no âmbito do Acordo Luso-Francês de Cooperação Científica e Técnica.

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CAMPO GRANDE, 6 — LISBOA - 5

AVISO

REDISTRIBUIÇÃO DE FOGOS DO BAIRRO DE CASAS DE RENDA ECONÓMICA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

1. Torna-se público que está aberto concurso, pelo prazo de quinze dias, a partir de 4.3.74, para redistribuição de 15 fogos vagos e dos que vaguem no decurso do mesmo no bairro de casas de renda económica de Santo António dos Cavaleiros (1.ª, 2.ª e 3.ª fases).

2. As rendas a considerar são as seguintes:

1.ª E 2.ª FASES	
ANO DE OCUPAÇÃO — 1969	
Tipo II	700\$00
Tipo III	900\$00
Tipo IV	1 100\$00

3.ª FASE	
ANO DE OCUPAÇÃO — 1972	
Tipo II	700\$00
Tipo III	900\$00
Tipo IV	1 100\$00

3. A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com o «Regulamento da Distribuição de Casas de Renda Económica», em vigor.

Dá-se preferência na classificação aos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiárias) de Caixas de Previdência, e trabalhem há mais de dois anos nos concelhos de Loures e Lisboa.

4. Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte dos beneficiários da Previdência devem ser entregues, até ao dia 18 de Março, 1974, nas respectivas instituições de previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser entregues, dentro do mesmo prazo, na Caixa Nacional de Pensões, Campo Grande, n.º 6, em Lisboa.

5. Todos os esclarecimentos podem ser prestados nas Caixas de Previdência ou solicitados a esta Caixa.

Lisboa, 3 de Março de 1974

A DIRECÇÃO

A PIOR ESTIAGEM DO SÉCULO EM ANGOLA

LUANDA, 2 — (L.) — O ano de 1974 é o pior do século para a actividade agrícola do planalto Central, em consequência da violentíssima seca que tem fustigado toda a região — segundo o parecer de um reputado técnico agrícola, velho residente em Nova Lisboa que «A Província de Angola» reproduz.

As colheitas estão praticamente perdidas gerando perspectivas de «fome». Os pastos secam a olhos vistos e aqui e ali as queimadas, embora incipientes, fizeram já a sua aparição, muito antes da época habitual. Os rios correm com um caudal mínimo e as nascentes desaparecem.

Um alarme enorme envolve todos os que se dedicam à actividade agrícola. O problema é gravíssimo — considera o correspondente daquele matutino em Nova Lisboa — que considera que poderá provocar um colapso na economia do planalto, vivendo ainda hoje das actividades da terra.

Não há perspectivas de chuvas e as características do tempo são mais as do «cacimbo» do que da época pluviosa.

O problema assume aspectos mais delicados porque o Planalto Central é o principal centro de dispersão de águas de Angola. Lá nascem, entre outros, os rios Cunene, Cuvo, Cuando, Cubango e Catumbela.

MAIS DE 700 MIL CONTOS PARA AS ESTRADAS ANGOLANAS

LUANDA, 3 — (ANI) — Eleva-se a 740 mil contos o montante do orçamento ordinário, para o ano em curso, da Junta Autónoma de Estradas de Angola, o qual é o mais elevado de sempre.

O plano orçamental, que recebeu a aprovação do governador geral, eng. Santos e Castro, prevê como principais receitas da Junta Autónoma de Estradas 675 mil contos, do fundo rodoviário, de receitas dos combustíveis, além de onze milhões de escudos de taxas sobre a madeira exportada em toros e de exploração florestal, cobradas no distrito de Cabinda. Dos rendimentos dos Serviços de Viação e Trânsito, caberão, este ano, à Junta cerca de 39 mil contos.

Na construção de estradas,

por verbas próprias, a Junta gastará, este ano, noventa mil contos, além de mais quarenta mil, em pontes e estruturas. Independentemente de tais previsões, a Junta deverá despende, só no distrito de Cabinda, em novas estradas asfaltadas, mais onze milhões de escudos. Por outro lado, na construção de edifícios deverá gastar quinze mil contos. Finalmente, na aquisição de equipamento rodoviário, a Junta Autónoma de Estradas terá cinquenta mil contos.

Só para a conservação das actuais estradas nacionais de Angola vão ser necessários cento e cinquenta mil contos, ao passo que para a manutenção dos grupos de apoio à conservação de estradas distritais, a Junta conta gastar trinta e sete mil contos.

SUBIU O PREÇO DA GASOLINA EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 3 (ANI) — A partir de ontem a gasolina é mais cara em Lourenço Marques. Segundo uma informação obtida junto dos serviços de comércio, a gasolina tipo «super» passa a ser vendida ao público a onze escudos por litro. Por outro lado, a «normal» custa dez escudos o litro e o gasóleo três escudos e oitenta centavos.

Entretanto, e enquanto as bombas não estiverem tecnicamente aptas a marcar os novos preços, serão afixadas, em todas as estações de serviço, tabelas elaboradas pelas companhias petrolíferas, com os cálculos efectuados até aos vinte litros — quantidade máxima que continuará a ser permitido fornecer a cada automobilista.

MERCADORIAS

ENTRE O FUNCHAL E LISBOA

FUNCHAL, 3 (ANI) — Os importadores e exportadores madeirenses, reunidos novamente na sede da Associação Comercial do Funchal, sob a presidência do dr. Alberto Henriques de Araújo, apreciaram o teor do telegrama que lhes foi dirigido pelo presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, em resposta à exposição que haviam endereçado ao Ministério da Marinha.

O presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante informa que o navio «Horta» procederá à imediata regularização do transporte de milhares de toneladas de mercadorias, que se encontram em portos do continente e se destinam à Madeira, bem como das mercadorias que no porto do Funchal

aguardam transporte para o continente.

EXPORTAÇÃO DE BANANAS

No futuro, a comercialização e a exportação da banana madeirense, seja qual for o seu destino, passam a processar-se através do Grémio dos Exportadores de Frutas, ao qual será entregue directamente a produção — segundo foi hoje anunciado no Funchal.

Os preços da banana passam a ser fixados por uma comissão constituída por representantes da Junta Nacional de Frutas, do Grémio da Lavoura e do Grémio dos Exportadores.

Encontro de importadores e exportadores

LUANDA, 3 — (ANI) — De 26 a 31 de Maio, realiza-se, na capital Moçambicana, o «Segundo Encontro Angola-Moçambique de Importadores

Exportadores» segundo acaba de ser revelado em Luanda.

A convite de uma organização bancária angolana, ho-

mens de negócios dos dois Estados reunir-se-ão, em Lourenço Marques, dando continuidade à iniciativa tomada o ano findo, durante o período em que funcionou a Feira Internacional de Luanda.

O «Encontro» realiza-se no período em que decorre a Facim-74.

O episcopado da Metrópole elaborou um documento sobre a Igreja em Portugal

Do Secretariado Geral do Episcopado recebemos a seguinte informação sobre a reunião extraordinária do Episcopado da Metrópole:

«Marcada em Novembro passado, efectuou-se em Lisboa, nos dias 28 de Fevereiro e 1 de Março, uma assembleia plenária extraordinária do Episcopado da Metrópole, para deliberar sobre dois documentos a enviar ao Sínodo dos Bispos, que em Outubro próximo tratará da «Evangelificação do Mundo Moderno».

«O primeiro documento refere-se à problemática a tratar no Sínodo. Os bispos de-

dioceses do País, onde foram efectuadas, ao longo do último ano, consultas a padres, leigos e instituições. A Faculdade de Teologia da Universidade Católica deu também o seu contributo, e os religiosos e religiosas, por iniciativa das respectivas federações, promoveram um inquérito, cujo apuramento foi considerado à parte, por ter sido entregue depois de elaborada a síntese das dioceses.

«Os bispos apreciaram toda esta colaboração e constitui-

ram um pequeno grupo de trabalho para a redacção final a enviar ao Secretariado do Sínodo.

«O segundo documento sobre que os bispos se debateram responde ao pedido de uma panorâmica da vida da Igreja em Portugal desde o último Sínodo (1971). Serviu de base à reflexão da assembleia um texto preparado pelo Conselho Permanente do Episcopado, que vai ser completado e refundido».



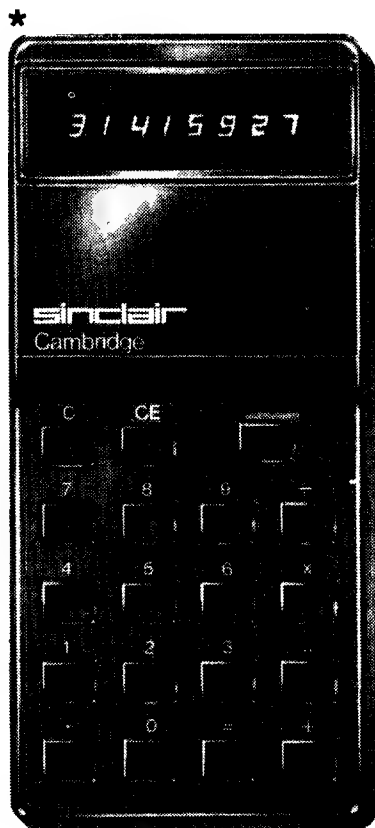
a única verdadeiramente de bolso

Sinclair

a mais pequena das calculadoras electrónicas

3 opções

para múltiplas operações



CAMBRIDGE

110 x 50 x 17

99 grs.

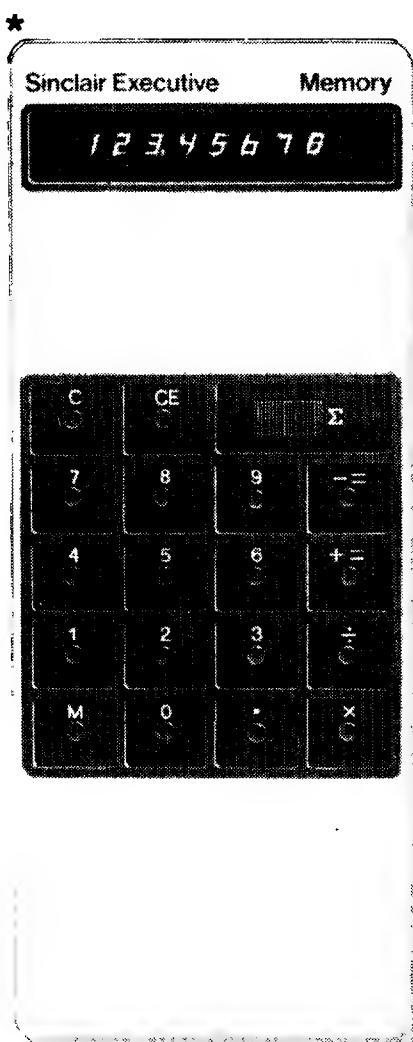
Ponto decimal totalmente flutuante e automático

Constante automática

+ ; - ; X ; ÷

Operações em cadeia

* TAMANHO REAL



MEMORY

140 x 57 x 9
70 grs.

Ponto decimal totalmente flutuante e automático

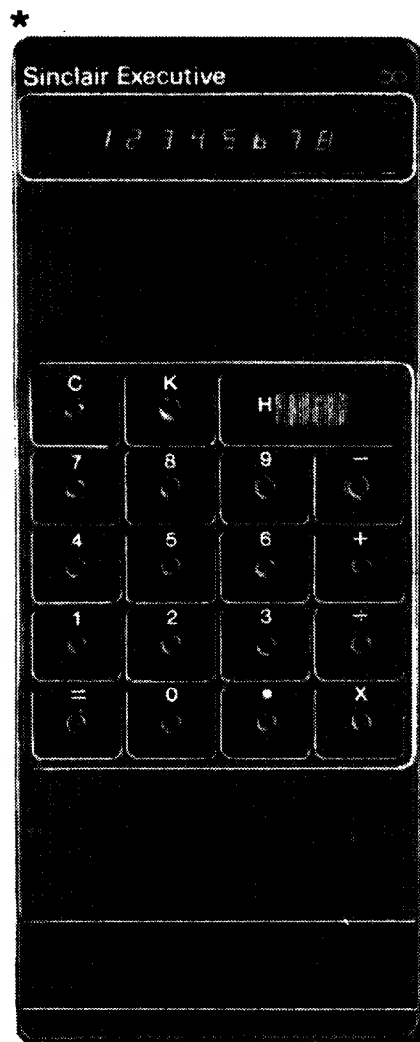
Constante

+ ; - ; X ; ÷

Operações em cadeia

Cérebro: 7.000 transistores em circuito integrado

Memória



EXECUTIVE MK III

140 x 57 x 9
70 grs.

Ponto decimal totalmente flutuante e automático

Constante

+ ; - ; X ; ÷

Operações em cadeia

Cérebro: 7.000 transistores em circuito integrado



LISBOA • PORTO • FARO

unigrupe

AS SUBSCRIÇÕES CONTINUAM

Quando, no passado dia 17 de Fevereiro, escrevemos que estávamos a atravessar um período propício para a compra de títulos de várias empresas, embora ressalvando que, o momento só era oportuno para investidores não medrosos, estávamos efectivamente dentro da razão. O que nos levou, na altura, a fazer aquela afirmação tinha como base fundamental dois motivos que, embora de significado relativo, espelhavam a situação do mercado.

Em primeiro lugar, depois do início da baixa, em parte alimentada por pessoas pouco habituadas a oscilações muito acentuadas e que entraram no «jogo» da bolsa dependentes do crédito que lhes era concedido, houve, entre estes investidores com compromissos de crédito inadiáveis, uma espécie de pânico, que os levou a vender papel por quase qualquer preço. Este estado de espírito, facilmente criável por aqueles que podem conceder ou recusar crédito, era sintomaticamente detectável nos movimentos do mercado paralelo que não tem sido apenas terreno explorado pela arraiamúda e por vendedores da «última novidade» de mercado.

Em segundo lugar, a crise energética com a ameaça de uma recessão económica generalizada, a que não faltou quem desse sempre mais uma pincelada oportunista para dar um tom mais cinzento ao horizonte, contribuía igualmente (e em parte conseguiu) para criar um certo medo perante o mercado de títulos. Por outro lado, e este facto foi importante para concluirmos que a altura (dia 17) era excelente para comprar papel, as secções de títulos dos bancos estavam a receber muitas ordens de compra, enquanto que as ordens de venda eram muito poucas. Ora, quando a baixa deixa de ser alimentada, é lógico concluir-se estar-se perante um início de uma alta. Que não será infinita...

Aliás, sabemos de muitas pessoas que tentaram adquirir determinados papéis nesta baixa e que não conseguiram ver coroados de êxito esses intentos. Portanto, neste momento, confirma-se em absoluto a «alta em perspectiva» com que titulámos o artigo de domingo passado. Teremos a reconfirmação na semana que amanhã se inicia? A princípio, seria ousado prever o contrário. Pelo menos para alguns papéis.

Açoreana

Os que preferiram abster-se da Açoreana para se guardarem para a Secil devem estar arrependidos. A devolução do

numerário iniciou-se no passado dia 28, portanto, muito antes do início da subscrição da Secil. Como escrevemos no «DL» de domingo passado, os boletins com pedidos pequenos (menos de 86) foram eliminados, confirmando-se a nossa previsão sobre o risco que os mesmos corriam face a uma mobilização de três milhões e setecentos mil contos. O número de boletins com pedidos inferiores a 86 foi bastante significativo - 179.435 -, enquanto que o total atingiu um número extraordinário, cifrando-se em 317.930, facto que vem ao encontro da opinião que temos expandido sobre uma cada vez maior afluência às subscrições em detrimento da compra de títulos já cotados. Entretanto, enquanto se vão estudando os «prognósticos» para conseguir «uma» na Secil — e há tanto dinheiro disponível, mau grado as restrições ao crédito —, vamos aguardar a evolução do mercado paralelo de amanhã para vermos a actual cotação das cautelas da Açoreana, que já foram vendidas a 700\$00.

Mercado paralelo

Pois, aí temos um mercado paralelo reavivado. Maior número de pessoas e fisio-nomias menos carregadas. Puderam... E agora com mais uns milhares de cautelas é possível que este mercado termine os seus dias em euforia. Caído de pé. Entretanto têm continuado as transacções. A Eurominas continua nos 4.000\$00. O BIP começou a subir e já ninguém consegue comprar a 11.500\$00. O BESCL, cujas perspectivas parecem prometer, augurando-se forte escalada até Setembro próximo, está mais caro e com poucos interessados em vender. A Ourique continua a aparecer a 10.000\$00. As cautelas da Grão-Pará, com reunião marcada para o próximo dia 5, a fim de discutir a criação da sociedade de investimentos, agora com o BIP no lugar do BNU, têm estado mais caras do que a cotação das acções antigas. Será por ter constatado que o BIP tinha comprado a Grão-Pará? Ou por este ter substituído

o BNU? Ou, ainda, porque os accionistas vão ser contemplados na criação da nova sociedade? Os outros papéis do grupo continuam com bom comportamento e alguma procura. A Interhotel já fez 1.400\$00; a Matur esta a recuperar; e a Sometel já foi vendida a 3.100\$00, embora houvesse quem vendesse mais barato.

Interessante, também, o comportamento do papel do Banco do Alentejo que, no exterior, tem vindo a ser transaccionado por preços superiores à cotação fixada na bolsa.

Comundo

Com o reavivar do mercado paralelo, a Comundo continuou em primeiro plano, mas agora com transacções a aproximarem-se dos preços antigos. A espectacular urbanização, com início imediato, da zona da praça de toiros de Algés, assim como a proximidade do aumento de capital, por incorporação de reservas e emissão com preferência para os accionistas, justifica plenamente o interesse. Aliás, já ouvimos dizer que, quando da cotação da Comundo na Bolsa, o seu preço andará pelos três contos. Confirmar-se-á o prognóstico? Uma coisa é verdade: estamos perante uma organização onde o dinamismo não é palavra vã. Entretanto, começa no próximo dia 8, a troca das cautelas pelos títulos definitivos. Depois é aguardar que os mesmos sejam cotados na Bolsa.

Caima e Secil

Porque para o público foram apenas destinadas 6600 acções da Celulose Caima, todos pensaram que era tempo e dinheiro perdido. Afinal, resultou surpresa. Os «uns» saíram premiados e houve bastantes... Amanhã, conforme previmos no «DL» de domingo passado, inicia-se a subscrição da Secil nas condições a que nos temos referido. Entretanto, com a devolução do numerário mobilizado com a Caima e Açoreana, apenas estão retidos cerca de um milhão de contos com as obrigações do Fomento Nacional. Portanto, bastante dinheiro disponível para atender a esta subscrição, facto que dificulta ainda mais o prognóstico. Mas como cada acção custará 3.000\$00, talvez não seja necessário uma fortuna para apanhar uma.

Setenave

Conforme oportunamente noticiámos, realizou-se no passado dia 27, a assembleia geral da Setenave. A ordem dos trabalhos incluía a discussão de uma alteração aos estatutos e deliberar sobre o próximo aumento de capital. Tanto a alteração aos estatutos como o aumento do capital social foram aprovados.

A última semana

A actividade bolsista da última semana seguiu uma trajetória equilibrada no sentido da valorização da maioria dos papéis. No sector bancário, porém, depois dos sucessos do dia 27, notou-se uma quebra ligeira, em certos papéis, na sessão do dia 1. Mesmo assim, verificou-se valorizações nos papéis do Angola, Espírito Santo, Sotto Mayor e Totta. Os seguros tiveram um comportamento bastante meritório, merecendo especial realce a recuperação encetada pelos papéis do Alentejo, Atlas e Aliança Madeirense que ficaram sem vendedor. Igualmente significativas as recuperações da Império e Mundial, entre outras.

O grupo «água-gás-electricidade» manteve o habitual equilíbrio, valorizando-se a maioria dos papéis. De salientar a firmeza do Vidago e Pedras Salgadas que terminou a semana a 3.450\$00. Efeitos dos rumores sobre o futuro aumento de capital só para accionistas?

O grupo cimenteiro obteve mais-valias em todos os papéis. O Leiria já vai em 31.940\$00, quando recentemente fez 24.000\$00. Espectacular a recuperação de F. Ramada que encerrou a 2.510\$00, enquanto que os Fornos Eléctricos fizeram 1.240\$00. A Marconi recuperou excelentemente, terminando a 2.730\$00. A Siderurgia — com aumento para breve — obteve valorização máxima na sessão do dia 1, encerrando a 18.630\$00.

Dividendos

Começou a distribuição. Em 25 de Fevereiro passado, os Bancos da Agricultura e Crédito Predial iniciaram a operação respeitante ao pagamento dos respectivos dividendos. Na sessão do dia 1, o papel transaccionado já não tinha direito a dividendos.

COTAÇÃO E RENDIMENTO DE ACÇÕES BOLSA DE LISBOA

BANCOS

	Valor	Acções	Admit.	Capital	Reservas	Última
	Nominal	Total	Cotação			Cotação
Agricultura	500	665 000	665 000	332 500	a) 216 500	6 900 00
Alentejo	150	1 600 000	1 600 000	240 000	a) 263 249	3 600 00
Algarve	100	500 000	500 000	50 000	a) 28 988	4 400 00
Angola	1000	425 000	425 000	425 000	a) 545 330	7 200 00
Borges & Irmão	1000	700 000	700 000	700 000	a) 804 702	11 400 00
Crédito Predial	500	1 100 000	1 100 000	550 000	a) 533 185	6 700 00
Esprito Santo	1000	800 000	800 000	800 000	a) 550 000	14 000 00
Fernandes Magalhães	1000	350 000	350 000	350 000	a) 102 000	6 250 00
Fomento Nacional	1000	1 500 000	1 500 000	1 500 000	a) 471 427	118 000 00
Fonseca & Burnay	4000	80 380	80 380	321 440	a) 678 580	7 600 00
Intercontinental	1000	370 000	370 000	370 000	a) 271 688	11 000 00
Nac. Ultramarino (Nom)	1000	1 000 000	1 000 000	1 000 000	a) 457 284	20 000 00
Nac. Ultramarino (Port)	1000	420 000	420 000	420 000	a) 172 250	7 200 00
Pinto Magalhães	1000	1 200 000	1 200 000	1 200 000	a) 700 000	9 500 00
Pinto & Sotto Mayor	1000	200 000	200 000	200 000	a) 229 295	12 300 00
Portugal (Nom)	1000	759 000	759 000	759 000	a) 811 899	10 600 00
Portugal (Port)	1000	900 000	900 000	900 000	308 500	8 000 00
Português Atlântico	1000	900 000	900 000	900 000	308 500	8 000 00
Totta & Açores	1000	900 000	900 000	900 000	308 500	8 000 00

ELÉCTRICAS

	Valor	Acções	Admit.	Capital	Reservas	Última
	Nominal	Total	Cotação			Cotação
C. Port. El. (Nom)	1000	5 700 000	5 700 000	5 700 000	336 758	1 340 00
C. Port. El. (Port)	1000	150 000	150 000	150 000	132 786	1 300 00
Electricidade	175	4 554 720	4 554 720	797 076	522 172	—
H. E. Alto Alentejo	100	4 840 000	4 840 000	484 000	102 500	425 00
H. E. N. P. (Juncos)	100	5 150 000	4 300 300	515 000	236 295	195 00
H. E. P. (Estrela)	1000	200 000	200 000	200 000	129 325	290 00
União El. (Port)	100	5 000 000	4 500 000	500 000	133 932	215 00

SEGUROS

	Valor	Acções	Admit.	Capital	Reservas	Última
	Nominal	Total	Cotação			Cotação
O Alentejo	50	1 200 000	600 000	60 000	10 636	—
Aliança Madeirense	100	300 000	100 000	30 000	a) 9 191	—
Atlas	100	500 000	200 000	50 000	a) 46 578	—
Bonaça	500	80 000	80 000	40 000	90 257	18 500 00
Comércio Indústria	500	20 000	20 000	10 000	130 806	—
Douro	500	10 000	10 000	5 000	a) 52 832	40 000 00
Europa	100	300 000	50 000	30 000	a) 15 303	9 100 00
Garantia	1000	15 000	15 000	15 000	a) 51 018	50 000 00
Império	1000	100 000	100 000	100 000	339 651	—
Lusitana	100	300 000	300 000	30 000	—	1 100 00
Metrópole	50	10 000	10 000	500	6 375	33 000 00
Mundial	100	400 000	400 000	40 000	a) 144 845	—
Mutualidade	100	200 000	200 000	20 000	27 708	—
Nacional	1000	27 500	27 500	27 500	123 966	30 000 00
Nauticus	100	450 000	450 000	45 000	—	750 00
Pátia	800	25 000	25 000	20 000	a) 345 692	37 000 00
Port. Previdente	1000	50 000	20 000	50 000	a) 38 350	—
Port. de Seguros	50	40 000	40 000	2 000	57 362	—
Sagres	800	12 500	12 500	10 000	62 441	38 000 00
Soberana	500	60 000	60 000	30 000	a) 33 373	9 000 00
Tagus	1000	5 000	5 000	5 000	74 359	70 000 00
Tranquilidade	500	460 000	460 000	230 000	294 240	—
Ultramarina	2000	10 000	10 000	20 000	a) 321 176	225 000 00
União	500	60 000	10 000	30 000	a) 48 195	15 100 00

DIVERSAS

	Valor	Acções	Admit.	Capital	Reservas	Última
	Nominal	Total	Cotação			Cotação
Águas de Cuna	5	1 500 000	1 500 000	7 500	a) 5 328	250 00
Água do Luso	180	83 300	83 300	14 994	a) 2 567	5 900 00
Águas de Lisboa	100	500 000	450 000	50 000	a) 646 711	1 000 00
Vidago M. P. S.	500	280 000	232 000	130 000	a) 87 434	—
Cel. Guadiana	1000	60 000	60 000	60 000	50 420	6 000 00
Cim. Leiria (Port)	200	500 000	500 000	100 000	1 127 770	—
Cim. Leiria (Nom)	200	—	—	—	—	—
Cim. Tajo (Port)	140	120 000	120 000	16 800	a) 1 569 914	80 000 00
Cim. Tajo (Nom)	140	—	—	—	—	—
F. Ramada	1000	200 000	100 000	200 000	a) 24 598	—
Fornos Eléctricos	100	1 000 000	1 000 000	100 000	a) 24 166	9 000 00
Port. Celulose	1000	270 000	270 000	270 000	a) 269 758	—
Siderurgia (Port)	1000	847 321	847 321	847 321	a) 332 168	12 500 00
Siderurgia (Nom)	1000	—	—	—	—	—
Socel	1000	250 000	250 000	250 000	a) 108 350	5 500 00
União Fabril	1000	1 750 000	1 750 000	1 750 000	1 618 086	1 850 00
Intar	1 L.	444 445	444 445	48 889	a) 6 106	—
Nitratos Portugal	1000	200 000	200 000	200 000	a) 28 171	7 200 00
Petroquímica	1000	450 000	450 000	450 000	a) 3 435	5 000 00
Sacor (Port)	1000	1 500 000	1 100 000	1 500 000	a) 2 008 978	2 100 00
Sacor (Nom)	1000	—	—	—	—	—
Tabacos Portugal	135	400 000	100 000	54 000	a) 78 874	15 100 00
Tabaqueira	1000	200 000	200 000	200 000	a) 480 183	1 270 00
União Fabril Azoto	500	500 000	500 000	250 000	a) 5 364	—
Compel	250	384 000	182 000	96 000	720	—
Etacac	1000	225 000	90 000	225 000	119 295	600 00
Empor	100	200 000	200 000	20 000	a) 9 724	—
Grão-Pará	500	400 000	149 000	200 000	a) 24 546	—
Ind. Port. Colónias	500	800 000	800 000	400 000	a) 61 000	14 500 00
Lisnave	1000	500 000	500 000	500 000	a) 573 919	15 000 00
Mabor	1000	140 000	140 000	140 000	a) 284 408	3 250 00
Matur	1000	200 000	35 000	200 000	a) 4 730	—
Nac. Naveg. (Port)	1000	575 000	575 000	575 000	670 422	—
Nac. Naveg. (Nom)	1000	—	—	—	—	—
Colonial Naveg.	600	700 000	250 000	420 000	133 760	—
Port. de Pesca	600	125 000	125 000	75 000	a) 35 172	900 00
Prestamista Port	200	30 000	30 000	6 000	a) 5 398	—
Salvor	1000	150 000	150 000	150 000	a) 52 756	2000 00
Tap	1000	800 000	800 000	800 000	a) 483 777	—
Penina	1000	50 000	50 000	50 000	a) 33 826	—
Rádio Marconi (Port)	200	1 495 000	1 150 000	299 000	a) 428 398	—
Rádio Marconi (Nom)	200	—	—	—	—	—

a) em 31-12-72 b) Dividendo de acções nominativas c) Prejuízos acumulados 9



SURDOS CASA SONOTONE

É preciso ouvir bem para tornar a ser feliz
Vejam a expressão desta figura para analisarem o que é perceberem normalmente

Venham hoje mesmo fazer um exame e uma demonstração que é gratuita com os últimos modelos auditivos. Temos retroauriculares, óculos via aérea e óssea, estes últimos só de encostar ao mastóide, não tendo fios nem pipetas dentro do ouvido. Assistência permanente a qualquer aparelho seja ou não vendido por nós, de qualquer casa ou marca. LARINGES ELECTRONICAS para os operados à laringe. Pilhas de todas as voltagens. Pedimos uma visita com a qual muito reconhecidos ficamos em:

LISBOA - POÇO DO BORRATÉM, 33 S/L TEL. 86 83 52
PORTO - PRACA DA BATALHA, 92, 1.º TEL. 02 - 35602
LUANDA - L. LUÍS LOPES SEQUEIRA, 2, 2.º-A TEL. 3 83 81



FERNANDO MANUEL
DOMINGUES

MISSA DO 7.º DIA

Sua Família participa que será rezada missa para seu eterno descanso, na Basílica da Estrela, dia 4 de Março, pelas 11 horas.

o valor da terra

A terra riqueza que nunca se perde que se valoriza através dos tempos que bem aproveitada vê aumentado o seu valor de ano para ano.

A terra é uma certeza de futuro.



A Torralta projecta-se no futuro. Antecipa o futuro. Vive já o futuro. Realiza, pensa e programa o turismo que continuará actual no próximo século. A obra já realizada ou em vias de conclusão em Troia, no Alentejo, no Algarve, na Serra da Estrela, obedece a uma planificação que prevê as exigências e necessidades, de uma programação turística que se projecta no futuro.

Procuramos ter a antevisão dos problemas para lhe darmos uma solução a longo prazo.



O surto de desenvolvimento que o turismo conheceu nas últimas décadas no nosso País e o ritmo cada vez mais acelerado em que este desenvolvimento se processa exige uma programação extremamente cuidada e em termos de futuro de toda uma infraestrutura turística adequada. Com este objectivo a Torralta confirmando a confiança dos seus 18 000 accionistas iniciou na década de 70 um projecto de expansão de actividades de interesse para o País.

São milhares de hectares de terreno que se destinam à realização de obras para exploração directa ou indirectamente turística. Constituem uma riqueza inestimável que progressivamente vai aumentando.

O grande património da Torralta representa uma imensa riqueza que constitui uma certeza de continuidade, de futuro para os seus accionistas.



TORRALTA um lugar para si numa sociedade para todos

VIANA DO CASTELO

UMA NOVA COLÓNIA DE FÉRIAS DESTINADA AOS TRABALHADORES

Numa altura em que o turismo é, cada vez mais — e apesar do recente embargo árabe ao fornecimento de petróleo — uma actividade em franco desenvolvimento, com crescente influência na economia nacional, surgem novos termos, novos conceitos, a busca de uma tecnicidade necessária ao progresso firme da indústria.

Que é turismo social?

Ouçamos o dr. Crespo Diogo, chefe do Gabinete de Divulgação da F.N.A.T.:

Ele não difere essencialmente do restante, a não ser na intervenção social que no seu caso se processa. Como é praticada por pessoas que não podem pagar o preço total de umas férias, é o Estado a subsidiá-las, através dos nossos serviços.

Estamos, pois, perante uma modalidade de turismo para pessoas de condição económica inferior, como revela, aliás, o critério posto na selecção dos beneficiados: é dada preferência àqueles cujo ordenado não ultrapassa os 7 mil escudos.

Alegria no lazer

Esclarece, depois, o dr. Crespo Diogo:

Note-se, entretanto, que o «turismo social» desempenha uma função de primeiro plano como elemento de recreio, cultura e formação humana, causas a que a F.N.A.T. tem dedicado o melhor do seu esforço. Enquanto que no turismo vulgar se praticam apenas alojamento e alimentação, nesta modalidade são postas à disposição instalações desportivas, realizam-se concertos populares (com bandas de música) e promovem-se sessões de teatro, conferências, etc.

E confirmou:
Posso ainda adiantar-lhe

que o «turismo social» por nós concebido e executado engloba três actividades diferentes: centros de férias, campismo e excursões. Só desta última modalidade, beneficiaram, em 1973, mais de 20 mil pessoas que percorreram à volta de 130 mil quilómetros.

gria no Trabalho, Casas do Povo, Centros de Recreio Popular, etc — acrescenta ainda o nosso interlocutor.

O intercâmbio luso-espanhol

Outra das iniciativas que tem interessado muitos traba-

Podem inscrever-se nos programas da FNAT, trabalhadores cujo ordenado não ultrapasse os 7.000\$00

Além disso — e sem carácter permanente — a F.N.A.T. tem promovido cruzeiros à Ilha da Madeira, Açores, Brasil e Angola. As viagens decorreram em barcos especialmente fretados para esse fim ou fizeram-se aproveitando parte da lotação de navios de grandes carreiras.

No sentido de laborarmos o melhor possível, é permanente a nossa colaboração com diversos sindicatos, Centros de Ale-

lhadores, é o intercâmbio havido com a Obra Sindical de Education y Descanso. Só em 1973, estiveram a passar férias em Marbella, Tarragona e S. Rafael, cerca de mil portugueses, por troca com outros tantos espanhóis.

No entanto, neste caso, a selecção não tem que ser muito rigorosa, pois, embora seja elevado o número de candidatos, não se contam entre eles muitas pessoas com um ordenado

inferior a 7 mil escudos.

A estada faz-se em turnos de 20 dias, sendo os preços os seguintes: S. Rafael, 2250 escudos, incluindo o transporte de ida e regresso; Tarragona e Marbella, 3 mil escudos, também com viagens incluídas. Isto, por cada adulto.

Para as crianças com mais de cinco anos (idade limite, a partir da qual se podem inscrever) o preço de estadia é de apenas 100 escudos, acrescidos de mais 200, para transporte, quando passem férias em S. Rafael. Sempre que permanecem nos dois outros centros, esta última importância aumentará para mil escudos.

Os interessados podem escolher entre dois turnos: o primeiro, de 1 a 20 de Junho; e o segundo, de 18 de Setembro a 7 de Outubro.

Para o leitor que não conheça Espanha, acrescentamos que S. Rafael fica próximo de Madrid, Tarragona a 100 quilómetros de Barcelona e Marbella perto de Málaga.

Campismo

No que se refere ao campismo, diremos que existem actualmente três parques: na Costa da Caparica, no Cabedelo (Viana do Castelo) e em S. Pedro do Sul, todos eles junto aos centros de férias que funcionam nos mesmos locais. Utilizaram-nos, em 1973, 17.930, 72 e 2682 pessoas, respectivamente.

Está, entretanto, nos projectos da F.N.A.T. estabelecer outros parques junto de todos os centros de férias em laboração. Por outro lado — e esta notícia damos-lhe em primeira mão aos nossos leitores — decorrem neste momento negociações com vista ao estabelecimento de parques de campismo junto às barragens e perto da orla marítima. A concretização deste projecto é de prever para breve e virá satisfazer grande número de solicitações nesse sentido, por parte dos beneficiários.

Não deixará também de ser curioso referir o incremento que o campismo e o caravanismo estão a tomar no nosso país e a preocupação dos responsáveis da F.N.A.T. em acompanharem o evoluir da actividade.

Centros de férias

Faremos, de seguida, uma breve descrição das características de cada um dos centros de férias que a F.N.A.T. possui, no intuito de proporcionar aos nossos leitores, porventura sócios daquele organismo, uma escolha mais fundamentada.

A começar pelo da Caparica, denominado «Um Lugar ao Sol», que é o de maior frequência. Compõem-no 40 pavilhões, possuidores de bons requisitos de higiene, havendo em cada um deles 10 quartos de casal e um anexo para quatro pessoas. Mais quatro pavilhões facultam 35 quartos de dois leitos, a serem utilizados por indivíduos solteiros. No refeitório, com uma cozinha central que possui duas caldeiras a vapor e nove marmitas auto-

claves, podem ser servidas simultaneamente mais de 1600 refeições. Outros requisitos do complexo: salão de convívio, com biblioteca, jogos e bar; serviço de Correios, posto médico, barbearia e cabeleireiro; lavanderia, rouparia e balneários; instalações desportivas e de recreio e parque infantil; salão de festas e para sessões de cinema; e, finalmente, uma capela. As ampliações a que tem sido sujeito permitem-lhe albergar mais de 2500 pessoas em cada turno, beneficiando anualmente cerca de 9 mil trabalhadores.

Quanto ao campo de férias «Marechal Carmona», na Foz do Arelho, possui, além de dois edifícios principais, mais cinco grandes pavilhões. Ocupa uma área de 70 mil metros quadrados, sendo todos os quartos dotados com casa de banho privativa. Tem: sala de estar, com terraço; refeitório, onde podem servir-se 500 refeições ao mesmo tempo; posto médico, barbearia e cabeleireiro; salão de festas e sala de convívio; posto de C.T.T., biblioteca e capela; e instalações para os banhistas da F.N.A.T., junto à praia, acrescidas de um armazém para apetrechos de socorros e oficina de barcos. A sua capacidade é de 3500 pessoas, por época balnear.

Em Albufeira, funciona o campo «Dr. Pedro Teotónio Pereira», com 100 quartos — quantitativo que se espera em breve aumentar para o dobro — e mais algumas camaratas, todos com casa de banho privativa. Amplo refeitório, salões de festas e convívio e várias salas de jogos, biblioteca, bar com esplanada, serviços de rouparia e praia privativa, são alguns dos requisitos principais.

O centro de férias de S. Pedro do Sul, denominado «A. Corrêa de Oliveira», é constituído por um edifício central e mais três construções anexas. Ocupa uma área coberta de 2400 metros quadrados e possui terrenos arborizados com uma superfície de 36 mil. Além disso, dispõe de um parque infantil, barbearia, cabeleireiro, posto médico, C.T.T. e cabina telefónica, sala de jantar com galeria, cozinha bem apetrechada, salão de festa e várias salas de convívio e de jogos, biblioteca, bar, lavanderia e rouparia, logradouros e jardins diversos. A sua capacidade de alojamento atinge cerca de 6 mil trabalhadores e seus familiares.

Características do de Cabedelo, como já aqui dissemos, em Viana do Castelo: bloco central, com área coberta de mais de 2 mil metros quadrados; recepção, salas de estar, de espera e de leitura, de jogos e para as crianças; bar e refeitório onde podem ser servidas mais de 400 pessoas simultaneamente (self-service); cozinha, copa, câmaras frigoríficas, serviços de lavanderia, rouparia, casa de máquinas, etc.

Por último, referiremos o centro de férias de Entre-os-Rios (Penafiel), inaugurado há dois anos e onde a parte terminal assume particular relevância.

VITOR SERRA



CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL

TEMPORADA DE 1973-1974 -cinema Império-

5 DE MARÇO

ORQUESTRA DE CÂMARA

JEAN FRANÇOIS

PAILLARD

Várias gravações desta categorizada orquestra de câmara enriquecem a ANTOLOGIA DA MÚSICA EUROPEIA que está, actualmente, a ser distribuída pela Editorial ARCADIA.

Ainda se pode fazer sócio do CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL para os restantes concertos desta temporada ou inscrever-se como sócio extraordinário para o concerto da Orquestra PAILLARD.

Concertos a realizar:

30 DE MARÇO — Mestre WILHELM KEMPF (pianista)

Concerto extraordinário

1 DE ABRIL — 2.º concerto de WILHELM KEMPF

30 DE ABRIL — GEZA ANDA (pianista)

14 DE MAIO — ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

Solistas: Sequeira Costa e Tania Achot (pianistas)

A Companhia de Seguros IMPÉRIO continua a apoiar o CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL, tomando para si os riscos do empreendimento da temporada 73/74

Os concertos realizar-se-ão nos dias marcados, às 21,30 horas, no CINEMA IMPÉRIO. Estão abertas inscrições para sócios extraordinários para os diversos concertos, na Sede do CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL, Avenida Sidónio Pais, 8, cave, entre as 15 h. e as 19 h. ou nas bilheteiras do CINEMA IMPÉRIO, a partir das 13 horas.

GRUPO B - M/ 10 ANOS



UM APELO DA IGREJA À JUSTIÇA SOCIAL

O tema das injustiças sociais foi escolhido pelo papa Paulo VI para a sua mensagem da Quaresma lida hoje em todas as igrejas do Mundo e também em Portugal. Parece que a hierarquia está empenhada em sensibilizar os católicos para o facto de as injustiças sociais constituírem o fulcro dos ódios e conflitos que angustiam o mundo, pensando-se mesmo que se trata de uma preparação para o próximo sínodo dos bispos que vai reunir-se em Roma em fins de Setembro deste ano para examinar as dificuldades do anúncio do Evangelho no tempo presente.

Ao mesmo tempo que em Roma grupos de cristãos denunciavam com outras pessoas as situações de injustiça social da «Cidade Eterna», em Lisboa o patriarca D. António Ribeiro

pronunciou na passada Quarta-Feira de Cinzas uma importante homilia sobre o mesmo assunto, fazendo uso de expressões e de pontos de vista que não são habituais em documentos desta natureza.

O texto da mensagem do papa refere a necessária ruptura que deve operar-se relativamente ao apego demasiado exclusivista dos bens materiais, aplicando ao nosso tempo as palavras de São Basílio no séc. V:

O pão que em vossa casa fica como sobra inútil é o pão daqueles que passam fome; a túnica que está dependurada no vosso guarda-vestidos, é a túnica daquele que está nu; os sapatos a mais que nas vossas habitações permanecem inúteis são os daqueles que andam descalços; o dinheiro que vós conservais aferrolhado é o

dinheiro do pobre; vós comeis tantas injustiças, quantas são as obras de bem-fazer que poderíeis praticar.

Tais palavras — diz o papa — dão-nos que pensar, num tempo em que ódios e conflitos são provocados pela injustiça daqueles que açambarcam em desfavor daqueles que nada têm, daqueles que preferem cuidar do seu próprio dia de amanhã, a cuidar do dia de hoje dos seus semelhantes, daqueles, enfim, que por ignorância ou por egoísmo, recusam privar-se do supérfluo em favor dos que carecem do necessário (cf. Mater et Magistra).

Chamando os católicos à consciência desta realidade, Paulo VI apela para o sentido de unidade dos cristãos, dizendo:

Seria pecar contra esta una-

nimidade o recusar hoje a milhões de irmãos nossos aquilo que comportam as exigências da sua promoção humana.

Por sua vez, o patriarca de Lisboa, de certo no conhecimento prévio das palavras do papa, disse na passada quarta-feira:

Nesta nossa cidade de Lisboa, como noutras áreas do patriarcado existem homens ricos que trazem o coração apodrecido pela sua riqueza. Transformam o dinheiro em ídolo que continuamente adoram. Ricos deste género são quantos obtiveram a sua fortuna à custa do salário justo que não pagaram ao trabalhador. São os que roubam o pobre, o órfão e a viúva, não repartindo por eles o que de direito lhes cabe.

Nestas palavras, D. António Ribeiro serve-se dos termos tradicionais que na moral cristã

indicavam os «pecados que bradam aos céus». Logo a seguir, porém, apontam-se as situações específicas da nossa época: (Ricos deste género) são os que envolvidos em fraudulentas especulações da bolsa, procuram lucros momentâneos indevidos, sem escrúpulos de provocar o desequilíbrio económico e financeiro do País. Condena, mais adiante, estes ricos com «fortunas mal adquiridas» ou «riquezas desonestamente utilizadas» e termina lamentando que entre cristãos se encontrem pessoas assim:

Dói-nos a alma verificar que também entre nós há pessoas, algumas com particulares responsabilidades derivadas da formação cristã recebida e até da posição social que ocupam, cuja conduta moral não pode ser tida nem apontada como exemplar.

CURSOS NO L.N.E.C.

Inicia-se amanhã e prolonga-se até ao dia 16, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, um curso de especialização sobre Segurança Estrutural, que será orientado pelo eng.º Ferry Borges, investigador e subdirector daquele organismo, e do eng.º M. Castanheira, especialista do L.N.E.C.

Também amanhã terá início naquele laboratório um curso de especialização — Edifícios Prefabricados — que decorrerá até 5 de Abril, sob a orientação do eng.º José Teixeira Trigo.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

Na sede do Foto Clube 6x6, à Rua das Chagas, 17, 2.º dt.º está presente uma exposição de fotografia de Orlândo Batista, que pode ser visitada todas as sextas-feiras, das 21 e 30 às 24 horas até ao fim do corrente mês. Dentro do mesmo horário são projectados diapositivos do expositor.



Previdência para cauteleiros e crianças

O cauteleiro é um homem que ganha, em regra, quantias da ordem dos quinhentos, seiscentos escudos por semana. E como a margem de lucro que dantes arrancava da venda da lotaria (10 por cento) diminuiu, cifrando-se actualmente em 7 por cento, mais difícil se tinha tornado a sua subsistência quotidiana.

Percorrem as artérias citadinas, gritam nos lugares públicos, vendem a sorte. Sem alguma espécie de protecção social, a vida dos cauteleiros, por que está também à mercê de flutuações diversas (o tempo, às épocas festivas em que o bolo dos prémios ganha mais colorido), não é muito agradável.

Há uns tempos surgiu, entretanto, uma certa movimentação no seio da classe dos cauteleiros. Assim, numa exposição colectiva endereçada às entidades governamentais, os cauteleiros reivindicavam a sua integração no esquema da Previdência social.

Esta reivindicação foi coroada de êxito: por determinação superior do ministro das Corporações e Segurança Social, o Governo tomou a decisão de tornar extensivos aos vendedores de lotaria os benefícios da Previdência.

A propósito desta integração, falámos com três cauteleiros. Um primeiro abordado, estacionado na praça da Figueira, declarou-nos:

— Espero bem que as coisas agora corram melhor. Ao fim

e ao cabo os três por cento que tinham tirado, já servem para a Previdência. Com mulher e três filhos esta coisa não dá muito. Mas o que é que se há-de fazer?

— Era uma injustiça que foi agora reparada, começou por nos afirmar um outro vendedor de lotaria, no Chiado. E prosseguiu:

— Com a vida como está, em que tudo é difícil, ter médico e remédios já é uma grande ajuda. Sim senhor, isto foi muito bom para nós.

Um terceiro e último inquirido, há vários anos presença assídua no largo do Rossio, disse-nos:

— Com Previdência ou sem ela, esta vida é muito desagradável. Não compensa. É claro que a Previdência vem trazer sempre uma ajuda. Ah, mas se eu pudesse fazer outra coisa.

Crianças internadas

Um outro despacho do ministro das Corporações e Segurança Social, que entrou recentemente em vigor, torna extensivo às crianças internadas ou protegidas por estabelecimentos de assistência, o regime geral das Caixas de Previdência, no que se relaciona com a concessão da assistência médica e medicamentosa. Deste despacho, beneficiam actualmente 13 670 crianças, pertencentes a 252 estabelecimentos de assistência.



Agora mais que nunca... você precisa de um Fiat 126

Um carro para ir e vir no dia-a-dia
e no fim de semana.
Uma, duas, três ou quatro pessoas
Um carro para tudo
Linha moderna, motor experimentado,
baixo consumo e fácil manutenção.



FIAT 126

LIBERDADE DE PENSAMENTO NO ENSINO SUPERIOR

—defendeu em Vila Real o ministro da Educação

Continuação da pag. 1

perior, 4 Universidades, 14 Institutos Politécnicos e 9 Escolas Normais Superiores. E é decisão deste Governo que todas estejam em funcionamento até 1979. Desafio de dificuldades inúmeras mas a que está ligada a capacidade de imaginação e de realização. E nestas como noutras coisas similares não se pode deixar de cumprir o plano traçado sob pena de descrédito perante o povo que servimos.

A fundação dos pólos culturais do ensino superior está inteiramente relacionada com uma estratégia de distribuição de equipamentos sociais, científicos e tecnológicos que torna o desenvolvimento deste País mais harmónico, procurando evitar-se a desertificação do interior ou a permanência das suas populações em condições próximas das que caracterizam o subdesenvolvimento.

A natureza dos estudos superiores a inserir numa determinada região deve ter em conta a evolução da ciência e da tecnologia, as realidades e potencialidades sociais e económicas e o engrandecimento no sector dos serviços. O relatório lançado pelas economias abertas dos nossos dias e a falta de preparação, em qualidade e quantidade, de elementos humanos para as tarefas do desenvolvimento exige uma resposta clara em vários domínios da vida nacional, impedindo que venhamos a ter o estatuto de colónia cultural, científica ou tecnológica no contexto mundial.

Os Institutos Politécnicos são escolas intimamente ligadas ao desenvolvimento socio-económico da região. Na verdade, de acordo com o que a lei consagrou, são «centros de formação técnico-profissional, aos quais compete especialmente ministrar o ensino superior de curta duração, orientando de forma a dar predominância aos problemas concretos e de aplicação prática, e promover a investigação aplicada e o desenvolvimento experimental, tendo em conta as necessidades no domínio tecnológico e no sector dos serviços, particularmente as de carácter regional».

Grande responsabilidade é assim conferida aos Institutos Politécnicos na transformação da paisagem humana, social e económica das zonas em que se inserem.

Naturalmente que o equacionamento dos problemas da localização dos novos centros de ensino superior de curta duração e a selecção dos cursos que neles irão funcionar estão intimamente relacionados com as potencialidades de cada zona.

Apoiando-se no eixo Vila Real-Régua-Lamego, linha de expansão a favorecer para o interior transmontano, surgem nesta região em que nos encontramos as áreas agrícolas de Chaves e Vila Pouca de Aguiar, Vale de Vilariça e regadios de Macedo de Cavaleiros, Alfandega da Fé e Mirandela, focos de desenvolvimento baseado no sector primário.

Segundo se prevê no IV Plano do Fomento, «nelas se concentrarão acções incidindo directamente sobre a produção agrícola, mediante esquemas de agricultura intensiva e modernizada (...) sobre as infra-estruturas, os equipamentos e a formação profissional, por forma a promover a implantação de indústrias transformadoras dos produtos agropecuários e a assegurar a existência de adequados sistemas de comercialização». E um ele-

mento de toda esta zona é, do ponto de vista urbano, a cidade de Vila Real.

Bastaria a simples menção destas realidades para se compreender, de imediato, a legitimidade da decisão que conduziu à criação aqui de um Instituto Politécnico.

E, simultaneamente, fácil é entender, desde logo uma vocação técnica e científica que se prenda com cursos de agro-pecuária, e de indústrias alimentares. E torna-se também evidente a necessidade de criação de cursos de engenharia técnica relacionados com a construção civil e electrotécnica e ainda de secretariado e administração pública, de gestão de empresas e estudos de mercados.

Como tenho dito, e não me canso de repetir, o Politécnico outorga o grau de bacharel e correspondentes títulos profissionais. Será possível aos seus diplomados a continuação de estudos na Universidade, para a obtenção dos graus de licenciado e de doutor, sem necessidade de repetição de anos de estudo. Espero que a nova Universidade do Minho, este Instituto Politécnico de Vila Real e a Escola Normal Superior de Bragança saibam coordenar devidamente os seus planos e actividades, de modo a que a permeabilidade entre diferentes instituições do ensino superior um dos conceitos chave do novo ensino superior português se possa efectivamente verificar nesta região do Norte.

Mas não cabe aos Institutos Politécnicos apenas a formação de técnicos com o grau de bacharel e de nível idêntico aos das Universidades. Na sua missão de serviço à comunidade, os novos Institutos não poderão isolar-se do meio que os rodeia, pois do seu labor depende, em grande medida, a possibilidade de resolução de muitos problemas concretos da região prosseguindo adequados planos de investigação. Os Institutos Politécnicos deverão, logo que possível estabelecer contratos de prestação de serviços às actividades da região e promover formas de colaboração com departamentos de outros Ministérios interessados na inovação tecnológica na melhoria dos circuitos de distribuição, na extensão cultural. É preciso mobilizar todas as energias, evitando rivalidades sem sentido, fazendo convergir os esforços para os grandes objectivos que nos cumpre alcançar.

A este propósito, vemos com grande interesse a possível e íntima ligação da pesquisa dos Institutos Politécnicos com o trabalho a realizar nos Centros Técnicos de Cooperação Industrial.

O ensino e a pesquisa nos Institutos Politécnicos deverá saber fomentar o espírito crítico e criador, o sentido de responsabilidade na crítica e na liberdade de criação. É nossa determinação sejam quais forem os ventos ou marés, as incompreensões e malquerenças, lutar em favor de um ensino superior caracterizado pela liberdade de pensamento, idoneidade profissional, aventura na ideia, trabalho responsável e por um lúcido humanismo.

A Reforma do Sistema Educativo, como se sabe, não se confina ao Ensino Superior, mas abrange todos os graus de ensino. Só com uma reforma global poderemos progressivamente vir a satisfazer os ideais de democratização do ensino com a criação de igualdade de oportunidades.

Intimamente relacionado

com o acesso a estes Institutos torna-se necessário operar uma grande modificação nos cursos complementares do ensino secundário, a que já demos início.

Como se sabe, a estrutura deste nível educativo obedecia em Portugal a um princípio de dualidade: por um lado, temos os liceus concebidos como instrumento de formação humanista e dando acesso directo ao ensino superior; e, por outro lado, as escolas técnicas concebidas como estruturas de formação mais vinculadamente profissional, às vezes artesanal, e que, até há um ano, não permitiam o ingresso directo no ensino pós-secundário.

Apercebemo-nos, imediatamente, do significado social desta dualidade. A lei de reforma do sistema educativo veio corrigi-la drasticamente. O ensino secundário é unificado, dando-se-lhe características de polivalência, o que concede a todos os jovens portugueses que frequentam o sistema escolar iguais possibilidades de ascensão ao ensino superior quaisquer que sejam as suas vocações ou possibilidades económicas, apenas dependente da capacidade e de interesse pessoal de cada um. O sistema secundário polivalente permite igualmente a todos os jovens oportunidades de se prepararem para a vida activa, faceta não menos importante e muitas vezes ignorada.

Foram já dados os primeiros passos neste processo que, necessariamente levará o seu tempo a efectivar-se de modo completo. E assim, na sequência desta reforma foram este ano lectivo lançados os cursos complementares do ensino técnico os quais, embora tenham ainda configuração experimental, permitem o ingresso no ensino superior em condições iguais às do ensino liceal. Em obediência ao princípio da diversificação os planos de estudo daqueles cursos cobrem diversos sectores, tais como industrial, serviços, agrícola e artes aplicadas, atendendo às necessidades de diferenciação cultural e de formação numa experiência da qual deverão ser extraídas lições e resultados que ajudem a solução definitiva.

A par desta reforma de estruturas, de maior alcance social no âmbito de uma política de igualdade de oportunidades, iremos tomar medidas que preencham progressivamente uma melhor qualidade formativa do ensino secundário complementar que garanta a idoneidade do carácter vestibular do ensino superior, para os que continuem a estudar, e de ingresso na vida activa, para os que desejem logo entrar no mundo do trabalho.

Que mundo de tarefas a realizar! Quanta resistência ao esforço precisamos!

É que todos sabemos que não há varinhas de condão a oferecer Universidades ou Institutos Politécnicos em pleno funcionamento!

É que todos sabemos que este plano não é fruto de concepções demagógicas nem naturalmente se concretizará por virtude de simples discursos do ministro ou de quem quer que seja.

É um fazer pelo trabalho, o qual se não coaduna com a preguiça e não é compatível com atitudes de destruição por panfletos ou conversas de café, atitudes de doentia imaginação vivendo da mentira e do boato.

Não! Para este fazer, é preciso trabalho sério, vivendo só para ele e abdicando de comodidades e honrarias.

E de certo é necessário criar condições de justa paga a todos quantos servem esta causa.

Esta encruzilhada histórica só pode ser ultrapassada para a via do Progresso e arrasta todos os portugueses se tivermos a consciência de que a doação a causas nacionais exige de todos uma maior austeridade, menos desequilíbrio de remunerações, uma mais equitativa repartição da riqueza, uma mais humana e profunda justiça social.

Temos a segura esperança de que com o constante e decidido apoio do homem esclarecido que preside ao Governo, o professor Marcello Caetano, animados pelo seu exemplar patriotismo, espírito de compreensão e acendrado carinho pelos problemas educacionais legaremos a nossos filhos um Portugal diferente — mais digno, mais livre, mais justo assim vencendo a batalha decisiva mais querida do povo português — a da educação.

Falou depois o prof. António Réfga, que acentuou estar a viver-se um momento transcendente em Vila Real e, saudando o ministro, disse ainda: «Tenha V. Ex.^a a certeza de que está bem arreigado no nosso espírito que a educação não é, nem pode ser, um dom reservado a elites reduzidas. Contrariamente, encaramos-la como um direito inerente a todo o cidadão, à margem do lugar que ocupa na pirâmide do País, sem qualquer limitação que não seja a da sua capacidade, inteligência e vontade de bem servir. Sabemos que é no cumprimento desta linha de pensamento e de acção que nos encontramos hoje aqui no interior do País, longe dos grandes centros populacionais e de atracção para possibilitar a cada português desta região os meios próprios de, sem ser obrigado a abandoná-la cultivar a sua inteligência de modo que, escolhendo o melhor caminho, contribua para o engrandecimento da Nação, ocupando na sociedade o lugar a que têm jus».

Mais adiante, o director do Instituto Politécnico declarou:

«Em complemento do que se lê no Decreto-Lei 402/73, salientar que a actividade do Instituto Politécnico de Vila Real não há-de limitar-se à simples ministração de aulas teóricas e de aulas práticas em que se versem as matérias fixadas por lei. Tentar-se-á por todos os meios postos ao nosso alcance promover a investigação científica e o desenvolvimento experimental, não perdendo de vista as necessidades do País e muito especialmente as de carácter regional. Defendemos o princípio, que outros antes de nós já enunciaram, de que ensino, investigação e extensão constituem trilogia inseparável, assim como também pensamos que só pode ensinar eficazmente quem investiga e que o investigador tem o dever de ensinar. Se não é concebível ensino sem investigação, também esta não nos parece justificável sem extensão. Ditaram-nos estas directivas os nove anos de experiência na Universidade de Luanda, cuja colaboração tão estreita como eficaz entre os cursos superiores de Agronomia e de Silvicultura e o Instituto de Investigações Agrícolas de Angola — talvez ímpar no País — tenho muito orgulho em salientar.

É nossa preocupação manter o mais estreito contacto com outros estabelecimentos de ensino superior do País e tanto quanto possível do estrangeiro segundo linhas de acção crite-

riamente lançadas, de forma que se atinjam as metas idealizadas. Só assim poderemos sobreviver e justificar-nos, pois será a melhor forma de evitar a inércia que de outro modo se tentaria instalar e de contribuir para que o sector primário perca o pouco honroso privilégio de ser considerado como o nó estrangulador da economia nacional.»

A terminar, o prof. António Réfga afirmou:

«O Instituto Politécnico de Vila Real há-de ser, para orgulho de todos os transmontanos que buscam para os seus filhos o futuro mais promissor, um centro de atracção de pessoas qualificadas e de boa vontade, um meio de formação de investigadores e técnicos conscientes, um ponto de irradiação de cultura e de conhecimentos imprescindíveis ao progresso da região.»

Cidadão honorário de Vila Real

Tendo saído de Lisboa acompanhado pelo presidente do Instituto de Alta Cultura, secretário-geral do seu ministério, director-geral do Ensino Superior, director do Gabinete de Estudos e outros destacados funcionários, aquele membro do Governo foi recebido primeiramente na Câmara Municipal onde se efectuou uma sessão de boas-vindas e o respectivo presidente lhe fez entrega do diploma de cidadão honorário e da medalha de ouro do concelho.

Nessa sessão, a que estiveram presentes o governador civil do distrito e outras altas figuras, representantes dos estabelecimentos de ensino, professores, estudantes, elementos de todas as actividades económicas locais, etc., o presidente do Município, ao saudar o prof. Veiga Simão, afirmou: «A Câmara Municipal recebe com honra, admiração, estima e reconhecimento o titular da pasta da Educação, para entregar ao prof. Veiga Simão a medalha de ouro e o diploma da cidadania honorária, os mais elevados símbolos de que dispõe destinados a homenagear, a título perene, aqueles que, pela excelência dos serviços prestados à comunidade que representa, merecem especial testemunho de gratidão e apreço. A sociedade deve muito — quem o nega? — ao homem comum, mas não pode ignorar homens de excepcionais virtudes e os valores supremos por eles abnegadamente servidos.»

Após ter recebido o diploma e a medalha, o ministro agradeceu essas distinções e declarou que não lhe eram devidas quaisquer manifestações de gratidão, porquanto se limita em relação a Vila Real e ao seu distrito a proceder em conformidade com a política geral seguida pelo Governo na linha de rumo que a todo o País é dedicada na busca permanente do progresso da comunidade nacional através da valorização das suas gentes.

Ao fim da tarde, o titular da pasta da Educação Nacional, que visitou ainda na cidade alguns edifícios de aproveitamento previsto para as instalações do Instituto Politécnico, deslocou-se a Mirandela, para tomar contacto com todas as dependências e actividades da Escola Prática de Agricultura.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Viegas P. de Magalhães, Largo Joaquim Manuel, Bibar - Quisque FA-RO



às col

PEDE A «TUNA DE S

Festejamos agora os ciação e queremos demo as entidades oficiais, que ser um elemento vivo e cultural das populações» da direcção da tuna musical Vila Nova de Gaia, a pro do «encontro distrital de cc zado na sua sede

Digamos já que Vila Nova de Gaia, concelho de 180 mil habitantes, deve ser um caso único no que respeita a associações populares (cultura, recreio e desporto) deste País: informa-nos o presidente da tuna de Santa Marinha que o seu número deve ir além de 70, repartidas pelos mais diversos tipos de actividades. «Todas elas, de um modo geral — acrescentou — carecidas de ajuda, sobretudo se tivermos em conta as suas potencialidades no campo da cultura, quer seja desportiva, quer seja de outro tipo». Embora algumas promovam actividades culturais mais ou menos regulares (teatro, cinema, pelestas, actividades infantis, etc.) o panorama geral é desolador.

Com esta visita às amplas instalações da tuna musical iniciamos uma série de reportagens sobre as colectividades de Vila Nova de Gaia, no sentido de divulgar o seu esforço, as suas dificuldades e os seus anseios, infelizmente tão pouco compreendidos.

A Tuna Musical de Santa Marinha, com cerca de 600 sócios inscritos, reúne uma massa associativa particularmente homogénea, na sua quase totalidade proveniente de uma zona de elevada densidade populacional (Beira-Rio de Vila Nova



PORTO

Auxílio colectividades

SANTA MARINHA

50 anos da nossa associação mostrar a todos, incluindo as colectividades deviam actuar na valorização — disse-nos o presidente musical de Santa Marinha, propósito da primeira fase colectividades» agora reali-

de Gaia) bastante semelhante, no tipo de casas e de arruamentos à zona do Porto que lhe fica em frente (a Ribeira e o Barredo). A proximidade das casas, o nível dos rendimentos e as afinidades sócio-profissionais destas populações ribeirinhas, determinam um tipo de vida, de cultura e de preocupações que as distinguem bastante das zonas urbanas mais próximas. Formigueiro de casas e de gente, reserva de mão-de-obra para um sem número de actividades do Porto e de Vila Nova de Gaia, enfrenta problemas de vária ordem e facilmente imagináveis. E neste contexto que podemos avaliar a importância de uma colectividade como a Tuna Musical de Santa Marinha, profundamente ligada à vida e aos hábitos da Beira — Rio gaiaense.

As suas amplas instalações compreendem a parte administrativa, um salão de jogos e de festas, um grande bar com sala de jogos de mesa (bilhar e ping-pong), arrecadações de material, sala de ensaios, etc. O prédio sito à Rua Cândido dos Reis não pertence à colectividade e está, num ou noutro ponto, carecido de obras e melhorias. Local de convívio e de passatempo para muitos, ao princípio da noite, porta conhecida de dezenas de crianças e jovens que ali encontram algumas iniciativas que a direcção da Tuna promove para seu benefício, desde o desporto a sessões de cinema.

— «Quando eu tinha 14 ou 15 anos não me deixavam cá entrar, não aceitavam aqui os rapazes da Beira-Rio. Nós hoje permitimos isso, dedicando muito do nosso esforço às crianças da zona. As colectividades por vezes não passam de centros de cavaqueira e ainda hoje há quem diga que a Tuna agora não tem interesse,

que isso era dantes quando vinha cá o sr. fulano e o sr. belirano. O tempo das associações dos cartolas passou, a nossa preocupação é fazer da Tuna uma colectividade que interesse a todas as pessoas da Beira-Rio, onde possam encontrar alguma coisa que as distraia e as eduque» — disse-nos o presidente José Monteiro.

«Fazer alguma coisa»

«E preciso fazer alguma coisa pela Tuna. Temos que tirar estes miúdos todos da rua» — foram as palavras, trocadas entre os associados que hoje são directores da colectividade.

— «Apresentámos a nossa candidatura e fomos eleitos. Quase tudo gente nova. Só há dois directores que foram além da escola primária, isto é uma direcção com a quarta classe, a começar por mim» — disse-nos ainda o presidente da Tuna.

A câmara municipal de Gaia tem-se mostrado atenta às necessidades da Tuna e ainda recentemente deu um subsídio para as suas actividades. Vivendo apenas das quotizações dos seus associados, a Tuna vê-se obrigada, por vezes, a lançar mão de outras fontes de receita para poder fazer o seu boletim (que é oferecido a todos os sócios) dar equipamento desportivo às crianças, comprar material, etc.

— «Não queríamos ter de estar à espera das receitas dum ou doutro baile, por exemplo, para fazer face às actividades culturais e desportivas da Tuna, mas por enquanto não temos outro remédio. Os directores e diversos associados gastam aqui os seus tempos livres e há grande dedicação de todos, mas carecemos de ajudas maiores. As colectividades podiam desempenhar um papel educativo muito grande se as ajudassem e se lhes facilitassem as coisas».

O primeiro encontro de colectividades do Porto, agora realizado na sede da Tuna, foi uma das suas iniciativas de maior alcance:

— «Convidamos dezenas de associações para discutirmos os nossos problemas, a situação económica, etc. Nota-

mos que há falhas na actividade cultural. Então se há os plebeus avintenses, os modestos, os grupos dramáticos que aqui no concelho são muitos, eles podiam dar-nos a sua ajuda. Se todas as colectividades fossem capazes de discutir os seus problemas e de se conhecerem melhor podíamos fazer uma exposição a alguém no sentido de nos ajudarem. Se queremos fazer teatro gastamos dinheiro em licenças, burocracia e papel selado. Até a compra dos livros para as peças que se vão apresentar. Ainda agora foi assim com uma peça tão conhecida e já representada como «As mãos de Abraão Zacuto», que estamos a ensaiar. Foi uma despesa em livros para mandar para Lisboa enós não somos ricos. Todas as colectividades deviam portanto discutir os seus problemas para fazermos uma exposição às entidades oficiais e obter maior facilidade nestas coisas. Senão é um marasmo e o jogo das cartas, e toda a gente a dizer que as colectividades têm uma função social...»

Ao apelo da Tuna para este encontro responderam apenas nove colectividades: Escola Dramática e Musical Valboense, Grupo Recreativo e Desportivo da Boavista, Associação Recreativa Briosos Valboenses, Grupo dos Modestos, Secção de Jovens da Igreja Lusitana do Torne, Cooperativa Unicepe, Associação Recreativa e Cultural de Alumiara, Associação Recreativa Malmequer de Noeda e Círculo Católico de Operários do Porto. Estiveram também presentes um representante da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, dr. Luís Vale e o presidente da Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, sr. Tristão Reis.

— «Nem todas responderam mas a culpa não foi delas. Podemos-nos culpar também a nós. Devíamos ter ido pessoalmente junto de todas e não, como fizemos convidá-las por simples carta. Mesmo assim estamos entusiasmados. Estiveram nove colectividades (e não cinco como disseram os jornais) mas a verdade é que mandamos convites para cerca de 70 e a rádio e a imprensa falaram no caso. Deve ter havido uma certa retracção das pessoas, que a rotina e a falta de entusiasmo talvez justifique. Tivemos que deixar as propostas de trabalho futuro para a segunda parte do encontro que será organizado por uma comissão constituída por todas as que estiveram presentes».

A direcção da Tuna e elementos das associações daquela comissão agora constituída irão deslocar-se ao maior número possível de colectividades do concelho e do distrito a fim de conseguirem uma maior representação nos trabalhos futuros deste encontro. Estão também a estudar os meios para se fazerem representar no congresso de colectividades que terá lugar em Setúbal, segundo a informação dada na Tuna, durante o encontro, pelo presidente da federação já referido.

«Mini basquete»

Jovens empregados e operários dão a sua ajuda ao desporto infantil dentro da Tuna. A equipa de mini basquete merece-lhes actualmente grande atenção. Graças a uma ajuda da Câmara de Gaia foi possível obter algum material e diversas noites por semana o salão da Tuna é local de encontro de dezenas de crianças de ambos os sexos da Beira-Rio gaiaense. Surpreendemo-los numa destas últimas noites, durante um

treino orientado pelo director Fernando Silva.

— «Tudo isto é feito com grande esforço. O Fernando sai do trabalho, janta e vem para a Tuna onde os miúdos o esperam. E esta trabalhadeira que está a ver. Todos damos a nossa ajuda, mas precisamos de um local mais apropriado, há muitas mais crianças lá fora à espera de desportos infantis, de cinema e de jogos que a Tuna sente que lhes devia dar já que nada existe que corresponda às suas necessidades e desejos. Crianças aqui, na Beira-Rio, não faltam...» — disse-nos também o presidente da direcção.

Outra preocupação da Tuna é a reorganização da biblioteca e, para tanto, já responderam ao questionário da Fundação

Gulbenkian com vista à oferta de livros.

— «Fizemos também uma exposição de desenhos infantis, aproveitando as crianças do mini-basquete. Está a ver, são grandes as deficiências educacionais dos adultos e das famílias desta zona e isso leva-nos a ter em atenção as crianças, embora façamos pouco por falta de meios».

A Tuna de Santa Marinha dispõe de um projectador de 16 mm e projecta, de vez em quando, filmes para as crianças. Recordem aos filmes das embaixadas estrangeiras e só raramente alugam um ou outro nas distribuidoras comerciais portuguesas. Onde está, com efeito, a organização oficial que dispõe de filmes em quantidade

e qualidade para acorrer à obra que as colectividades prosseguem (irregularmente) com tanto esforço?

Entre os fins estatutários desta colectividade aponta-se o «manter, quando possível, uma Tuna». Por enquanto continua a não ser possível e a Tuna de Santa Marinha, por estranho que pareça, não canta, embora já tenham sido diferentes as coisas no seu meio século de existência. Mas também neste campo da música popular não depende só das associações de cultura e recreio alterar o panorama de mediocridade fomentado por certos festivais anuais para quem as dificuldades económicas até nem contam...

José Gomes Bandeira



Considerando a «importância crescente da actividade turística no contexto da economia nacional» e o «volume de investimentos realizados e a realizar» no ramo do turismo, um despacho exarado pelo secretário de Estado da Indústria, determina o abastecimento livre de gasolina para os turistas que visitem Portugal.

Por outro lado — assinala-se ainda — são praticamente irrelevantes as perturbações que as medidas a adoptar poderão trazer ao consumo interno, já que o dos automóveis da matrícula estrangeira que anualmente entram em Portugal não ultrapassa normalmente a ordem dos 3 por cento do consumo global.

«Stocks» de petróleo nos Estados Unidos

O Instituto Americano do Petróleo informou que a produção e os «stocks» da gasolina nos Estados Unidos eram, na passada semana, praticamente os mesmos de há um ano. As existências de petróleo em rama, segundo a mesma fonte eram até superiores ao ano anterior.

Segundo o Instituto, apesar do embargo dos árabes, a importação de petróleo bruto foi somente 9,6 inferior à média diária na última semana de Janeiro e nas primeiras três semanas de Fevereiro do último ano.

De acordo com os números estatísticos semanais do Instituto, os «stocks» de gasolina num dado dia da semana — sexta-feira — totalizavam 220,98 milhões de barris — apenas 392 000 barris menos do que há um ano.

Os «stocks» de petróleo em rama excediam os do ano passado, totalizando 237,71 milhões de barris por dia. Ou seja: mais 3,5 milhões de barris diários do que no ano passado.

Angola: gasolina mais cara

O preço da gasolina em Angola passou a ser mais caro no dia 1 deste mês. O aumento foi de um escudo e trinta centavos. Numa nota distribuída à imprensa angolana, a Secretaria Provincial de Economia determina que o preço de venda ao público da gasolina tipo «90 octanas» passará a ser de sete escudos e cinquenta centavos por litro, na cidade de Luanda e nos postos abastecedores do Estado que disponham de instalações de descarga e armazéns.

Nas restantes localidades, os preços actualmente ali praticados serão acrescidos igualmente de um escudo e trinta centavos.

A empresa refinadora — segundo a mesma nota — deverá entregar até dia 25 de cada mês, o fundo de compensação dos combustíveis na importância correspondente às

vendas de gasolina da sua produção efectuada no mês anterior, importância essa calculada na base diferencial de dois escudos e trinta centavos por litro. Por outro lado, mantem-se a margem de lucro das empresas distribuidoras, no valor de trinta centavos por litro.

A nota da Secretaria do Estado salienta ainda que a situação actual não evoluiu desde Novembro passado, altura em que se procedeu à revisão dos preços de alguns combustíveis, justificando o impasse com o facto de grande parte do consumo interno haver sido satisfeito com produtos refinados importados, a preços extraordinariamente elevados. Acrescenta, contudo, que o preço agora fixado não é ainda suficiente para compensar os diferenciais, devendo o prejuízo daí resultante continuar a ser suportado pelo erário público.

Gasolina para os turistas em Itália

A partir do dia 10 do corrente mês — segundo comunica o E. N. I. T. (Organismo Nacional do Turismo Italiano), os veículos automóveis com matrícula estrangeira poderão circular livremente no território italiano durante os dias da semana (incluindo os domingos e dias feriados) sem qualquer restrição de combustível.

Em caso de avaria, os mesmos carros continuarão também a beneficiar gratuitamente do Serviço de Socorro Estradal, oferecido pelo Automóvel Clube Italiano — A. C. I. — sendo apenas necessário pedi-lo telefonicamente, da cabina mais próxima, do n.º 116.

A taxa dessa chamada é de 1100 liras (cerca de 45\$00) nas horas diurnas e 2200 liras (cerca de 90\$00) durante a noite. O socorro é concedido gratuitamente e em número ilimitado de vezes, estando compreendida a reparação da avaria no próprio local. Para usufruir desta vantagem, os turistas deverão à sua entrada em Itália, retirar no serviço do Automóvel Clube Italiano da fronteira o necessário cartão que lhes é concedido gratuitamente.

Os lucros da «Shell» em 1973

A gigantesca companhia petrolífera Royal Dutch Shell, anunciou que os seus lucros triplicaram no ano passado, atingindo um recorde de 730 013 000 libras.

A companhia acrescentou que projecta gastar este ano cerca de mil milhões de libras em programas de investimentos de capitais. Os lucros de 1973, em comparação com as estatísticas de 1972, foram de 281 725 milhões de libras.

A declaração da Shell descreve o gigantesco aumento de lucro como uma enorme melhoria que inverte a continua tendência do declínio de lucros durante os últimos cinco anos, sendo o produto bruto de 1972 o mais baixo de todo este período.

Mas a declaração dizia também que os lucros da companhia sofreram um aumento artificial devido ao declínio em valor da libra esterlina inglesa.

Esse factor foi responsável por um aumento de aproximadamente 150 milhões de libras em comparação com 1972.

PETER DALE

Um outro poeta ligado a «The Review», a revista literária dirigida por Ian Hamilton a que várias vezes já me referi, é Peter Dale. Não valerá a pena, talvez, referir todos os poetas que em torno dela se congregam, uma vez que mesmo os melhores dentre eles nos deixam um pouco decepcionados com os seus livros: poetas correctos, hábeis utentes de uma tradição da escrita, mas não provocadores do entusiasmo inerente à invenção. A sua poesia sabe a escolaridade, a correcção, parece poesia de professores.

Como no caso de Peter Dale de facto é. Os poemas são os da dor estabelecida, os do amor estabelecido, os das pequenas e grandes dificuldades estabelecidas da vida. Peter Dale é um elemento de uma tradição gentil característica, pequeno-burguesa no sentimento, provinciana na moral, suave no amor, «empregada» de ocupação. Se falo dele, é para dar outro exemplo dos poetas em torno de «The Review» (sector importante da poesia dos anos 60 ingleses), para mostrar um modo gentil de atenção ao mundo humano e para obviar a existência de

poetas destes numa literatura que tem dado dos mais definitivos contributos para a poesia da nossa época.

É A. Alvarez quem, num prefácio à sua antologia «New Poetry» publicada em 1962 na Penguin Books, define a tradição gentil como sendo «uma crença de que a vida é sempre mais ou menos ordeira, as pessoas mais ou menos decentes e hábitos mais ou menos decentes e mais ou menos controláveis (...)». Peter Dale enfileira numa escrita onde este princípio se reflecte, inscrito embora num universo pessoal



melancólico e numa opção social pequeno-burguesmente de esquerda. Nos seus poemas, a ordem pode ser a dum hospital, mas é uma ordem; as pessoas podem sofrer ou amar numa ausência, as suas dores são compostas. Há nas literaturas esta tendência para uma escrita doméstica, cuidadosa nos seus processos e ocupada por lugares-comuns temáticos, mas sobretudo reflectindo uma visão do mundo longe de contradições, uma ideologia da segurança, ainda que percorrida pela dor e pela doença, pois

que a todo o momento se sente serem essa dor e essa doença coisas de um mundo tranquilo, com uma consciência não alertada para a banalidade que reflecte.

Escolhi, portanto, este autor para mostrar ainda uma outra movimentação da poesia nos anos 60 ingleses. Peter Dale é seguro no modo como escreve, a sua escrita não está contaminada por lugares-comuns lexicais ou por situações de mau gosto afrontoso de processos. Temos é que o encarar como um poeta interessado em aspectos mais comuns do quotidiano (Sebastião da Gama, entre nós, serviria de paralelo desta situação?), só que não o quotidiano como o vimos denunciado pelos poetas «underground», como o lemos sufocadamente descrito por Douglas Dunn, como pungentemente o individualiza I. Hamilton, ou como politicamente o agride e assume D.J. Enright: trata-se do quotidiano doméstico e domésticamente vivido, com os seus amores, os nascimentos, as doenças, as aulas, sobretudo uma poesia de interiores e que, no seu máximo de atenção externa, reflecte uma preocupação com, ainda, aspectos da Londres bombardeada pelos nazis e referências fracamente mediatizadas a acontecimentos como a guerra do Vietname.

As referências pessoais explícitas dos seus livros são sempre a um sector específico de artistas: Gaudier-Brzesca, David Storey (já empenhados ou empenhados ainda em situações «leftist» óbvias); as não explícitas são aos modos comuns a esses poetas referidos de «The Review»: as doenças, os familiares doentes, a melancolia dum quotidiano a que se não escapa e que se sofre. (É muito óbvia, por exemplo, a linha que liga Dale a Hamilton, desde as situações que se poetizam aos próprios títulos de poemas).

Por outro lado, embora Peter Dale cultive frequentemente o poema um tanto longo, o gosto pelas imagens cuidadas e corridas de sentidos múltiplos e condensados, a aparente desatenção aos rigores prosódicos são um reflexo da comum continuidade «imagista» nestes poetas, como o poema «Aubade» reflecte claramente (dentro dos âmbitos que eu, na nota anterior, procurei estabelecer).

Se Peter Dale se inscreve numa consciência dorida do mundo, num universo percorrido pela doença e pela melancolia das separações, por um lamento face à guerra e às negativas situações a que certas políticas conduzem a vida, a sua poesia nunca atinge a dimensão do protesto e o seu lamento é sempre domado por uma escrita calma, correcta, onde a invenção raramente intervem. Os processos estão muito ligados, na sua situação pouco extrema, a esta domesticidade dos sentimentos e das situações.

Em suma: um correcto poeta desinteressante, assumidamente desinteressante, pois é consciente esta escolha do banal, esta mágoa no quotidiano, estes percursos por hospitais e salas de aulas numa mesma contaminação de um eu ferido e inábil em ultrapassar, poeticamente, as suas contradições.

NOTA:

Peter Dale nasceu em 1938.

Publicou:

«The Storms», Macmillan, 1968.

«Mortal Fire», Macmillan, 1970.

O RITO

Durante nove meses
vi minha mancha de amor
alargar e crescer enorme
na grande lente do teu ventre
até que teu sono foi quebrado
no obstáculo dentro do teu colo.

Querias que eu
te visse dar à luz,
dizias ser um laço entre nós
os trabalhos do teu corpo.
Mas eu sabia que o trabalho me prenderia
a duzentas milhas nessa semana.

Incapaz de ajuda
vendo a dor comer-te os rins
estaria perto
embarçado no nosso quarto estreito
tomando-te o pulso à moda do médico,
acarinhando-te enquanto arfavas
por gás, não por ar.

Os teus dedos
ganhando na sua dor meu pulso
ganhariam um poder sobre mim
de que não escaparia em sonhos ou zangas.
A cabeça batendo que te parte
traz feições que eu já tive.

Iniciada agora
duma sociedade secreta
murmuras ritos de parto que eu não sei,
o rebernar das águas.
E esta noite repousas distante estas milhas; o teu tempo
no meu pulso.

INVERNO

Todo o dia ensino às crianças como se fraseiam pensamentos.
Digo-lhes que há beleza nas nossas vidas.

Ao longo dos recreios as folhas de âmbar
brilhavam dos olhos entre o gelo.

Enquanto o autocarro se enche com os seus ruidos
eu aperto o casaco contra mim
esperando que ninguém me chame doutor
e assim torne agressivos os olhares.

A neve e as folhas caem juntas.

As crianças descem.
Vozes gritam que
se esqueceram duma gabardina.

Ouç
mas não sugiro que posso levá-la
à miúda amanhã para a escola.

Estremeço ao lembrar-me de viagens em criança
em que chorei por ter deixado coisas esquecidas.

O gelo não está tão frio que a deixe resfriada.
A neve e as folhas caem juntas.

Então revivo o último fim-de-semana com ela
estendida em lágrimas sobre a cama como um vestido
velho.
E eu sem lágrimas com que olhar a caminho das escadas.

O casaco enlameado está aqui.

AUBADE

Esse pulso secreto
como bolhas numa comporta
regular, lento,
incessante.

O cobre sabe a sede.

A curvatura da amêndoa
nas coxas separadas
frias na madrugada.

ELEGIA

Vou para casa
pontas de chuva espetam-se no asfalto
pensando uma história pra contar às crianças.

Vais para casa,
para um quarto vazio
e o teu filho morto chora.

Uma distância
em que nunca entrei,
quarto onde nunca estive.

E se chegasse agora
não me escutarias
ouvindo só um choro de criança.

E se ficasses aqui,
os meus filhos à tua volta, não poderias chorar.

Há mais vida ainda.
O teu segundo filho, o teu rapaz,
está agora morto.

PINTURA — ARMAS — ANTIGUIDADES IMPORTANTE LEILÃO

● SELECIONADA COLEÇÃO DE PINTURA CONTEMPORÂNEA E MODERNA, destacando das 188 obras a leiloar, os seguintes autores:

ABEL CARDOSO
ALBANO PORTOCARRERO
ALBERTO DE SOUZA
ALFREDO KEIL
ALFREDO MORAES
ALFREDO ROQUE GAMEIRO
ALICE JORGE
ALMADA NEGREIROS
ALVARO HOGAN
ALVES DE SA
ANTONIO CARNEIRO
ANTONIO DUARTE
ANTONIO SAUDE
ANTONIO SOARES
ARLINDO VICENTE
ARMANDO LUCENA
ARTEMISIA GENTILESCHI
ARTUR LOUREIRO
AURORA DE FIGUEIREDO
AXELL DODIG
CARGALEIRO
CARLOS BOTELHO
CARLOS BONVALOT
CARLOS BRACHER
CARLOS RAMOS
CELESTINO ALVES
CERVANTES DE HARO
CHARLES ANTOINE COYPEL
COLUMBANO
CONCEIÇÃO E SILVA
CONDEIXA
CONSTANTINO FERNANDES
CRUZEIRO SEIXAS
DUMINILUS REBILLO
EDUARDA LAPA
EMILIO VELO

EMMERICO NUNES
ESTÉVÃO SOARES
FAUSTO SAMPAIO
FIGUEIREDO SOBRAL
FERNANDO SANTOS
FRANCISCO SMITH
FRANCISCO SILVA GOUVEIA
FRED KRADOLFER
FREDERICO AYRES
GABRIEL GERVAIS CHARDIN
GASTÃO SEIXAS
GIOVANNI ZANETTI
GUILLERME FILIPE
GYRAO
HYGINO MENDONÇA
INACIO MATSINHE
JAIME IZIDORO
JAIME MURTEIRA
JOÃO REIS
JOÃO VAZ
JOÃO VIEIRA
JOAQUIM REBOCHO
JORGE BARRADAS
JOSE JOAQUIM RAMOS
JOSE RODRIGUES
JOSE TAGARRO
JULIO POMAR
JUSTINO ALVES
LEDA SEIXAS
LLANO
LOUIS PASTOUR
LUIS JOSE P. DE RESENDE
MALANGATANA
MANUEL BENTES
MANUEL D'ASSUMPÇÃO

MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO
MANUEL DE MACEDO
MARGARIDA VIGOCO
MARIO AUGUSTO
MARIO CEZARINY
MARIO ELOY
MARIO DE OLIVEIRA
MARQUES DE OLIVEIRA
MARTINS CORREIA
MILY POSSOZ
NORONHA DA COSTA
PAUL KUNHIKOFF
PAVIA
R. SANDS
RAFAEL BORDALLO PINHEIRO
RAINHA D. AMELIA
RAFAEL ROQUE GAMEIRO
RODRIGO DE CASTRO
SERGIO TELLES
SEVERO PORTELA
SILVA LINO
SONIA DELAUNAY
SOUZA PINTO
STUART
THOMAZ DE MELO (TOM)
TOMASINI
TULIO VICTORINO
VASCONCELOS
VELOSO SALGADO
VENTURA MOUTINHO
VICTOR FORTES
VIEIRA DA SILVA
e outros das escolas Espanhola,
Francesa e Inglesa dos séc. XVII
e XVIII

● RARA COLEÇÃO DE ARMAS BRANCAS E DE FOGO E ARMADURAS, de todas as origens mundiais, de todas as épocas, incluindo raridades inexistentes nos museus nacionais e algumas d'outras por reteridas, pelo Museu da Torre de Londres. Todas as armas catalogadas para venda, estão devidamente peritadas, classificadas e avaliadas, serão postas em praça por valor muito inferior ao da avaliação, e serão vendidas PELA MAIOR OFERTA. (220 Lotes).

● MOBILIÁRIO — ANTIGUIDADES — OBJECTOS DE ARTE, donde se destaca um conjunto de cerâmica portuguesa e chinesa Companhia das Índias, pratos portugueses séc. XVIII e XIX, mobiliário D. João V e D. José e de origem francesa e inglesa, marfins e diversos indisciplináveis. (250 Lotes).

O LEILÃO REALIZA-SE AMANHÃ, 2.º-F., 3.º e 4.º-FEIRA, ÀS 21 HORAS

NOS SALÕES DO LUXUOSO

HOTEL ALTIS—R. CASTILHO N.º 11

(JUNTO À SOC. NACIONAL DE BELAS-ARTES, ESQUINA C. R. BARATA SALGUEIRO)
ESTACIONAMENTO PRIVATIVO

ENTRADA LIVRE — CATALOGO EM DISTRIBUIÇÃO — ANOTADO, PROFUSAMENTE ILUSTRADO E INDICANDO AS BASES DE LICITAÇÃO (Esc. 50500) desde hoje na n/ sede e no Hotel às horas de exposição e leilão

EXPOSIÇÃO,
RESERVA DE LUGARES
E ORDENS DE COMPRA

DOMINGO, das 15 às 19 e das 21 às 24 h
2.º-FEIRA e seguintes, das 10 às 13 e das 15 às 18 h
com início da 1.ª Sessão do Leilão às 21 h

ORDEM DO LEILÃO: 2.º-Feira, às 21 h — Pintura; 3.º-F., às 21 h — Armas; 4.º-F., às 21 h — Antiguidades.



SOC. DE LEILÕES
AV. D. JOUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Tel. PPC (9 Linhas)
512429 51478 532446

AFRAFILHOS, Lda



Peter Falk estrela de «Columbo» a transmitir no II programa amanhã às 22 horas

CRÍTICA DE TELEVISÃO

Mário Castrim

A EPILEPSIA NA TELEVISÃO

Estrego os olhos. Canta-se a *Marselhesa* no desafio de rúgbi contra os ingleses, ali temos «l'etandart sanglant». Sento-me, ainda levemente despistado. Passei pelas brasas, enquanto Hermínia Tojal recitava nos «Motivos de Poesia», debitava os versos com uma expressão que orçava o ridículo, jovial sem razão, sem razão tétrica, e até, como naquele poema (coitadinho!) de Fausto José, a lançar mão de um sentimentalismo de velar cadáveres, nem lhe faltou o movimento da saliva a passar nos gorgomilos. Brrrr!

Sim. Devo ter adormecido

nessa altura, às vezes o sono é a melhor defesa, não? A gente não está, a gente não sabe, o sor guarda!, pela minha saúde que não vi nada, eu até estava a dormir. Certo que a realidade às vezes prega-nos rasteiras, o que se chama partidas de Carnaval. Não é que, estando eu de olhos manietados no televisor, não vejo eu sobre um relógio colocado em Paris horas 2 e 55, mais conhecidas por três menos cinco? E não é que a claridade do dia sofre já de um suave branco pérola? Os jogadores deixam no campo uma sombra estirada, há sol nas bancadas,

quando Messmer se levanta para cumprimentar não sei quem, eu para agradecer aplausos adjacentes, aqui temos a bola oval ao serviço da política. um raio de sol poisa-lhe a mão no ombro como se dissesse: «Tem calma, meu filho, tem calma, tudo vai pelo melhor».

Volto a mim. Compreendo tudo. O jogo está a dar-se em diferido ou, se quisermos, em quase directo. As três horas havia futebol de Barreirense-Bele-nenses, futebol ou alguma coisa que se esforçava por isso. Cá pra mim, a intenção é tudo, o resto um acidente.

A emissão não tem história a não ser num pormenor. Que nada tem a ver com o futebol ou que o tem, no ponto em que tudo tem a ver com tudo. Foi quando o jogo acabou. A última imagem a ficar-nos nos olhos era aquela chaminé monstruosa a deltar sobre o Barreiro o inferno da poluição. Do futebol, ou seja: da ficção saltávamos para a realidade. Félix Ferreira encontrara a chave de ouro para a sua reportagem: devolvida à Terra, a inteligência do espectador fazia o seu caminho.

Já pouco antes pisáramos o terreno do nosso quotidiano. No *Caso da Semana*, com Luís Filipe Costa ao leme, a entrevistar dois médicos: Dora de Bettencourt e João dos Santos. Tema: a epilepsia.

Certamente a doutora deus numa explicação da origem da doença algo confusa para leigos. Não notoriamente por incapacidade, mas pressionada pelo tempo: viu-se obrigada a um esquema onde a movimentação se tornava difícil. Até porque não era bem isso o que estava em causa, mas sim a existência da Liga Portuguesa contra a epilepsia — uma doença de raiz fortemente

social que só em Portugal ataca cerca de 90 mil indivíduos.

A existência da Liga justificase-se pelo obscurantismo que rodeia a doença. Os indivíduos atacados por ela, enfrentam um duro isolamento, quando não a hostilidade. Há muito a fazer pelo esclarecimento da comunidade em que vive o epiléptico: a compreensão do meio social pode tornar-se num dos meios mais seguros para o seu equilíbrio, para a sua cura.

Infelizmente, como deixou bem expresso o dr. João dos Santos, a Liga luta com as maiores dificuldades. Subsídios não têm nenhuns — e não há falta de os ter pedido. Algumas entidades, mesmo, nem chegaram a responder. Possuir uma Madame Marquet é sorte que não cabe a todas as ligas...

Esvai-se lentamente o sangue de domingo. Acabará a música tempestuosa de *Dó Lá Si*, acabará para sempre a série da *Follyfoot*, com aquela jovem caçadora de arco-íris, como dizia o namorado dela, mais determinado do que nunca a manter o hospício para os cavalos velhos, acabará o futebol com a sua tremenda poluição, acabará mais um episódio infinitesimal dos *Waltons*, acabará a poesia (pouca) e a infinitíssima pseudopoesia (muita) à guarda de Couto Viana e depois será a vez do rúgbi e do Padre Teodoro que recebem duas cartas de duas meninas da Madeira, encantadoras ambas (as cartas, esclarece ele) e depois virá o *Ensaio*, com os seus músicos. O que resta, o que verdadeiramente resta, é o caso da Liga a quem ninguém liga, nada quer senão dar. Liga contra a epilepsia, liga minha irmã eu te saúdo.

PROGRAMAS DE TELEVISÃO

Da programação da semana que hoje principia e termina no dia 9, além do XI Grande Prémio TV da canção — 1974, destacamos os seguintes programas:

HOJE

I PROGRAMA

15.30 Tarde de cinema — «Hans Brinker» — A história original de Mabel Mapes Dodge levada ao cinema através de uma realização de Walt Disney.

17.55 O Mundo à Nossa Volta — Apresentação do 3.º e último programa da série «As origens da Europa» — Bizâncio.

22.05 Variedades. «Canta giro» — Um programa italiano com: Gianni Morandi, Gianni Nazaro, Adriano Celentano, Leo Ferre, Marcela, Pop Top, Renato, Rosalino, Lucia Dalla Little Ton e Cláudio Vila.

II PROGRAMA

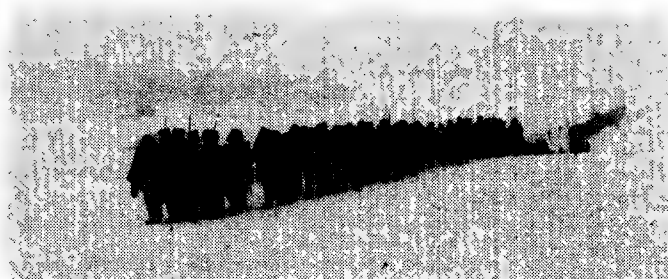
22.00 Noite de cinema — «Devagar... não corras». Realização de Charles Walters com Gary Grant e Samantha Eggar. A afluência das jogos Olímpicos de Tóquio leva a esgotar-se os alojamentos...

SEGUNDA-FEIRA

I PROGRAMA

19.45 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Andebol de Sete, resumo dos jogos do dia anterior realizados em Berlim Oriental.

22.00 «Columbo» Série policial — episódio com Peter Falk (Columbo), Henry Ford (Harry St.), Jackie Cooper (Nelson Hayward) e Richard Irving, realização de Boris Segal. «Columbo» des-



A retirada de Moscovo

cobre que por detrás dos sorrisos e da retórica de um candidato a Senador há um drama envolvendo a sua mulher Victória e a sua Secretária Linda...

TERÇA-FEIRA

I PROGRAMA

20.10 Livros e Autores — programa coordenado por Eduíno de Jesus. Notícias, entrevistas e reportagens

22.05 Noite de cinema — Início do Ciclo 3 Mestres Americanos, «Matrimónios à Venda» com Jeanne Crain, Scott Brady, Thelma Ritter e Zelo Mostel. Realização de George Cukor. Mae Swassy tem uma agência de casamentos em Nova Iorque. Vítima de um casamento fracassado e profundamente afectiva, mas procura evitar aos outros a solidão de que ela fora vítima...

QUARTA-FEIRA

I PROGRAMA

22.00 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Andebol de Sete, resumo dos jogos do dia anterior realizados em Berlim Oriental.

22.05 Histórias da Música — um programa produzido pela R. T. P., apresentação e realização de António Vitorino de Almeida

22.35 Guerra e Paz — adaptação do célebre romance de Leon Tolstoi por Jack Pulman. Pro-

dução da BBC — Realização de John Davies 16.º Episódio com Alan Dobie (Andrei), Morag Hood (Natasha), Rupert Davies (Conde Rostov), Faith Brook (Condessa Rostova), Joana David (Sonya) Sylvester Morand (Nikolai) e Judith Pollard (Olga).

II PROGRAMA

21.00 Eurovisão

Campeonato do Mundo de patinagem artística (Pares-Patinagem Livre) transmissão directa de Munique.

QUINTA-FEIRA

I PROGRAMA

20.15 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Patinagem Artística transmissão directa de Munique.

XI Grande Prémio TV da Canção Portuguesa - 1974 — transmissão directa do Teatro Maria Matos da apresentação das dez canções finalistas para apuramento da canção que representará a RTP no «Concurso Eurovisão da Canção - 1974» a realizar em Brighton, sob os auspícios da União Europeia de Radiodifusão. A primeira parte será preenchida com a actuação da brasileira Alcione e o seu conjunto. Orquestra de Variedades da Emissora Nacional sob a Direcção de Thilo

SEXTA-FEIRA

I PROGRAMA

22.00 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Andebol de Sete, resumos dos jogos do dia anterior realizados em Berlim Oriental.

SÁBADO

I PROGRAMA

14.05 Dó Lá Si — um programa musical com Pierre Perret, Varel e Bailly, Severine, Alain Barriere, Rika Zarai e Adamo. Apresentação de Maria José Guerra.

17.35 Eurovisão — Campeonato da Europa de Atletismo, transmissão directa de Goeteborg (Suécia).

22.05 Noite de Estrela — um filme baseado no romance «CAT OF MANY TAILS» de Eilery Queen com Peter Lawford, Harry Morgan e E. G. Marshall, realização de Barry Shear.

II PROGRAMA

22.00 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Patinagem Artística (Patinagem Livre Senhores), transmissão directa de Munique.

TV INFANTIL

Dedicada aos pequenos espectadores da nossa TV, a rubrica TV Infantil, coordenada por Maria do Sameiro Souto, apresenta esta semana três edições. A primeira a transmitir, logo pelas 16 e 55, a segunda na quarta-feira, pelas 19 e 45 e a terceira na 6.ª-feira, também no mesmo horário.

Estas duas últimas edições serão preenchidas com filmes da série inglesa «As Aventuras do Alecrim».

Quinta-feira

TUDO A POSTOS PARA O FESTIVAL DA CANÇÃO

O XI Grande Prémio TV da Canção está à porta. É já na próxima quinta-feira que vão desfilhar os *smokings* pelo Maria Matos. A ansiedade é natural, tanto mais que a RTP completa, na mesma data, mais um aniversário...

Aí temos, portanto, mais um acontecimento televisivo onde as canções servirão de pretexto para a participação portuguesa noutro acontecimento internacional: o Festival Europeu da Canção, que em Abril se realizará em Brighton.

Assim — dada a importância do evento — todos andam nervosos. Autores, técnicos, responsáveis... Quem será o vencedor da importante competição? Quem ganhará o prémio? A quem sairá o número da bola?

Para já, podemos garantir que os trabalhos vão adiantados. A montagem geral da cenografia e da parte técnica foi iniciada no dia 23, tendo sido concluída a 26 de Fevereiro. De hoje até ao próximo dia 5, haverá ensaios, sendo a orquestra dirigida por Thilo

Krassman, cuja ascensão se torna cada vez mais notada. No próximo dia 6, haverá uma reunião com a Imprensa: autores, intérpretes e orquestradores (todos vestidos) vão estar presentes, sendo destinado um período para fotografias, com todos os artistas presentes no palco e a orquestra no local de actuação.

Alcione e «Rio 40 graus»

Quanto aos prémios será atribuído às canções não classificadas nos primeiros lugares um prémio para cada um de 7500 escudos; a canção vencedora valerá aos seus autores 35 mil escudos, a segunda classificada será objecto de um prémio de 20 mil escudos; e, finalmente, a terceira dará direito a quinze mil.

Estará em Lisboa, como artista convidada, a brasileira Alcione, que traz o seu conjunto privativo «Rio 40 Graus».



NÃO PERCA DURANTE A SEMANA

● TELEVISÃO

HISTÓRIAS DA MÚSICA

António Vitorino de Almeida está no pequeno «écran» na quarta-feira, pelas 22.05, com as suas Histórias da Música, um inteligente programa que conquistou já uma larga audiência entre os espectadores televisivos.



GRANDE PRÉMIO DA CANÇÃO

Na quinta-feira a televisão portuguesa insere na sua programação dois acontecimentos musicais merecedores de interesse, diverso embora e oriundo de diferentes camadas de espectadores. Assim, aí está o XI Grande Prémio da Canção Portuguesa, pelas 22 horas. E pelas 19.45, Povo Que Canta, um programa de Michel Giacometti.

● CINEMA

BOUDU QUERIDO

Jean Renoir, um grande nome da história do cinema, realizou em 1932, Boudu, para o espectador lisboeta que vive em 1974 (pelo menos as camadas com possibilidades económicas de acesso a uma sala de cinema estúdio) ir ver ao Satélite. Um filme anarquista onde sobressai a espantosa criação do actor Michel Simon. Uma linguagem simples, da clareza das palavras e dos gestos, a ternura e a ironia de mãos dadas. Não sendo este o cinema necessário, é neste momento a criação cinematográfica mais importante em exibição na capital. 18 anos.

LÁGRIMAS E SUSPIROS

Se Renoir filma a anarquia, Ingmar Bergman é um excremento metafísico da burguesia no cinema e um dos seus grandes mitos

contemporâneos. No Apolo 70, não admira que vá já na 17.ª semana de exibição. Campo Pequeno, 18 anos.

AMOR LOUCO

André Delvaux constrói o menos interessante dos seus filmes. As obsessões do escritor Mathieu, as suas flutuações entre o real e a ficção. Estúdio, Alameda. 18 anos.



● MÚSICA

No Coliseu dos Recreios, a FNAT, e a Flemko Internacional apresentam a New Philharmonia Orchestra. Maestro: Lorin Maazel. Solista: Sérgio Varela-Cid. Requiem VERDI. Maiores de 10 anos.

● EXPOSIÇÕES

GALERIA GULBENKIAN

Após ter apresentado parte da obra de um grande artista português, Abel Salazar, a Galeria Gulbenkian abre as suas portas para outro importante acontecimento artístico: «100 Desenhos Europeus do Museu de Arte Moderna, uma organização do Museu Nacional de Arte Moderna, em Nova Iorque».

Nesta exposição figuram obras de grandes nomes da pintura universal: Cézanne, Chagall, Chirico, Dali, Giacometti, Juan Gris, Kandisky, Paul Klee, Matisse, Léger, Picasso, Rodin, Severin, Kokoschka, Modigliani, Rouault, etc. É uma exposição para o leitor visitar obrigatoriamente. Avenida de Berna.

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

Até 28 do corrente mês, Fernando de Oliveira expõe na Galeria de Arte Moderna, da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

PRISMA 73

Inácio Matsinhe expõe vinte óleos africanos. Disse



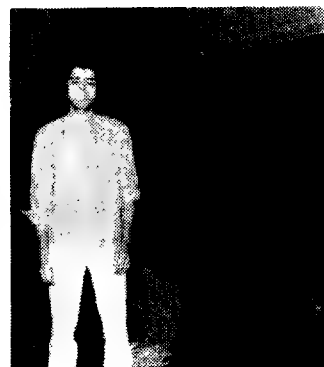
Urbano Tavares Rodrigues: «O que ele nos propõe é já África, a inocência da África, a sua alegria e o seu medo, as pessoas que não conhecem o mal, pelo menos segundo o código europeu».

QUADRANTE

A primeira exposição individual do artista nortenho João C. Martins, na cidade de Lisboa. Na Galeria Quadrante.

● TEATRO

A CEIA



Numa antiga fábrica de cervejas, o grupo Comuna — Teatro de Pesquisa, prossegue os seus espetáculos de criação colectiva. 14 anos. Avenida Almirante Reis, 115 - A.

A ILHA DOS ESCRAVOS E A HERANÇA

De Marivaux, pelo teatro da Cornucópia. Encenação de Jorge Silva Melo. No Mayer Cinema.

● ÓPERA

Teatro Nacional de S. Carlos. Às 16.30, 3.º Concerto da Tarde: Martti Talvela (baixo) e Irwin Cage (piano).

● SESSÕES NO PLANETÁRIO GULBENKIAN

Se está interessado em observar os mundos infinitos que existem para além deste nosso planeta minúsculo, se está interessado em viajar através do Cosmos sem ter necessidade de sair da mesma cadeira, vá assistir às sessões do Planetário Gulbenkian.

Hoje, domingo, pelas 16 horas exibir-se-á o filme «A Máquina do Tempo». A Medição do Tempo. O Calendário. E às 17 horas, «O Planeta e o Cosmos» — uma breve revista através do Planetário.

No próximo sábado, igualmente às 16 horas, e às 17.30, «Os Caprichos da Deusa Isis — O Sol e a Lua», e «O Planetário e o Cosmos».

No domingo o programa voltará a ser o mesmo, mas antes, na quarta-feira, haverá às 15.30 e 16 horas, sessões especiais dedicadas a estudantes. Chegou a tempo. Depois do início das sessões não é permitida a entrada.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Martins, Rodrigues e Rosa, Lda., «Café Rosa» - S. MARTINHO DO PORTO

DISCOS

OS DEZ MAIS

LONDRES, 3 — (R) — Com o número de «rock» «Devil Gate Drive», o seu quarto grande êxito, Suzi Quatro, a cantora que actua vestida com um traje de cabedal, continua no topo dos «dez mais» de Londres e parece ser uma das poucas vedetas do sexo feminino a ter um sucesso tremendo há anos na Grã-Bretanha.

Como acontece com tanta frequência, o seu êxito parece limitar-se, pelo menos de momento, a este país. O disco não aparece ainda nas outras tabelas mundiais.

Suzi Quatro, que foi criada em Detroit, tem ainda de apresentar o disco nos Estados Unidos, onde na posição cimeira da tabela se encontra presente Barry White e a Love Unlimited Orchestra com «Love Theme».

Esse acetato está também a subir lentamente na tabela britânica, por causa sem dúvida da grande campanha de publicidade feita durante a recente actuação de White nesta capital.

A seguir os «top ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES:

- 1 (1) «Devil Gate Drive»: Suzi Quatro
- 2 (10) «Jealous Mind»: Alvin Stardust
- 3 (4) «Wombling Song»: Wombles
- 4 (13) «The Air That I Breathe»: Hollies
- 5 (2) «Tiger Feet»: Mud
- 6 (20) «Rebel Rebel»: David Bowie
- 7 (3) «The Man Who Sold The World»: Lulu
- 8 (9) «Love Theme»: Love Unlimited Orchestra
- 9 (5) «Solitaire»: Andy Williams
- 10 (24) «You're Sixteen»: Ringo Starr

HONG KONG:

- 1 (1) «Sunshine Lover»: The Wynners
- 2 (2) «Crying In The Rain»: Marty Kristian
- 3 (5) «Hello It's Me»: Todd Rundgren

- 4 (3) «Theme From Lost Horizon»: Samuel Hui
- 5 (10) «You Won't Find Another Fool Like Me»: New Seekers
- 6 (4) «Goodbye Yellow Brick Road»: Elton John
- 7 (8) «When I Fall In Love»: Donny Osmond
- 8 (6) «There Ain't No Way»: Lobo
- 9 (7) «Time In A Bottle»: Jim Croce
- 10 (11) «Riverboat Queen»: Springfield Revival

NOVA YORK:

- 1 (2) «Love's Theme»: Love Unlimited Orchestra
- 2 (6) «Seasons In The Sun»: Terry Jacks
- 3 (3) «The Way We Were»: Barbra Streisand
- 4 (5) «Boogie Down»: Ed Kendericks
- 5 (8) «Spiders And Snakes»: Jim Stafford
- 6 (1) «Americans»: Byron MacGregor
- 7 (7) «Until You Come Back To Me»: Aretha Franklin
- 8 (10) «Rock On»: David Essex
- 9 (4) «Let Me Be There»: Olivia Newton John
- 10 (11) «Doo Doo Doo Doo Doo (Heartbreaker)»: Rolling Stones

BONN:

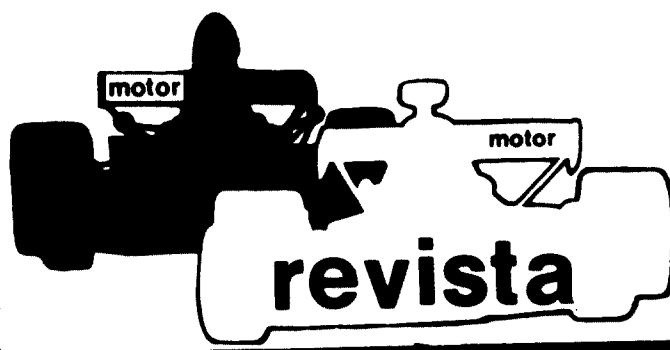
- 1 (1) «Teenage Rampage»: Sweet
- 2 (2) «I'd Love You»: Lobo
- 3 (6) «Daudreamer»: David Cassidy
- 4 (5) «This Flight Tonight»: Nazareth
- 5 (12) «My Voo-Ca-Choo»: Alvin Stardust
- 6 (4) «Daytona Demon»: Suzy Quatro
- 7 (3) «Radar Love»: Golden Earring
- 8 (7) «Der Kleine Prinz»: Bernd Cluever
- 9 (10) «Truck On Tyke»: T. Rex
- 10 (14) «Kansas City»: Les Humphries Singers

AMSTERDÃO:

- 1 (4) «The Air I Breathe»: The Hollies
- 2 (1) «Dyna-Mite»: Mud
- 3 (2) «Kior»: Gerard Hoeber
- 4 (7) «Jambalaya»: Carpenters
- 5 (3) «Den Uyl Is In De Olie»: Vader Abraham - Boer Koekoek
- 6 (8) «Je T'Aime, Moi Non Plus»: Jane Birkin - Serge Gainsburg
- 7 (6) «Dirty Ol'Man»: Three Degrees
- 8 (5) «Kiele Kiele Koewit»: Farce Majeure
- 9 (20) «Peaches On A Tree»: Nick Mackenzie
- 10 (22) «Never, Never Gonna Ya Up»: Barry White

A CARRIS comunica ELEVADOR DO LAVRA

A fim de ser mudado o Cabo de Tracção, este Elevador não funciona na parte da manhã do dia 5 do corrente.



No Mayer Cinema — Terraço do Capitólio
(Telef. 32 74 93)

teatro da Cornucópia

A ILHA DOS ESCRAVOS e A HERANÇA de MARIVAUX

Esp. Subs. Fundação Gulbenkian

Grupo C - 14 anos

Hoje e todas as noites às 21.30 horas

ÁRIES

(Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Excelente período em que terá oportunidade de realizar algumas das suas belas ambições. Qualquer mudança ou alteração que pretender introduzir na sua vida sentimental terá bom acolhimento. O período estimula ao amor, à tranquilidade e às amizades.

DINHEIRO: Os seus assuntos de ordem financeira estão bem protegidos durante esta semana. Alta propicia para fazer boas aplicações de capital ou solicitar algo de que necessite.

PROFISSÃO: A posição profissional está sob influências favoráveis mas, para que atinja a sua plenitude necessita de usar de bastante método. Se as circunstâncias lhe depararem uma viagem, não hesite em realizá-la.

SAÚDE: Evite os excessos alimentares. A abstinência é a medida que deve adoptar.

TAURUS

(Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: À medida que a semana for progredindo, os seus interesses familiares e amorosos se encaminharão no sentido das suas ambições mais queridas.

DINHEIRO: Observa-se pequena subida financeira. Se anda a pensar em dar qualquer passo ou fazer qualquer tentativa no intuito de conseguir dinheiro ou maiores lucros, a altura é oportuna para agir.

PROFISSÃO: Favorável ao bom desenvolvimento da sua vida profissional. As viagens de negócios estão sob bons auspícios. O momento é propício para cuidar de negócios alheios e administrar empreendimentos comerciais.

SAÚDE: A saúde reclama o seu interesse e cuidado. Próximo ao final da semana, use de precaução contra as inflamações no peito e na garganta.

GEMINI

(Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Os assuntos de coração estão sob boas influências neste espaço de tempo. Aproveite o ensejo para se declarar ou dar um passo em frente nas suas aspirações de amor. As condições de família e os interesses domésticos dar-lhe-ão satisfação e bem-estar.

DINHEIRO: No plano financeiro torna-se necessário raciocinar com lógica para assim poder chegar a bom termo com os seus projectos.

PROFISSÃO: O seu trabalho, nesta altura, será bastante absorvente e os dias parecer-lhe-ão demasiado longos. Em tudo quanto se refira a negócios e a assuntos ligados à sua profissão será preciso perseverança e confiança nos próprios esforços.

SAÚDE: O aspecto referente à saúde é benigno, por conseguinte qualquer alteração ao seu estado físico é passageiro e sem consequências de maior.

CANCER

(Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Os seus desejos e as suas esperanças efectivar-se-ão. A influência de Vénus reflectir-se-á favoravelmente nos problemas da sua vida privada que tenha de resolver neste período. Do convívio familiar, das relações de amizade e da vida em sociedade retirará prazer e felicidade.

DINHEIRO: Conseguirá alguma melhoria, mas não é o momento para fazer despesas extraordinárias.

PROFISSÃO: O momento é mais para

gozar das delícias da vida social do que para resolver os seus problemas profissionais confiando na sua própria intuição. No entanto, esforce-se por cumprir o melhor possível a sua missão.

SAÚDE: Haverá alguma ansiedade e impaciência, e por isso deverá ter o máximo de repouso, físico e mental.

LEO

(Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: A sua disposição neste círculo de tempo é confiante, honesta, simpática, e idealista. Oportunidades para melhorar a sua posição social e tratar de casos importantes em relação ao ser amado ou a quaisquer problemas que pretenda resolver e que se prendam com este sector.

DINHEIRO: Tempo benéfico para realizações financeiras. Consagre-se aos seus negócios e siga apenas a sua ideia, porque a sorte sorrir-lhe-á. Favorável a viagens.

PROFISSÃO: Favorece as iniciativas pessoais, qualquer que seja a natureza das suas ocupações. Novas oportunidades surgirão, pondere-as devidamente e depois dê-lhe desenvolvimento.

SAÚDE: Não abuse das bebidas, nem das comidas demasiadamente apuradas, a fim de não sofrer de perturbações gástricas. Faça exercício.

VIRGO

(Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: A vida amorosa e o ambiente familiar não se apresenta muito lison-

jeiro; acontecerá que alguém virá perturbar a harmonia da sua vida sentimental através da difamação.

DINHEIRO: Semana de pouco merecimento em matéria de finanças. Como tal, convém não dar largas aos gastos.

PROFISSÃO: O momento não é propício a novos campos de acção fora do seu âmbito profissional. Mesmo no seu emprego ou nas suas ocupações habituais terá de ter cuidado a fim de não passar por situações aborrecidas ou críticas.

SAÚDE: Pequenas enxaquecas. Use de cuidado a fim de se resguardar de ferimentos que ameçam surgir.

LIBRA

(Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Os acontecimentos neste campo não vos favorecem durante este período, pois há tendência a surgirem mal-entendidos na família e com a pessoa amada. Atenção aos movimentos desonestos de algumas pessoas.

DINHEIRO: As suas esperanças não se realizarão totalmente, e algum progresso que conseguir obter será um pouco abaixo dos seus desejos.

PROFISSÃO: Dê a devida atenção aos seus deveres e responsabilidades que possam pesar sobre os seus ombros, a fim de não praticar erros ou tomar atitudes difíceis de remediar. Não se isole nos seus problemas e reprima a abstinência.

SAÚDE: Não deixe os nervos dominarem a razão. Procure a vida calma e fuja das multidões.

SCORPIUS

(Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Uma semana que deverá ser passada sob o signo do silêncio e da serenidade. Não expanda exuberantemente os seus sentimentos e procure viver no sossego e na quietude, fazendo o possível por não se colocar em evidência.

DINHEIRO: Das empresas a que deitar mão tirará bons frutos com resultados à vista. Embora animado desta boa influência, não deve apesar disso, dar largas aos seus gastos pessoais.

PROFISSÃO: A altura é de progresso na profissão. O que empreender nesta ocasião terá sucesso. O período é indicado para agir e tomar novas responsabilidades.

SAÚDE: As suas influências astrais para a corrente semana não se apresentam muito propícias. Por isso, tome cuidado com a saúde.

SAGITTARIUS

(Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Período em que todo o cuidado não será de mais com as amizades, pois corre perigo de falsidades que procurarão atingir a sua reputação. Afaste-se das amizades suspeitas. Poderá perfeitamente evitar complicações importantes, desde que saiba agir com sensatez, e dominar a sua impulsividade natural.

DINHEIRO: A semana é fraca em matéria de dinheiro. O que auferir dificilmente cobrirá as despesas que terá necessidade de efectuar.

PROFISSÃO: Não sairá bem dos empreendimentos novos, nem os seus esforços com o fim de operar mudanças na sua vida terão êxito. Siga com o labor que tiver iniciado. Os projectos em estudo requerem ponderação e melhor oportunidade para serem postos em prática.

SAÚDE: Desfavorável, há possibilidades de males do estômago ou lesões nos membros superiores.

CAPRICORNUS

(Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: A boa disposição de que dará mostras durante esta semana, muito contribuirá para conquistar facilmente amizades, e causará muito boa impressão no círculo das suas relações.

DINHEIRO: Explore eficazmente as facilidades que se lhe depararem neste período e experimentará uma melhoria na sua vida económica.

PROFISSÃO: Os assuntos profissionais decorrerão bem. Um aspecto poderoso lhe permitirá tirar proveito de

todas as oportunidades; os seus negócios prosperarão expandindo-se. Trate dos seus problemas pendentes e terá êxito.

SAÚDE: Os males a temer durante esta semana são os ligados a perturbações no sistema articular.

AQUARIUS

(Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Sob este aspecto a semana para si, apresenta-se um pouco mais convidativa. Colabore com os seus e terá bons entendimentos e felicidade. Nos assuntos puramente amorosos proceda de maneira mais requintada.

DINHEIRO: Obterá uma certa melhoria através da sua actividade, as vantagens podem-lhe advir, também, pela acção de terceiros. No entanto, reprima a tendência aos gastos superfluos.

PROFISSÃO: A maioria das suas actividades rotineiras goza de bons aspectos. O progresso profissional será mais rápido enquanto se fizer sentir esta influência. Haverá boa inspiração para coisas de arte.

SAÚDE: As indisposições que porventura sentir durante este período, serão devidas principalmente ao seu estado de espírito.

PISCIS

(Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Nos acontecimentos desta semana em referência a este sector da sua vida, conte com contrariedades e mal-entendidos com o seu amado. As relações com a família e com as amizades também não lhe proporcionarão ventura.

DINHEIRO: Os proventos terão a mesma toada. Não conte com aumento, e evite as despesas desnecessárias.

PROFISSÃO: Viva-a o mais calmamente que lhe for possível. O mais pequeno descuido pode ocasionar situações embaraçosas para a sua vida profissional.

SAÚDE: Conte com algum nervosismo colicas e mal-estar geral, embora sem consequências graves.



ATLANTICA LINE

Serviço semanal totalmente contentorizado para USA e Canadá.

«ATLANTICA GENOVA»
11/3/74

NEW YORK / BOSTON /
BALTIMORE / NORFOLK

«ATLANTICA MONTREAL»
18/3/74

NEW YORK / BALTIMORE /
ST. JOHN / MONTREAL / TORONTO

Recepção de carga em contentores todas as sextas-feiras no Parque de Contentores da Matinha.

Tempo do percurso Lisboa/New York 6,5 dias.

Aceitam passageiros.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 80 56 / 36 22 86
Lisboa 2 Portugal

MORADIAS MODERNAS

ALCABIDECHÉ

A 700 metros do centro de Alcabideché, sentido de Sintra. Lugar grande futuro. 5 assoalh., cozinha toda equip., garagem, jardim, etc. Trata o próprio. Telef.: 241568 ou 28573.

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS COTAL

Serviço Oficial TOYOTA

Rua Artilharia Um, 105-A
Rua do Lusíadas, 113-A
Telefs. 683131/2/3
Telefs. 631057/8

Serviço Independente

MERCEDES
BMW
ROVER
VOLVO
MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS

UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA



CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados. EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segunda a sexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

construa o ambiente que merece

moveis por elementos Lm suavizam a falta de espaço
Leticia Moderna Sul de Tejo, L.
R. Candido dos Reis, 47 51 e 51 (a rua dos Bombeiros Junitárias) CASILAS

Sociedade Comercial dos Restauradores

S. A. R. L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Fica por este modo convocada a Assembleia Geral Ordinária da sociedade, para se reunir na sede social, no próximo dia 26 do corrente mês, pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª - Deliberar sobre o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1973;

2.ª - Prover ao preenchimento de uma vaga no Conselho de Administração.

Lisboa, 1 de Março de 1974.

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL.

O Presidente

a) Jorge Manuel de Andrade Mota

HOSPITAL MILITAR PRINCIPAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

CONCURSO PÚBLICO N.º 1/74

Faz-se público que, no Conselho Administrativo deste Hospital, se encontra aberto Concurso para as Empresas da Especialidade apresentarem propostas para a Reorganização Administrativa e Contabilística dos Hospitais Militares de Lisboa.

As propostas devem dar entrada até 16 horas do dia 30 de Abril de 1974, sendo abertas no dia seguinte, à mesma hora.

O Caderno de Encargos pode ser consultado no C. A. deste H. M. P. das 9 às 12 e das 14 às 16 horas, de segunda a sexta-feira.

A BEM DA NAÇÃO

O Presidente do C. A.

José Roberto Arrobas da Silva Ten. Cor. do S. A. M.



SPORTING DE CHAPÉU ALTO

Por NEVES DE SOUSA

SPORTING: Damas; Manaca, Bastos, Alinho e Carlos Pereira; Nelson, Vagner e Baltasar; Marinho (Chico), Yazalde (Dé) e Dinis.

CUF: Conhé; José António, Américo e Esteves; Vítor Pereira, Vítor Gomes (João Pedro) e Manuel Fernandes; Arnaldo, José Domingos e Juvenal.

Arbitragem do aveirense Joaquim Freire.

Simple como água cristalina: bastou ao Sporting carregar um pouco mais no acelerador (mas apenas durante 10 minutos) para a C.U.F. ficar por terra, irremediavelmente batida em antecipações e em «sprints», em lançamentos e em endosses, afinal em todas as particularidades do jogo.

Mais bem definido: cufistas sem defesa (quebrada pelos rins, incapaz de se voltar para uma recuperação), média totalmente titubeante e de braços caídos, ataque inexpressivo, aos solavancos, escravizado ao seu próprio convencimento de que não valeria a pena lutar contra tal combatente.

O Sporting, eufórico pelo «brinde», não esteve com meia medidas: aviou seis golos e ficou a dever ao seu público quase outros tantos. E, verdade se diga, com Yazalde equidistante dos 90 minutos, isso seria mais que certo e sabido. Porém, com o ainda inexpressivo brasileiro Dé no centro das operações, o marcador passou a viver espalhado nos pessoais e na sofreguidão do ex-Vasco da Gama, capaz de comer duas ou três bolas em cada lance mas, realmente, incapaz de progredir em termos de se ver: e, depois de contornar um «back» disparar com aquela fúria e ralé que caracteriza (por exemplo) o seu companheiro de continente, que é goleador dos pés à cabeça.

Táctica

Perto de 2100 contos já o Sporting (de João Rocha) ofereceu de prémios ao Sporting (de Mário Lino). A verdade é que, com esta «táctica», não há muita gente que resista às garras do leão...

Os ciganos não gostam de bons princípios nos filhos: e o Sporting, assim o comprovando, andou um pouco tremido nos lances de arrebita, de contacto, de apresentação. Baltasar chegou (mesmo a fazer mal um lançamento lateral o que é imperdoável em profissional caro e de «team» graúdo. E, como Arnaldo burlava Carlos Pereira e Bastos, encostando-se à linha da esquerda, os verdes da casa passaram por amargos de boca até ao quarto de horinha.

Todavia, o sacudir da pressão veio com o início da galopada frenética que caracterizou o desbatar das hostes de Caiado: pé no acelerador e C.U.F. partida em quatro pedaços, mesmo com o guarda-redes Conhé a ser arrastado na onda e a ficar igualmente por terra.

Dinis (brincando sobre a relva) era um puro quebra-cabeças. Yazalde lancetava toda a defesa antagonista. Vagner, por seu turno, tornava-se (a breve trecho) o maestro da grande orquestra. E os golos, com trivialidade, foram surgindo, embora Manuel Fernandes tivesse raspado o postê esquerdo de Damas e o «internacional» número 1 de Alvalade fôsse obrigado a mergulhar por duas vezes (sempre aos pés de Juvenal) para escamotear o esférico.

Mas os golos, como íamos.

dizendo, pareciam cerejas: um após outro, sem salpicos picantes nem mostarda nos lábios.

Golos

E aconteceram: aos 25 minutos, Nelson lança Yazalde, o argentino falha o primeiro toque mas emenda e chuta, de tal modo que o guarda-redes apenas sacode, em palmada, para os pés de Dinis que não teve estorvo para rasgar a cortina.

Dois-zero: 120 segundos mais tarde, duas fintas de Dinis e imparável cabeça de Yazalde. E, aos 32, o resultado da primeira face: 3-0. Centro de Marinho, o pesado Conhé fica no meio do salto e Yazalde recarga fulminantemente. Toda a gente fica sossegada, nas bandadas da loja sportingue: a C. U. F. era um simples cordeiro, destroçado por mandíbulas assassinas. A absoluta supremacia dos «leões» (Vagner, Bastos, Carlos Pereira, Yazalde, Dinis e Marinho, como maiores) era facto incontroverso.

Golpe

Na segunda faixa do despique, Chico surgiu em lugar de Marinho, o que pode ter sido erro do técnico Mário Lino, uma vez que o homem a recolher à cabina teria de ser (sempre) Dinis. Não porque estivesse na mó de baixo. Antes pelo contrário, como se explicou. O caso é que o «escurinho» não pode defrontar o Zurique neste golpe da «Taça das Taças», que está a bater à porta. O castigo da U. E. F. A. impede-o de comparecer no despique de abertura: justificava-se, portanto, que estando o Sporting em triunfo, o jogador a alterar tivesse sempre de ser o angolano e nunca Marinho. Critérios, porém: e cada qual sabe as linhas com que cose as suas mantas.

Bem: o certo é que o Sporting logo fez 4-0. Aos 54 minutos, toda a defesa cufista ficou grudada ao solo, a ver Dinis atirar um canto com peso e medida e, depois, a espreitar Yazalde ir lá a cima cabecear sem dó nem piedade. Irrefutável.

O 5-0 nem demorou sete minutos. Vagner ensariou toda a rotineirazinha dos cufistas e vem por ali, bola colada às botas, como uma serpente a adormecer um pardalito de ninho. Dá para Yazalde, o argentino devolve e o luso-brasileiro não esboça o menor gesto de perdão.

Há, nesse instante, todo um retraimento sportingue: Dé entra no relvado (talvez a pedido dos sócios de Alvalade) mas isso implicou (no processo tático de Lino) a saída de Yazalde. E o 6.º golo aparece porque tem mesmo de desportar: fá-lo Dinis, em chute rasteiro e oblíquo, face a um majestático Conhé, encandeado pela luz ou impotente pela fraqueza da dupla central que parecia manteiga a derreter-se ao sol.

Dé: sim ou não?

Digamos, desde já e para

que conste, que não encontramos em Dé a «madeira» que caracteriza os fora-de-série: mas também Yazalde demorou a confirmar o seu valor, dirão os calmos juizes do «leão». Tal como então, não me parece que o brasileiro esteja a funcionar com serviço pleno para as suas faculdades: ele não é (como se diz em gíria de pugilismo) um «pegador». Recebe e faz tabelinhas e recreia-se com a bola: logo, não é, não pode ser nunca um finalizador, porque não tem corpanzil para a luta de pé em riste nem poder de elevação para ir às alturas disputar a bola que vem

a pingar sobre a sua jurisdição.

No restante, já explicámos como sucedeu: C. U. F. absolutamente de rastos, irremediavelmente, pardacenta e amorfa, sem mais ninguém a querer remar contra a maré que Arnaldo ou Manuel Fernandes, enquanto estiveram em campo. Explicámos: é que Arnaldo andou por lá até ao último silvo de Joaquim Freire mas na peneira da última meia hora apenas resta um baixinho de braços.

Moralizado (e de algibeira cheia) este Sporting é um bico-de-obra. Vamos a ver, agora, como será perante o Zurique.

VITÓRIA DE SETÚBAL, 6 LEIXÕES, 1

O REGRESSO

O Vitória regressou, ontem à noite, à boa forma que o caracterizou durante muito tempo. Na verdade, desde que José Augusto tomara conta do «onze» setubalense, ainda não acontecera uma boa exibição da turma, com a conquista dos golos necessários para traduzir a elegância do seu jogo. Aconteceu ontem: e, para isso, muito terá contribuído o seu adversário.

Na verdade, o Leixões foi o antagonista ideal para o tão desejado regresso: primeiro, porque nunca pôs em dúvida a vitória dos donos da casa; segundo, porque actuou por forma a facilitar o desdobinar constante dos ataques setubalenses.

O Leixões foi, por isso, o adversário ideal para o afinar de conjunto, antes da partida para Estugarda.

Começou cedo o ascendente vitoriano: logo que o árbitro (o lisboeta Maximino Afonso) apitou para o prélio principiar, os

homens da camisola verde instalaram-se no meio campo adversário, com Carriço a apoiar excelentemente o seu ataque e Matine a tomar conta da zona fulcral: não admira, por isso, que Duda (logo aos 15 minutos) tenha inaugurado o marcador.

O tento não fez «arrefecer» a máquina vitoriana, em boa verdade empenhada numa exibição que deixasse muitas esperanças quanto ao duelo da próxima 4.ª-feira. E foi assim que os ataques se multiplicaram: para, à meia hora, José Maria emendar da melhor ma-



Vitória de Setúbal ao ataque

ENCONTROS DE HOJE

Disputa-se hoje a segunda etapa da ronda número 22 do Nacional da 1.ª divisão; a primeira cumpriu-se ontem, à tarde e à noite, conforme relatos que publicamos neste número. Para hoje, o programa é o seguinte: Vitória de Guimarães-F. C. do Porto, Benfica-Montijo, Académica-Farense, Olhanense-Oriental e Boavista-Beira Mar.

Futebolisticamente falando, este domingo é ainda animado com os jogos da quarta eliminatória da «Taça de Portugal», que tem um cartaz de duas faces. Entre clubes da 2.ª divisão nacional: Sporting de Braga - Portimonense, Penafiel - Salgueiros e Sintrense - Atlético. Entre clubes da 2.ª e 3.ª divisões: Sporting de Leiria - Paços de Brandão, Ovarense - Famalicão e Lourosa - Portale-

grense só com clubes da 3.ª divisão: Desportivo de Beja - Avintes e Esperança de Lagos-Juventude de Évora.

Por seu lado, para o nacional da 2.ª divisão enfrentam-se, na partida em atraso do calendário, Marítimo e Alhandra. E o nacional do 3.º escalão acerta as agulhas com outros embates: Vianense - Valpaços, Campomaiorense - Amiense, Seixal - Vasco da Gama e Sambrasense - Alcochete. Uma curiosidade: a turma de Valpaços deve alinhar, por força dos regulamentos, exclusivamente com oito jogadores, porque terá de apresentar em campo apenas elementos que já tinham participado no embate anulado e agora repetido. Como já passou bastante tempo e o Valpaços, entretanto, dispensou vários futebolistas e tem outros castigados, acontece este insólito...

BASQUETEBOL

Resultados dos jogos ontem à noite disputados, a contar para o metropolitano da 1.ª Divisão de basquetebol: Vasco da Gama, 59 - CUF, 74; Académica, 103 - Ginásio Figueirense, 78; Sporting, 94 - B. P. M., 52.

A 14.ª jornada completa-se hoje à tarde com os jogos Barreirense - Sangalhos e Alagés - Benfica, no Ginásio do Barreirense e Pavilhão da Luz, respectivamente, ambos a partir das 17 e 30 horas.

Para o Campeonato Nacional Feminino da I Divisão, Zona Norte, a Académica de Coimbra bateu o Ginásio, por 71-26

neira um centro de J.J. despedido da esquerda e que Alberto havia socado em voo. Com 2-0 no marcador, o intervalo chegou, renascendo a esperança de continuarmos a ver a turma de José Augusto a carburar dentro do mesmo número de rotações.

A expectativa não foi iludida, pois a substituição operada no Leixões (saiu Jorge Félix, entrando Gentil) em nada veio alterar o «retrato» do encontro. Aos 9 minutos da segunda parte Duda aumentou para 3-0, entrando-se depois num período de reacção leixouense: que, no entanto, nenhum fruto deu.

Deste modo, foi só perto do último quarto de hora que o marcador sofreu alteração: aos 30 minutos, J.J. trabalhou excelentemente no lado esquerdo, deixando a bola na zona central. Câmpora foi lá, driblou um contrário e, quando atirou para a baliza, já estava deserta. Cinco minutos depois, o mesmo Câmpora aproveitou da melhor maneira um deslize do guarda-redes adversário, para fazer o 5.º tento da sua equipa, reduzindo o Leixões quatro minutos depois por intermédio de Horácio. Quando se esperava pelo apito final, Octávio ainda conseguiu o sexto tento da sua turma.

Ao fim e ao cabo, o Vitória de Setúbal regressou aos seus belos tempos. Pelo menos, ontem deu ideia disso. Veremos se Estugarda o confirma...

Arbitragem (aceitável) de Maximino Afonso, de Lisboa. O Vitória alinhou com Joaquim Torres; Rebelo, Cardoso, J. Mendes e Carriço; Octávio, José Maria (depois Amâncio) e Matine; Câmpora, Duda (depois Vicente) e Jacinto João. O Leixões: Alberto; Montoia, Adriano, Raul e Teixeira; Henriques, Eliseu e Jorge Felix (depois Gentil); Vaqueiro (depois Cacheira), Horácio e Esteves.

ORLANDO DIAS AGUDO

CLASSIFICAÇÃO

SPORTING	36
Benfica	33
F.C. Porto	33
V. Setúbal	33
Belenenses	25
V. Guimarães	24
Farense	20
C.U.F.	20
Barreirense	17
Boavista	16
Académica	16
Olhanense	16
Beira-Mar	14
Oriental	13
Leixões	13
Montijo	13

REUNIU O CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL

ELEITOS OS NOVOS DIRIGENTES

Vinte e uma Associações de Futebol (17 que chegaram a horas e retardatárias repescadas: Angra do Heroísmo, Castelo Branco, Coimbra e Leiria...) elegeram ontem, em Congresso, no salão mais ofuscante da Praça da Alegria, o novo elenco federativo. Caso curioso: dois nomes indicados pelo Belenenses (o dr. António Marques e o juiz desembargador dr. Gouveia da Veiga) acabariam por ser os únicos futuros dirigentes com cortes sobre as suas citações nas listas. Mas, vamos contar como foi.

Futebol político

O dr. Leite Faria a presidir porta aberta às 14 horas, a direcção da F.P.F. em peso: resistente até ao termo do mandato. Na sala, representantes de Aveiro (33 votos), Braga (26), Évora (10), Faro (23), Funchal (4), Guarda (6), Guiné (2), Horta (2), Lisboa (53), Moçambique (9), Ponta Delgada (2), Portalegre (5), Porto (46), S. Tomé e Príncipe (2), Santarém (15), Setúbal (46) e Viseu (6). Viriam, ao longo das horas, os «tais» atrasados: mas faltariam Angola (diz-se que o dr. Lívio Borges quer ser seu «embaixador»), Beja, Bragança, Cabo Verde, Macau, Viana do Castelo e Vila Real.

Abre o eborense Francisco António Martins da Silva: pede subsídio para o arrelvamento do terreno do Juventude. S. Tomé (dr. António Marques, indigido pelo Belenenses para futuro tesoureiro) evoca Afonso de Lacerda e, sem mais aquelas, faz extensa leitura (30 minutos...) de um discurso político sobre o Ultramar. Com muitos adjectivos, acrescenta-se.

Fernando Coutinho (Guiné) conta às pessoas que é estrangeiro nestas andanças. E o dr. Nunes dos Santos, tesoureiro do elenco actual, cita um lapso de contabilização (dinheiros arbitrais) que coloca dentro do devido posto dentro do relatório da sua gerência. E aí temos, de novo, S. Tomé a querer dar nas vistas: o que lhe seria quase catastrófico na hora da votação. Quer saber porque motivo estão a ser feitas, desde 1 de Setembro de 1973, despesas que serão processadas em gerência que está a ser eleita.

Servir: o lema

Calma absoluta e desinteresse (até) pelo orador. Segue-se o dr. Martins Canaverde, presidente da actual direcção federativa. Salienta o seu conjunto, com palavras especiais para o dr. Nunes dos Santos, que vai ser o braço direito de João Rocha, na Sociedade de Construções e Planeamento. Foi um companheiro de todos os dias e de todas as horas — salientou. E o caudato benfiquista acrescenta: Nesta direcção, no nosso tempo, nunca houve a ideo de criar mitos, de lembrar pessoas e saudades. Parto com duas mágoas: ter a equipa de Portugal fora do Mundial e estarem inacabadas as obras de ampliação da F.P.F., (orçadas em 2000 contos), que vão alargar a área desta casa em 75 por cento. Até vai ter sala para a imprensa.

Deve-se na abordagem da programação desportiva que terá de ser abrangida em todos os planos de fomento e aplaudiu os seis anos de presidência ao Congresso pelo dr. Leite de Faria. E entre o silêncio geral, disse:

— Este grupo (a direcção) serviu o Futebol: nunca se serviu dele.

Acrescentemos que esta noite partem para Praga, a marcar datas para os jogos internacionais de Portugal, o presidente dr. Martins Canaverde e o secretário major Arrabaca. O seleccionador José Maria Pedroto (20 contos mensais) permanece em Lisboa.

Encargos

Mais elogios: ao prof. Marques de Matos (livro sobre as regras do jogo, igual a 20 contos, igual a merecido aplauso) e ao pessoal federativo que, segundo o dr. Martins Canaverde, foi aumentado a 1 de Fevereiro.

Prossegue o Congresso. O Relatório e as Contas da Direcção são aprovados por unanimidade. Aveiro (eng.º Carlos Rodrigues) pede, a título póstumo, a medalha de «honra ao mérito» para o dr. Paulo Sarmento. Lisboa (eng.º Alfredo Valverde) aplaude o documento que cinge todo o trabalho da gerência em equação: mas pede que sejam divulgadas, em pormenor, as «demarches» feitas para a abolição de certos encargos que pesam sobre o futebol, policiamento dos campos, em especial. O dr. Canaverde sai-se com meias palavras: só em Portugal tal serviço é pago. Explicamos isso até ao ministro da Educação e, por memorando, ao senhor Presidente da República. Fica em 1700/1900 contos por ano...

— E depois?

— Nenhuma resposta.

Arrelvamentos

Sabem-se mais coisas: o quinhão do Totobola vai subir. Lisboa não está de acordo com certo passo do Relatório, onde se lê que o Fundo de Obras participará no arrelvamento de campos da 1.ª divisão. Artur Agostinho (Madeira) dá a volta: deverá escrever-se com propriedade para os clubes que tenham obrigações de arrelvar o terreno (1.ª divisão) e, depois, para os que têm obras em curso (ou concluídas) sem qualquer subsídio federativo.

Gera-se controvérsia: há 600 contos em discussão... Vota-se: derrota federativa por 89-242 (apenas o apoio de Faro, Leiria, Porto e S. Tomé e Príncipe). Então, os congressistas debatem-se sobre a ideia da Madeira: aprovação por 267-64, com a reviravolta (súbita) dos delegados de Faro e S. Tomé...

Jogos Florais

Porto (dr. Sardoeira Pinto) propõe um voto geral de agradecimento e louvor, pelo zelo da Direcção que vai embora. Aveiro (eng.º Carlos Rodrigues) aumenta: tivemos à frente da Federação uma personalidade extraordinária. E eu, que tantas vezes estive em desacordo com os seus pontos de vista, aqui estou a dar-lhe os parabéns. Diz: Foi uma Direcção ímpar de desportistas. Moçambique (Pedroso de Lima, cachimbo entre os dentes) associa-se. Artur Agostinho vai



Congresso de futebol: o dr. Leite de Faria na direcção dos trabalhos

mais longe: Aqui se discutiu abertamente, com uma Federação entusiasta, que realizou obra digna. Pede aprovação por aclamação: são 16 e 10 e está toda a gente de pé, a bater palmas.

Votação

Volta o dr. Martins Canaverde a usar o microfone: apenas cumprimos, sem desmerecer nunca da confiança em nós depositada. Desculpem o travo amargo da saudade: muito obrigado.

Intervalo para refrescos. Vem aí a eleição da nova direcção da Federação. Chama-

da dos congressistas, um a um. César Grácio e o major Arrabaca auxiliam os secretários da mesa à contagem. As 17 e 13 (minuto fatídico?) o dr. Leite de Faria proclama os eleitos:

Congresso — Presidente: Miguel Augusto Pereira Figueiredo Abreu (331 votos); vice-presidente: Manuel da Costa Figueira (331); secretários: José Estevão da Silva Carvalho (331) e Manuel José Veloso Coelho (331).

Direcção — Presidente: dr. Jorge Humberto Barreto de Matos Fagundes (331); vice-presidente: António Arnaldo Moraes

Ribeiro de Magalhães (331) e coronel Ernesto Carrilho do Rosário (331). tesoureiro, dr. António Marques (292).

Conselho Superior de Justiça — Presidente: juiz desembargador dr. Fernando Olavo Gouveia da Veiga (298) e vice-presidente: dr. juiz José de Jesus Costa (331).

Entre parêntesis: o número de votos conseguido.

Murmúrios na sala ao ser conhecida a votação numérica dos dois belenenses mais riscados nas listas. O dr. Leite de Faria despede-se do Congresso, também virado para a mesa directiva:

Não saímos juntos: sempre estivemos juntos.

Cita, nomeadamente os drs. Martins Canaverde e Nunes dos Santos. Aprendi muito com os congressistas mais irrequeitos: o Congresso prestigiou-se com a sua tenacidade.

Deixa uma palavra de saudação para o pessoal da Federação. E, aos órgãos da (chamada) comunicação social endereça um adeus: o testemunho sincero e autêntico do meu apreço, que sublinha momentos inesquecíveis, vividos ao longo de seis anos por vezes bem difíceis de correrem. Termina:

— Sobretudo no plano humano, de convivência, enriqueci a minha pobre e humilde personalidade.

E a debandada. Parabéns e abraços. Muita gente a associar a fraca votação belenenses ao desaire no Barreiro. Frágulo também à baila: os médicos londrinos estão escandalizados por ele andar a subir e a descer escadas antes de concluir o período de recuperação necessário. Artur Agostinho a querer saber porque é que Mário Lino lhe dedicou a vitória sportinguista em Faro...

Otto Glória e Pedroto na barafunda de conversas. O eng.º Valverde, preocupado com o atraso do contabilista da Associação de Lisboa na apresentação de contas. Funcionários da Federação a quererem que se saiba onde é que está o seu aumento. Entim: uma vez mais, o Congresso cumpriu o seu dever. Na Praça da Alegria, divertiu meia dúzia.

NEVES DE SOUSA

Barreirense, 1 - Belenenses, 0

A PREPARAÇÃO DOS PROFISSIONAIS!...

Primeiro: os jogos de futebol têm 90 minutos de duração. Segundo: profissionais pagos como tal, têm a obrigação de se apresentar preparados para trabalhar em pleno e a tempo inteiro. Terceiro: no jogo de ontem, no Barreiro, a maioria dos jogadores em campo durou apenas 45 minutos. Ou seja: metade do tempo útil de trabalho.

Conclusão: os futebolistas profissionais não cumpriram a sua obrigação e o espectáculo em que foram comparsas não justificou, por isso, o dinheiro e as expectativas de quem se deslocou, pagando o «seu».

Desculpas

Certo que o campeonato vai adiantando: e a erosão entretanto produzida tem de ser tratada. Certo (também) que o piso estava molhado, tornando penosa a tarefa dos futebolistas e esgotando-lhe as energias com maior facilidade. Mas, com todas as desculpas que se possam encontrar (até para a deficiente condição física — também de saúde? — de Quaresma e Eliseu), a segunda parte do encontro foi má de mais para não passar sem referência negativa.

E que a dada altura, o interesse do jogo residia apenas em saber quem caía a seguir: os barreirense com câibras os do Belenenses exaustos e sem fôlego.

Entim, um espectáculo deprimente para quem gosta de ver futebol no tempo inteiro e, ao mesmo tempo, infeliz repetição do que está a acontecer por esses estádios: campeonato a entrar no ponto quente e jogadores com obrigações a não responderem à chamada que lhes

é feita. Por culpas próprias ou de quem os prepara.

Mas, tudo isto foi possível ao leitor ver já que a Televisão esteve lá a transmitir em directo. Só que duvidamos da possibilidade de avirmos através da TV, seguir o jogo em condições sofríveis, já que as três câmaras ficaram juntinhas, do mesmo lado, no alto da bancada principal, uma em cada camarote e as três com um máximo de quatro-centos metros de distância entre si...

Valter e Eliseu

Quanto a nós, a verdadeira solução do embate esteve em dois jogadores: Valter (do Barreirense), e Eliseu (do Belenenses). O que um quis (o primeiro) não pôde o segundo.

Enquanto o barreirense Valter correu, marcou, desarmou, deu luta e construiu jogo, Eliseu andou pelo meio campo, certinho a dar a bola quando a conseguia apanhar (e raramente aconteceu) mas perfeitamente incapaz de marcar quem quer que fosse e de tapar um pouco o flanco da sua defesa. E, como da combinação dos esquemas ofensivos a estes dois elementos cumpria vigiar-se mutuamente, Valter acabou por dispor de inteira liberdade e quebrar (assim) o Belenenses pelo meio.

Um exemplo concreto: decorria a meia hora de jogo e Valter arrancou pelo flanco esquerdo do seu ataque, junto à linha lateral. Passou por Eliseu, Murça e Calado. Cruzou certo, mas não acozando ninguém para o gol. O lance perdeu-se, mas a defensiva «azul» ficou sem fôlego e, no lance imediato, ninguém a compa-

nhou Praia na sua desmarcação da esquerda para a direita, onde recolheu o óptimo lançamento de Luís Mira e rematou à baliza, obtendo um golo que Calado apenas confirmaria...

Outros lances significativos da influência de Valter neste jogo: um cruzamento largo a bater a defesa (aos 20 minutos) e perdido por Luís Mira que quis bater Ruas em habilidade, um «tiro» fortíssimo da meia esquerda, desviado para a trave pela mão de Ruas. Qualquer destes lances mereceu chamada à boca da cena: e qualquer deles foi premiado com largos aplausos para o melhor elemento em campo.

O Belenenses encontrou em Gonzalez o único homem capaz de ombrear em força e classe com o médio adversário. Simplesmente, foi mais desafortunado. Ofereceu um golo a Luís Carlos (aos 25 minutos) mas o centro-avante chegou um décimo de segundo atrasado. Aos 55 minutos, novo cruzamento de Gonzalez, após solicitação de Pietra. Perde-se porque Luís Carlos volta a não chegar a tempo. Na parte derradeira do jogo, Gonzalez ainda tentou dois ou três remates bem fortes, da entrada da área: mas erraram o alvo.

Como ambas as equipas se fatigaram cedo, como a defesa do Barreirense (apesar de precipitada) chegou para o trio dianteiro de Belém e, como o nervosismo final da equipa da casa impediu o avolumar da vantagem (a ameaça da «lanterna vermelha» pesa que nem chumbo na mente dos homens da outra banda) o resultado acaba por estar certo.

O Barreirense mereceu ganhar, tendo transformado essa moralidade teórica em realidade prática através do traba-

lho quantitativamente importante de Valter e do lance qualitativamente perfeito do pequeno Praia. Daí a vitória.

Quanto ao árbitro António Garrido, uma palavra mais: redimiuse dos erros apontados por larga faixa da crítica (e desfavoráveis ao Benfica) no domingo anterior, também no Barreiro. Consideraríamos o seu trabalho perfeito, não fora uma ou outra obstrução (até dentro da grande área) não punidas: e um pontapé de canto marcado por Freitas, quando a bola foi projectada em último lugar por Praia. Mas, é evidente que são reparos de somenos para quem seguiu o jogo sem uma mínima hesitação e resolveu todas as questões técnicas fundamentais com perfeita aplicação da lei. E como, ainda por cima, deixou jogar, sem se perder em picuinhas, merece aplauso quase incondicional.

Golo de Praia

Reduzida assistência no estádio D. Manuel de Melo: apenas o sector dos sócios se apresentou bem revestido de gente. Tempo húmido, com chuviscos. Temperatura agradável. Arbitragem de António Garrido (de Leiria).

BARREIRENSE: Abrantes, Romão, Carlos Mira, Guilherme e Serra (José João), João Carlos, Valter e Luís Mira, capitão, Serafim, Fontoura e Paia.

BELENENSES: Ruas, Murça, Calado, Freitas e Pietra; Quaresma, capitão, Eliseu e Godinho; Quinho, Luís Carlos e Gonzalez. Golo: de Praia, aos 35 minutos.

DANIEL REIS

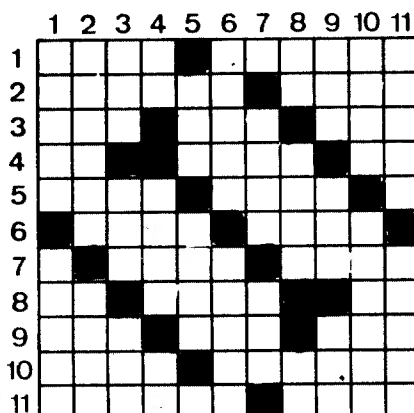
palavras cruzadas

COM PROVÉRPIO

PROBLEMA N.º 10712

HORIZONTAIS:

- 1 Negra. Alojamento em tendas.
- 2 Tombaram. Regras.
- 3 Vão Alcool de melado. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
- 4 Batráquio. Cruel. Mil e cinquenta em romano.
- 5 Adória. Acrescentais. Artigo definido.
- 6 Despacha. Pessoa gorda.
- 7 Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar. Tosta.
- 8 Rádio (s.g.). Receio. Pronome pessoal.
- 9 Nome de mulher. Apelido. Oceano.
- 10 Malogro. Tropa.
- 11 Esmonhes. Filho de Afrodite.



VERTICAIS:

- 1 Assanha. Cidade de Portugal.
- 2 Pancada com o taco (na bola de bilhar). Aniversário.
- 3 Curso de água natural e abundante. Ovario dos peixes. Senhora (inv.).
- 4 Viração. Zombem. O sono das crianças.
- 5 Heroína francesa que foi queimada viva. Superfície plana delimitada. Tempo do verbo ser.
- 6 Amuralha. Pessoas que se embriagam (pop.).
- 7 Calado. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
- 8 Alumínio (s.g.). Opera de Verdi. Cerio (s.g.).
- 9 Doçura. Senhores. Abismo.
- 10 Dão pios. Crepitação.
- 11 Albergue. Brisas.

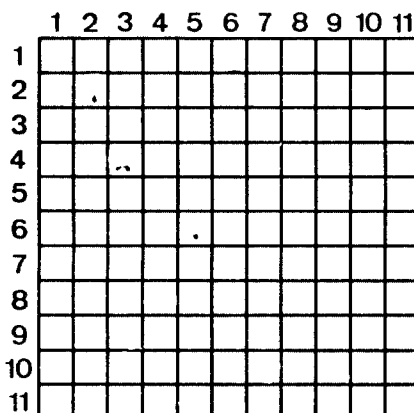
Resoluiu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRPIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6870

HORIZONTAIS:

- 1 Duzentos em romano. Tirar a casca a. Ruim.
- 2 Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Estreito.
- 3 Fecham as asas para descer mais depressa. Aquoso.
- 4 Hilota. Bigorna de aço sem hastes.
- 5 Mistura. Leito.
- 6 Carimbais.
- 7 Pessoa cruel. Epoca. Oferece.
- 8 Patrão. Equipar.
- 9 Narra. Gorgulho tropical.
- 10 Preparar com opio. Viscera dupla.
- 11 Artigo definido. Irmão de Moisés. Autores.



VERTICAIS:

- 1 Carepa. Pândega (Bras.).
- 2 Desabem. Nome de letra.
- 3 Apellido. Cilindro.
- 4 Ofício divino. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- 5 Cério (s.g. inv.). Guarneça de asas. Moeda portuguesa de Dio.
- 6 Pelos de certos animais. Ice. Rio da Suíça.
- 7 Nome de letra (pl). Pedra de altar. Batráquio.
- 8 Oceano. Remera para trás.
- 9 Lugar onde se arremata o peixe à chegada dos barcos de pesca (pl). Maior.
- 10 Figura que simboliza o povo americano. Otereceria.
- 11 Velha. Perfume.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10711

HORIZONTAIS:

- 1 Mas. UMA. VEZ
- 2 Alapa. Arame.
- 3 Cl. Ruste. Al.
- 4 Asai. Uapuça.
- 5 Caim. E. Arar.
- 6 Ardes. Trame.
- 7 Aia. las.
- 8 Ac. Rias. Mo.
- 9 Tomar. Natas.
- 10 Ma. Ana. At.
- 11 Aoros. Ralas.

VERTICAIS:

- 1 Macaca. At.
- 2 Alisar. Como.
- 3 Sá. Aida. Mar.
- 4 PRIMEIRA.
- 5 Uau. Sairas.
- 6 Sue.
- 7 Aatá. Tisnar.
- 8 Repara.
- 9 Va. Uras. Tal.
- 10 Emaçam. Mata.
- 11 Zelaremos.

Provérpio: UMA VEZ, É A PRIMEIRA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6869

HORIZONTAIS:

- 1 Fátia. Remam.
- 2 Açor. Lavo.
- 3 Rum. Mas. Rir.
- 4 Irl. Lia. Aa.
- 5 Mór. Aia.
- 6 Ara. Ira.
- 7 Asa.
- 8 Vimeiro. Ora.
- 9 Ia. Aos. Es.
- 10 Lima. Pais.
- 11 Aarau. Nossa.

VERTICAIS:

- 1 Faria. Avila.
- 2 Acua. Iaia.
- 3 Tombaram. Mr.
- 4 Ir. Lia. Aa.
- 5 Mór. Aia.
- 6 Ara. Ira.
- 7 Asa.
- 8 Vimeiro. Ora.
- 9 Ia. Aos. Es.
- 10 Lima. Pais.
- 11 Aarau. Nossa.

A SECA EM ANGOLA

LUANDA, 3 (ANI) — O plano central angolano enfrenta a maior seca do século, refere o correspondente, em Nova Lisboa, do jornal «Província de Angola», citando a opinião de técnicos agrários.

«A seca que está a assolar aquelas regiões — acrescenta o matutino luandense — começa a lançar no desespero todo o enorme sector agro-pecário da região, considerada, por muitos, o celeiro de Angola.

«As colheitas estão praticamente perdidas, gerando-se perspectivas nada animadoras. Os pastos secam a olhos vistos. Os rios correm com um caudal mínimo e as nascentes desaparecem, com o prolongamento da estiagem.

Boxe TAÇA DA INFORMAÇÃO

Realizou-se ontem, à noite, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, uma sessão de pugilismo amador, a contar para a Taça Órgãos de Informação.

Perante fraca assistência, a julgar pelo habitual, os combates iniciaram-se pouco depois das 21.30 horas, com a presença no «ring» de João Faleiro, do Amadora, e de Daniel Silva, do Sporting, na categoria de plumas. O atleta do Amadora, depois de ter efectuado uma boa acção, sofreu um «K.O.», no final do segundo assalto. Com isso foi eliminado da prova.

No segundo combate, participaram Vítor Santos, do Amadora, e Orlando Silva, do Sporting, na categoria de plumas. O atleta do Amadora, depois de ter efectuado uma boa acção, sofreu um «K.O.», no final do segundo assalto. Com isso foi eliminado da prova. Albergaria Gaspar, do Sporting, eliminou no primeiro as-

salto Carlos Santos, do E. da Adadora.

Depois de um curto intervalo de 10 minutos, realizou-se o último combate na categoria de amadores, entre Carlos Martins, do Sporting, e José Luís, do Amadora, em meios-médios ligeiros.

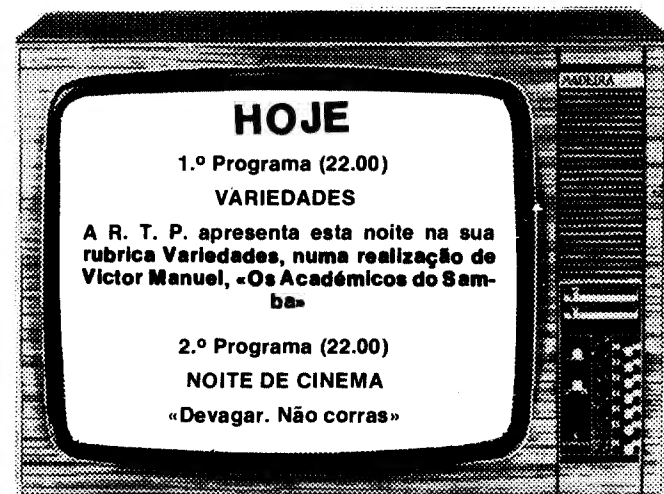
No 1.º e 2.º assalto registouse, para ambas as partes, um certo equilíbrio, o que não impediu que o atleta da Amadora gahasse nos restantes assaltos.

D.E.T.A.: MAIS 7 POR CENTO NAS TARIFAS

LOURENÇO MARQUES, 3 (ANI) — A Deta — Linhas Aéreas de Moçambique — cobra, desde o dia 1, novas tarifas nas suas carreiras internacionais, não só no que respeita a bilhetes de passagem mas também no movimento de carga.

As novas tarifas são acrescentadas, em relação, às anteriormente em vigor, de sete por cento, e incluem também o aumento de dois por cento, proveniente da desvalorização do dólar.

televisão



MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

- 12.30 Abertura
- 12.31 Missa de domingo
- 13.10 O dia do Senhor
- 13.35 Hoje pode ver
- 13.45 Telejornal 1.ª edição
- 14.00 Expedição
- 14.30 TV Educativa. Educação musical (Adultos)
- 14.50 TV Rural
- 15.00 Danças e cantares
- 15.30 Tarde de cinema «Hans Brinker»
- 16.55 TV Infantil
- 17.55 O Mundo à Nossa Volta
- 19.00 Frente a frente
- 19.30 Telejornal
- 19.45 Poly em Espanha
- 20.00 TV 7
- 21.00 Dr. Simon Locke
- 21.30 Telejornal 3.ª edição
- 22.00 Variedades
- 00.00 Telejornal 4.ª edição
- 00.05 Fecho.

2.º Programa

- 20.30 Abertura e «As solteironas»
- 21.00 Dó. Lá. Si
- 21.30 Telejornal 3.ª edição
- 22.00 Noite de cinema «Devagar. Não corras»
- 23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

- 12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
- 13.00 Vivendo o futuro
- 13.15 «A Família Partridge»
- 13.45 Telejornal 1.ª edição
- 14.00 O Homem de amanhã
- 14.20 Logo à noite

2.º Período

- 14.40 Ciclo Preparatório TV
- 19.00 TV Educativa — Língua Portuguesa
- 19.25 «O Diário das Fábulas»
- 19.30 Telejornal 2.ª edição
- 19.45 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Andebol de Sete
- 20.30 Portugal no Mundo
- 21.00 Museu aberto
- 21.30 Telejornal 3.ª edição
- 22.05 «Columbo»
- 00.10 Telejornal 4.ª edição
- 00.15 Meditação e fecho.

2.º Programa

- 20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
- 20.45 O Homem de amanhã
- 21.00 «A Família Partridge»
- 21.30 Telejornal 3.ª edição
- 22.00 Impacto
- 22.55 Música para olhar
- 23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado para norte do rio Tejo onde havia chuvisco e pouco nublado a sul do mesmo rio; o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10º
P. DOURADAS	2º
COIMBRA	9º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	11º
FARO	11º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Praia da Rocha
Máxima 17,6º

Montalegre
Mínima 2,1º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 12º
Atmosfera: 10,6º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.29 3,2 m	4.48 1,4 m
	17.22 1,4 m

Dia 4

0.06 3,4 m	6.11 1,2 m
12.51 3,3 m	18.37 1,3 m

Dia 5

1.19 3,6 m	7.18 1,0 m
13.56 3,6 m	19.38 1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ
AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco ou moderado de Nordeste; períodos de chuva passando a aguaceiros.

AMANHÃ

NAScer AS 8.06
OCASO AS 19.32

DIA 8 DIA 15 DIA 23 DIA 31

MISSORA 1.º Programa

14.30 Tarde desportiva, rádio desporto. Futebol: relato e informações dos jogos da 22.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª divisão. Actualidade Desportiva.

17.00 Música sem palavras.

18.05 Música portuguesa

19.05 Música da Europa

20.00 Jornal da noite

21.00 Rádio desporto

21.30 Variedades no estúdio

22.00 programa em que colabora a Orquestra de Variedades da Emissora Nacional sob a direcção de José Mesquita.

22.29 Teatro das comédias «Quem com ferro mata» de Georges Menuau

22.30 Música portuguesa

23.05 «Sol e torios»

23.30 De um dia para o outro por Fernando Garcia

00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa). Sinal horário.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade

00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Noticiário — Onda musical

17.00 Perspectivas da obra de Cesar Franck

18.00 Concerto de Domingo — 1.ª parte

18.45 Intervalo-Canções espirituais de João Sebastião Bach

19.00 Concerto de Domingo — 2.ª parte

19.42 Quarteto n.º 2 op. 32 (Willem Kersters)

20.00 Jornal da noite

20.30 Concerto a cinco partes em mi menor (Boismortier)

20.40 O homem e a sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida

21.00 Recital de canto por Fernanda Castro Correia

21.15 Sonata a quatro n.º 4 (Rossini)

21.30 Que quer ouvir?, programa elaborado por Margarida Brandão

23.00 Emissão em línguas estrangeiras

01.15 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda média

14.45 Tarde desportiva

17.00 Chave do totobola

17.03 Projecto

17.33 Meia hora depois

18.03 Música pelo caminho

18.45 Rítmicos em desfile

19.03 Fórmula 1

19.30 Vedetas e canções

20.15 Comentador desportivo

20.30 De sete em sete dias

20.45 Música ao seu jantar

21.30 Quando o telefone toca

22.30 Quando o telefone toca

23.05 Mensagens bíblicas

23.19 Tempo de ritmo

23.30 No mundo aconteceu

02.00 A noite é nossa

06.00 Diário rural

07.00 Talisma

Modulação de frequência.

16.00 Noticiário

18.02 O nosso programa

19.04 Em órbita um

21.30 Boa noite em FM

22.02 Clube à Gô-Gô

22.00 Noticiário clube à Gô-Gô (continuação)

00.02 Em órbita dois

01.02 Banda Sonipol

02.00 Perspectiva

03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

18.00 Noticiário

18.30 Zona-Azul Programa de Automobilismo

18.23 Palavra do dia. No final terço e bênção da Basílica dos Mártires

20.05 Zona Verde, espaço ocupado pela família

20.35 Interlúdio

20.55 Meditando

21.00 Noticiário

21.05 Suplemento especial

22.00 Quando o telefone toca

22.30 Programa dos sócios

23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular

Das 06.00 às 08.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 08.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

Rádio Graça

Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 14.30 às 17.00

A. OLIVEIRA ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63



LISBOA

TURNOS 1
(TODAS A NOITE)

AJUDA
Lopes, Rua do Cruzeiro 117
(Telef. 633288)

ALFAMA
Anali, Rua das Escolas Ge-
rais, 56-C (Telef. 863940)

ALTO DES JOÃO
Nova Luz, Rua Domingos
Jardo, 28-A (à Praça D. Afonso
II) (Telef. 843439)

ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A
(Telef. 712070); Gasparinho,
Rua Dr. Gama Barros, 54-A
(Telef. 710465); Onilda, Av.
João XXI, 13-A (Telef.
726848)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos, Av. João Crisóstomo,
44-C (Telef. 40592); Mi-
randa, Campo Pequeno, 36-
B (Telef. 770776); Universal,
Rua Actor Taborda, 5 (Telef.
44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à
Fonte Monumental), Telef.
842152

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, Rua Forno do Tijo-
lo, 40 (Telef. 841122)

BAIXA
Centro Farmacêutico, Ruas
das Portas de Santo Antão,
86 (Telef. 321211)

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfca,
429-A (Telef. 780027 e 789985)

CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno,
36-B (à Av. Sacadura Cab-
ral) (Telef. 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho,
232-C (Telef. 650760)

ESTRELA
Paivas e Parente, Rua de
Santo António, 98 (Telef.
665196)

LAPA
Silva, Rua S. João da Mata,
72 (Telef. 661010)

LUMIAR
Alameda, Alameda das Lin-
has de Torres, 201-B (Telef.
790942)

MARVILA
Marvila, Rua Direita de Mar-
vila, 25 (Telef. 381612)

OLIVAIS
Higiene, Rua Cidade Vila
Cabrã, lote 43 (Olivaís Sul)
(Telef. 310026)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira,
140-B/C (Telef. 720703 e
728395)

REGO
Pratas e Mora, Rua da Bene-
ficiência, 91 (Telef. 773728)

RESTELO
Tânara, Rua Rodrigo Reinel,
3-A (à Encosta do Restelo)
(Telef. 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense, Rua Leão de
Oliveira, 2-cB (Telef. 637020)

S. MAMEDE
S. Mamede, Rua da Escola
Politécnica, 82-B (Telef.
660780)

SOCORRO
Tavares, Rua da Palma 194
(Telef. 863350)

TURNOS 2
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Boa Hora, Rua dos Quartéis,
25 (Telef. 637777)

ALTO DO PINA
Zional, Rua Moraes Soares,
56-C (Telef. 84708)

ALVALADE
Neuroterapia, Campo Gran-
de, 138 (Telef. 774682);
Ideal, Av. Alm. Gago Couti-
nho, 49-A (Telef. 712803)

ANJOS
S. José, Rua dos Anjos, 41
(Telef. 50730)

AREIRO
Vera Cruz, Praça Afonso
Peixoto, 2-B (à Av. João de
Deus) (Telef. 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, Rua de
Arroios, 215 (Telef. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cardeira, Av. Duque de Ávi-

la, 32-C (esquina da Av. da
República) (Telef. 43495)

BAIRRO AMÉRICA
Martins, Rua Fernão de Ma-
galhães, 33 (Telef. 849448);
Zira, Praça das Casas No-
vas, lote 66 (Telef. 310172)

BAIXA
Unifia, Rua da Vitória, 21 (Te-
lef. 323793)

BENFICA
Benfca, Estrada de Benfca,
678-B (Telef. 702532)

CAMPO DE OURIQUE
Porfiro, Rua Francisco Me-
trass, 50 (Telef. 663349)

CAMPOLIDE
Central, Rua General Tabor-
da, 17 (Telef. 680304)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves
Costa 33 (Telef. 780181)

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde Redon-
do, 9-A (à Rua Gomes Fre-
re) (Telef. 533411)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio,
lote 12-C (Telef. 790704)

RESTELO
Occidental, R. D. Jerônimo
Osório, J. P. M. 3 (Telef.
610256)

S. BENTO
S. Bento, Rua dos Poiais de
S. Bento, 73 (Telef. 679673)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres, Avenida Luís B var,
69 (Telef. 47213)

XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto
de Melo, 7-A (Telef. 383800)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G.
Guerra, 64 (Telef. 212070)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Hibeiro,
1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho e Silva, Av. Patrão
Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos
Reis, 98 (Telef. 2430090)

PARADE
Grincho, Av. da República,
87 (Telef. 2471204)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (Telef. 263052)

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque,
3 (Telef. 260191)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento
19, 41 (Telef. 280141)

Cascais
Cascais, R. Conde de Monte
Real, B. Caixas (Telef.
282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pom-
bal, lote 9 (Telef. 934589)

Campos
Campos, R. Elias Garcia,
185 (Telef. 930072)

Clarel
Clarel, R. António Sardinha,
23-D (Telef. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, lote
D (Telef. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol, R. Elias Garcia,
17-C (Telef. 974161)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151
(Telef. 950043)

Queluz
Queluz, Av. Miguel Bombar-
da, 123-A (Telef. 951841)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55
(Telef. 2940034)

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Afonso de Albu-
querque (Telef. 980058)

COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos
Santos Jorge, 15 (Telef.
234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos
Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA
Silva Junior, (Telef. 2788030)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174
(Telef. 224302)

BARREIRO
Higiene, R. D. Manuel I, 178
(Telef. 2073017)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Bar-
rocas, 50-A (Telef. 2760182)

MOITA
Silva Rocha, P. da Republi-
ca, 16 (Telef. 238029)

MONTIJO
Monteio, R. Almirante Reis,
93 (Telef. 230035)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef.
229471)

SETUBAL
Costa, L. da Misericórdia
(Telef. 22760)

Brasil
Brasil, P. do Brasil (Telef.
24788)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51
(Telef. 2218580)

PORTO

2.º TURNO

SUB TURNO A

Batalha (da), Praça da Bata-
lha, 26; Campo (do), Praça
da República, 118; Costa Ca-
bral, Rua Costa Cabral,
1832; Fonte da Moura, Rua
de Tânger, 1463; Invicta,
Rua do Bomfim, 330; Mira
Paulo, Rua Castelo de Nu-
mão, 37.

SUB TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim,
1292; Fátima, Rua Olm. Mon-
teiro, 475; Garantia, Rua Fer-
nandes Tomás, 696; Gomes,
Rua Matias de Albuquerque,
243; Sã, Rua Vale-Formoso, 181;
Sarabando, Largo dos
Lóios, 36.

COIMBRA

TURNOS

Olivais, R. Bernardo de Al-
buquerque, 159 (Telef. 22804);
Universal, Pr.ª 8 de Maio, 35
(Telef. 23744); Adriana, Pr.ª
DA República, 20-22 (Telef.
23609)

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
„A Menina Alice e o Inspector.“

TRINDADE
21.45 (18 anos)
„Sabado, Domingo e Segunda.“

COMUNA-TEATRO DE PESQUISA
21.45 (14 anos) „A Ceia.“

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
„O Ovo.“

VARIADAES
20.45 e 23.00 (18 anos)
„Dois num guarda vestidos.“

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
„Ver, ouvir e calar.“

A. B. C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
„Tudo a nu.“

CAPITÓLIO
20.45 - 23.00 (18 anos)
„Simplesmente revista.“

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
„Os porquinhos da Índia.“

TEATRO MUNICIPAL DE S. Luís
21.45 (18 anos)
„Albergue Nocturno.“

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19 (14 anos)
„Uma pistola na mão do diabo.“

PARIS

21.30 (18 anos)
„A Serpente de ouro.“

CINE MOSCAVIDE
21.00 (10 anos)
„O Categrático.“

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
„007 Operação relâmpago.“

SACAVÉM
S. José
21.00 (10 anos)
„Trinita cow boy insolente.“

ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (14 anos)
„Vingança de Django.“

LINHA DE CASCAIS

PARADE
Royal
21.15 (10 anos)
„Alamo.“

ESTORIL
Casino
15.30, 18.30, 21.30 (18 anos)
Chacal.

CASCAIS
S. José
21.30 (16 anos)
„Música no Coração.“

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
„O Homem das Mulheres.“

va, hoje e sempre. Largo Trindade
Coutinho, n.º 10-11. Encerra aos do-
mingos. T. 320164.

TAMILA — Marão e s/ conjunto „Ma-
tineés“ todos os dias. Encerra aos do-
mingos. Av. Figueira de Loulé, 69. T.
533117.

CACO — Dancing com música ambien-
te com sítio de quarteto. Rua Camê-
lo Castelo Branco, 23-A.

ESTÚDIO APOLO 70 (Telef. 763319)

15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)

16.ª Semanal Eastmancolor. O filme
de Ingmar Bergman „LAGRIMAS E
SUSPIROS“ (Cries and Whispers). Ho-
je às 24.00 horas Meia-NOITE Fan-
tástica (Grupo D-18 anos) „AS CICA-
TRIZES DE DRACULA“ de Roy Ward
Baker. Amanhã às 11.00 horas manhã
infantil (Grupo A-6 anos) „O PRINCI-
PEZINHO E O DRAGÃO DAS 8 CA-
BEÇAS.“

AVIZ (Telef. 47163)

15.30 - 21.45 (5.ª Semanal)
Eastmancolor Grupo D (18 anos)
Mao Ying A RAPARIGA INVENCÍVEL

PATHE (Telef. 821933)

14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semanal
Colorido Elizabeth Taylor, Richard
Burton „A ENGRENAGEM“. Um filme
de Peter Ustinov, Elizabeth Taylor
„Grande Prémio Festival de Berlim 1972.“

LONDRES (Telef. 731313)

14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido Grande Prémio do Juri do
Festival de Cannes 1973. „OCONVITE“. Uma
festa fabulosa. O filme de Claude
Goretta. Hoje à meia-noite e quinze
(Adultos). Um filme de Kevjimizoguchi
„CONTOS DA LUA NOVA.“

VOX (Telef. 720808)

15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido. Peter Finch, Shelley Winters
„NÃO HA FUMO SEM FOGO“. Eles
têm algo a ocultar... evocó? As 00.30
„Meia-Noite Fantástica“ (Grupo D-18
anos) „PASSOS NA NOITE“ com Ro-
bert Taylor e Barbara Stanwyck. Ama-
nhã às 11.00 horas. Manhã infantil
(Grupo A-6 anos) „ALICE NO PAÍS
DAS FADAS“ de Walt Disney.

CASINO ESTORIL (Telef. 26421)

18.30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
„O FILHO“ com Yves Montand, Léa
Massari e Marcel Bozzuffi. Panorá-
mico-Kodakolor

MONUMENTAL (Telef. 555131)

15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision. Technicolor. Tamara
Dobson e Shelly Winters „CLEO-
PATRA JONES.“

ESTÚDIO (Telef. 555134/5)

15.00-17.00-19.00-21.45 e 00.15
(Grupo D-18 anos)
2.ª Semanal. Eastmancolor „AMOR
LOUCO“ (Belle). Um filme de André
Delvaux. Hoje às 00.15 h. (Grupo D-18
anos) „AMOR LOUCO“ (Metro: Ala-
meda).

ODEON (Telef. 326283)

15.00 - 18.30 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Um filme de Constantino Esteves
com Tony de Matos „DERRAPA-
GEM“. Atenção ao à noite Tony de
Matos canta no palco.

IMPERIO (Telef. 555134)

15.15-18.30 e 21.40
(Grupo D-18 anos)
3.ª Semanal. Eastmancolor. Jean-Louis
Trintignant, Romy Schneider „OULTI-
MO COMBOIO“ (Metro: Alameda).

ESTÚDIO APOLO 70 (Telef. 763319)

15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)

16.ª Semanal Eastmancolor. O filme
de Ingmar Bergman „LAGRIMAS E
SUSPIROS“ (Cries and Whispers). Ho-
je às 24.00 horas Meia-NOITE Fan-
tástica (Grupo D-18 anos) „AS CICA-
TRIZES DE DRACULA“ de Roy Ward
Baker. Amanhã às 11.00 horas manhã
infantil (Grupo A-6 anos) „O PRINCI-
PEZINHO E O DRAGÃO DAS 8 CA-
BEÇAS.“

AVIZ (Telef. 47163)

15.30 - 21.45 (5.ª Semanal)
Eastmancolor Grupo D (18 anos)
Mao Ying A RAPARIGA INVENCÍVEL

PATHE (Telef. 821933)

14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semanal
Colorido Elizabeth Taylor, Richard
Burton „A ENGRENAGEM“. Um filme
de Peter Ustinov, Elizabeth Taylor
„Grande Prémio Festival de Berlim 1972.“

LONDRES (Telef. 731313)

14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido Grande Prémio do Juri do
Festival de Cannes 1973. „OCONVITE“. Uma
festa fabulosa. O filme de Claude
Goretta. Hoje à meia-noite e quinze
(Adultos). Um filme de Kevjimizoguchi
„CONTOS DA LUA NOVA.“

VOX (Telef. 720808)

15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido. Peter Finch, Shelley Winters
„NÃO HA FUMO SEM FOGO“. Eles
têm algo a ocultar... evocó? As 00.30
„Meia-Noite Fantástica“ (Grupo D-18
anos) „PASSOS NA NOITE“ com Ro-
bert Taylor e Barbara Stanwyck. Ama-
nhã às 11.00 horas. Manhã infantil
(Grupo A-6 anos) „ALICE NO PAÍS
DAS FADAS“ de Walt Disney.

CASINO ESTORIL (Telef. 26421)

18.30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
„O FILHO“ com Yves Montand, Léa
Massari e Marcel Bozzuffi. Panorá-
mico-Kodakolor

MONUMENTAL (Telef. 555131)

15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision. Technicolor. Tamara
Dobson e Shelly Winters „CLEO-
PATRA JONES.“

ESTÚDIO (Telef. 555134/5)

15.00-17.00-19.00-21.45 e 00.15
(Grupo D-18 anos)
2.ª Semanal. Eastmancolor „AMOR
LOUCO“ (Belle). Um filme de André
Delvaux. Hoje às 00.15 h. (Grupo D-18
anos) „AMOR LOUCO“ (Metro: Ala-
meda).

ODEON (Telef. 326283)

Betencourt Rodrigues em Lisboa

Encontra-se em Lisboa, em visita de trabalho, o governador da Guiné, general Betencourt Rodrigues. O comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné, que ontem saiu de Bissau, é acompanhado pelo seu ajudante-de-campo, tenente Guerra Ribeiro.

No aeroporto era aguardado pelos generais Costa Gomes e António de Spínola, respectivamente chefe e vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, governador militar de Lisboa, presidente da Câmara Municipal de Lisboa e representantes do ministro da Defesa Nacional.

INDUSTRIAS DE TRANSPORTES EM AUTOMÓVEIS

..A Direcção do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis (G. I. T. A.), acompanhada pelo delegado do Governo e pelo presidente do conselho geral, avistou-se com o ministro das Comunicações.

O eng.º Braz Frade, presidente do grémio, salientou a

influência directa que o agravamento dos encargos teve na exploração das empresas de transportes rodoviários, acrescentando alguns esclarecimentos complementares ao estudo que, oportunamente, o G. I. T. A. já enviara ao Ministério.

TRÊS MORTOS NUM ATAQUE DA FRELIMO

LOURENÇO MARQUES, 3 (R.) — Morreram três pessoas devido a um ataque de guerrilheiros a um aldeamento africano, durante o qual os terroristas queimaram 143 casas, no distrito de Tete, noroeste do estado de Moçambique — anunciou a agência noticiosa sul-africana South African Press Association (S.A.P.A.).

Citando um comunicado das Forças Armadas, a S. A. P. A. informava que a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), num ataque de guerrilheiros, matou um miliciano de defesa do aldeamento, bem como uma mulher e uma criança. Um outro miliciano ficou gravemente ferido. O ataque ocorreu na quarta-feira.

O aldeamento é do tipo de concentrações habitacionais, construído pelos portugueses para proteger os nativos dos ataques dos guerrilheiros.

Homenagem ao dr. Moreira Baptista

O Skat Clube de Lisboa homenageia hoje, pelas 21 horas, no hotel Ritz, o dr. César Moreira Baptista, actual ministro do Interior, com um jantar de gala de agradecimento pelas atenções recebidas daquele membro do Governo enquanto desempenhou o cargo de secretário de Estado da Informação e Turismo.

PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO

A fim de ser apreciado o texto final da arbitragem com o Grémio dos Fabricantes de Material Eléctrico, efectua-se amanhã, às 21 horas, uma reunião geral dos profissionais daquele sector, na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório de Lisboa.

O TEMPO

O Serviço Meteorológico Nacional prevê para hoje períodos de céu muito nublado, alternando com boas aberturas, vento moderado dos quadrantes norte e aguçados, mais prováveis no norte e no centro do território. Durante a tarde, o céu deverá estar muito nublado e o vento será fraco, sendo de esperar períodos de chuva.



Dr. António Joaquim da Fonseca

Novo governador do distrito de Ponta Delgada

Vai ser nomeado governador do distrito autónomo de Ponta Delgada o dr. António Joaquim da Fonseca. Natural de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda, o dr. António da Fonseca, depois de ter concluído o curso liceal, em Luanda, no Liceu Nacional de Salvador Correia, licenciou-se em 1953 pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

Foi chefe da repartição de Relações Internacionais do Gabinete dos Negócios Políticos e, de 1969 a 1973, chefe do gabinete do ministro do Ultramar. É director do Círculo de Estudos Ultramarinos, em acumulação com as funções de director da Escola de Estudos Ultramarinos.

Participou, de 1958 a 1962, em diversas conferências internacionais, designadamente nas sessões plenárias da Comissão de Cooperação Técnica na África ao Sul do Saara (C. C. T. A.), que se realizaram em Lisboa, Monrovia e Tananarive, tendo participado ainda na Comissão para o Estudo da Produtividade do Trabalho em África.

Desempenha actualmente o cargo de inspector superior de Administração Ultramarina. É condecorado com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

A posse do novo governador do distrito de Ponta Delgada, bem como dos do Funchal, Aveiro, Leiria e Setúbal, decorre no Ministério do Interior, na quarta-feira, às 12 horas.

INGLATERRA:

NÃO SE TOMARAM COMPROMISSOS NO ENCONTRO HEATH-THORPE revela um comunicado oficial

LONDRES, 3 (R.) — Como já se aguardava, o primeiro-ministro Edward Heath procurou o apoio do Partido Liberal para conseguir formar o que será um Governo frágil e minoritário destinado a preencher o vácuo de poder derivado do impasse nas eleições gerais inglesas.

O LÍDER DOS LIBERAIS; Jeremy Thorpe aceitou um convite para conversações, que lhe foi dirigido ontem à noite pelo telefone para a sua casa de campo em Devon, e os dois líderes — conservador e liberal — reuniram-se ontem à tarde no n.º 10 da Downing Street. David Steel, dirigente dos liberais no Parlamento, tomou também parte nas conversações.

Foi este o primeiro passo dado por Edward Heath para edificar uma aliança de qualquer espécie que o ajude a manter-se no Poder, apesar da derrota eleitoral que deu aos conservadores menos cinco lugares do que ao trabalhismo.

O golpe de misericórdia para Edward Heath surgiu ontem quando a última das 635 circunscrições eleitorais, a de Argyll, na Escócia, elegeu o candidato nacionalista escocês Tenian MacCormick, que obteve uma maioria de 3,288 votos. Os conservadores haviam ganho em Argyll em 1970.

Quanto ao Partido Liberal, levantaram-se apelos feitos por dois dos seus líderes, Des Wilson e Peter Hain, para que não entre numa coligação nem se junte num conluio com Edward Heath. Hain disse que um pacto com os conservadores poderia levar a resignações em massa dentro do Partido Liberal.

O número definitivo de deputados dos vários partidos na nova Câmara dos Comuns é o seguinte: trabalhistas, 301; conservadores, 296; liberais, 14; unionistas do Ulster, 10; nacionalistas escoceses, 7; nacionalistas galeses, 2; quatro outras representações simples e um lugar para o «speaker».

A reunião

Na reunião de ontem à tarde, o primeiro-ministro Edward Heath sondou o Partido Liberal a respeito de perspectivas para formação de um Governo minoritário, mas uma declaração oficial do gabinete do primeiro-ministro frisou que nenhuma das partes se comprometeu fosse o que fosse.

Não se afasta a hipótese de qualquer novo diálogo entre os dois partidos relativamente à formação de um Governo de coligação. A declaração oficial da Downing Street dizia que Edward Heath e Jeremy Thorpe concordaram em reportar os respectivos pontos de vista aos seus colegas de partido de modo a verem se poderá «existir uma base para novo diálogo».

A declaração frisava que os dois líderes permutaram opiniões sobre a actual situação e sobre «a urgente necessidade de uma Administração que possa levar a cabo com firmeza o Governo do país».

Jeremy Thorpe, que enfrenta a oposição de alguns elementos do seu partido relativamente a qualquer combinação que possa vir a manter os conservadores no Poder, foi rápido em salientar que o diálogo não produziria qualquer acordo.

Falando aos jornalistas, Jeremy Thorpe disse: «Claro está

que falamos da situação em vista do resultado das eleições gerais.

«Apenas me comprometi a debater os assuntos esta tarde ventilados com os meus colegas na segunda-feira, mas volto a repetir que não houve qualquer acordo entre mim e Edward Heath».

Diferenças

É oportuno lembrar que os dois partidos têm marcantes e significativas diferenças de teor político e Jeremy Thorpe criticou vivamente, ainda em recentes dias, a chefia de Edward Heath. Praticamente, os dois partidos só possuem uma ideia comum — manter a Inglaterra no Mercado Comum.

Entretanto o líder trabalhista Harold Wilson — que se mostra impaciente enquanto Edward Heath leva a efeito as suas consultas para formar um novo Governo — continua, tal como através de toda a campanha eleitoral, empenhadíssimo numa renegociação dos termos do ingresso na Comunidade Económica Europeia.

Mas até mesmo sobre esse caso as recentes eleições britânicas se mostraram inconclusivas. O problema da permanência ou não permanência na C.E.E. é um assunto obscuro e reduzida a possibilidade de qualquer Governo minoritário poder envolver-se em acções controversas no novo Parlamento.

Entretanto, o conservador rebelde Enoch Powell quebrou o silêncio para dizer que deve ser dada rapidamente a possibilidade ao povo inglês de tomar uma decisão democrática sobre o problema do Mercado Comum. Powell frisou que uma das coisas claramente boas emergida das eleições foi o facto do problema da Inglaterra na C.E.E. ter sido decisivamente mantido em aberto.

Edward Heath mantém a sua decisão de tentar formar um novo Governo após consultas com os seus ministros, não obstante o grave desapontamento sentido, dado o eleitorado ter rejeitado o seu apelo para lhe conferir um mandato forte com o qual prometia solucionar a crise industrial económica.

Novas eleições?

Se Edward Heath não obtiver apoio suficiente, poderá então aconselhar a rainha a pedir a Harold Wilson para tentar for-



Jeremy Thorpe, «leader» do Partido Liberal, no momento em que chegava ao número 10 de Downing Street para conferenciar com Edward Heath (Telefoto UPI-Teleimprensa-DL)

mar Governo ou poderá esperar até os conservadores serem derrotados na Câmara dos Comuns.

O primeiro-ministro poderá conseguir certo apoio dos nacionalistas dando-lhes esperanças no que se refere a parlamentos regionais na Escócia e no País de Gales. Tais assembleias foram recomendadas no ano passado por uma comissão nomeada pelo Governo, enquanto o Partido Trabalhista se opõe totalmente à criação desses parlamentos regionais.

Fora o caso dos parlamentos, no que se refere a todo o contexto político, é mais provável que os representantes escoceses e galeses apoiem de melhor vontade Harold Wilson do que Edward Heath.

Pouquíssimos dos 10 protestantes da linha dura que afastaram os moderados da Irlanda do Norte do Parlamento do Westminster possuem qualquer simpatia por Edward Heath ou pelos seus colegas e poderão recusar-se a entrar num conluio para apoiar os conservadores — o que deve ser a atitude mais provável a convocação.

Se Edward Heath falhar em formar uma administração aceitável, também não é certo que Harold Wilson seja igualmente capaz de obter apoio suficiente.

Embora se preveja como mais provável a congoção de novas eleições para resolver a confusa situação na política inglesa, eleições cuja possibilidade se prevê para dentro de poucos meses, os dirigentes partidários, principalmente no que se refere aos conservadores, tentarão postergar a convocação de eleições até serem tomadas medidas urgentes para abrandamento da actual crise económica.

Mineiros

Um relatório da Junta Governamental de Salários — que se julga que recomendará mais altos ordenados para os mineiros em greve — está pronto para ser apresentado ao novo Governo.

Se os mineiros aceitarem a

nova tabela de salários, essa atitude porá termo à greve das minas de carvão, que dura há três semanas, desanuviando a sombria atmosfera nacional causada pela semana industrial de trabalho de três dias, que foi imposta com o intuito de se poupar combustível.

Mas se os mineiros, por outro lado, decidirem que o aumento não é suficiente, poderão utilizar o seu desacordo como uma alavanca final para Edward Heath ser destituído do cargo.

O secretário-geral do Sindicato dos Mineiros, Lawrence Daly, disse ontem peremptoriamente: «A verdade é que nós derrotámos Heath».

Daly declarou que os membros do Sindicato deverão receber as devidas compensações salariais pelo período em que estejam em greve, sendo as novas tabelas de ordenados retroactivas a 1 de Novembro.

Tentando suavizar a sua derrota, os conservadores argumentam que obtiveram a maior parte do voto popular — 38,1 por cento, contra 37,2 por cento para os trabalhistas e 19,3 por cento para os liberais — e dizem também que o trabalhismo não possui um verdadeiro mandato da Nação devido aos 57,4 por cento de maioria contra o Socialismo, aglomerando a percentagem dos conservadores com os liberais.

Existe também a possibilidade de Edward Heath deixar qualquer outro ministro conservador tentar formar Governo, retirando-se da lide se vir que não consegue suficiente apoio pessoal.

Um dos conservadores indigitados mais comumente para poder tentar formar outro Governo conservador é William Whitelaw, antigo ministro para a Irlanda do Norte e actualmente secretário de Estado para o Trabalho.

Todavia, um jornal publicou a notícia de que alguns ministros conservadores se mostram favoráveis a «sir» Alec Douglas-Home, ministro dos Estrangeiros e antigo líder do Partido Conservador. Esses ministros favoráveis a Douglas-Home frisam que este tem muito mais prestígio e possibilidades para tentar a formação de um Governo.